

ANA CAROLINA AMARAL MARTINS

## MORAR NA FAVELA

ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORADIA NAS FAVELAS NOVA  
ESPERANÇA E VILA PEREIRA DA SILVA

Dissertação de Mestre do  
a presente da o Programa de Pós-  
graduação em Arquitetura, Engenharia  
de Arquitetura e Urbanismo, da  
Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, como parte dos requisitos  
necessários para a obtenção do título de  
Mestre em Ciências em Arquitetura.

Orientador:

Prof. Orientador Mauro César de  
Oliveira Santos, Dr.

Rio de Janeiro  
Fevereiro 2017

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARTINS, Ana Carolina Araújo —

Moradia e espaço: estudo das representações sociais da moradia e suas variações  
No Espírito Santo e no Rio de Janeiro. Ana Carolina Araújo Martins. Rio de Janeiro: FR/FA/PROARQ, 2007.

i, 14 f.: il., 7 c.

Orientador: Mauro César de Oliveira Santos, Dr.

Dissertação de Mestrado — FR/PROARQ Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2007.

Referências Bibliográficas: f. 11-14

1. Arquitetura. História. Espaço. 4. Representações Sociais (Mestrado) — FR/FA/PROARQ.

I. Santos, Mauro César de Oliveira. II. FR/FA/PROARQ. I. Título.

ANA CAROLINA AMARAL MARTINS

## MORAR NA FAVELA

ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORADIA NAS FAVELAS NOVA  
ESPERANÇA E VILA PEREIRA DA SILVA

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura.

Aprova por:

---

Prof. Mauro César de Oliveira Santos, Dr. Orientador  
PROARQ FA - UFRJ

---

Prof. Luiz Fernando Tavares  
NESC - UFRJ

---

Profª. Mariana Pereira da Silva  
PGE - UFRJ



Anna vócy Anna Martins (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos  
Ao meu pai Paulo César pelo incentivo e apoio de sempre

Agradecimentos  
A Mãe, Juliana e Mauricio,

Agradecimentos  
Ao professor orientador deste trabalho  
Muro César de Oliveira Santos,

Aos professores orientadores  
Luiz Fernando Tavares e Maria das Neves de Silva,

As pessoas que colaboraram com a pesquisa  
Prof. Luiz Fernando Tavares  
Profª. Ivani Burstyn

Ao centro sociológico Cristiano,  
A Associação de moradores de ~~Parque~~ Silva e seu presidente Pedro Paulo,  
Aos integrantes dos grupos de pesquisas Espaço Saúde e ~~Grupos~~

A querida amiga Jéne Milene pelo incentivo,

Aos amigos  
Luciana Maria Beck, Iracema Maria Chugr, Gustavo Cardoso Guimarães, Bianca Justo, Helena  
Santos, Luciene Maria, Diogo Cardoso, Thais Cardoso, Thiane Rangel, Regiane Couto, Maria  
da Glória, Dionísio

Ao PROARQ FAPESP, FR,  
A CAPES,  
A FAPERJ

## RESUMO

MORAR NA FAZENDA

ESTADO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORADIA NAS FAZENDAS  
ESPERANÇA E JARDIM DA SILVA

Alcides Almeida Martins

Orientador

Prof. Orientador: Mauro César de Oliveira Santos, Dr.

As três vezes compõem o cenário fluminense e se caracterizam, em geral, por a lúria recriar uma população de baixa renda. Durante mais de um século, períodos que já teve suas representações foi o “morar de poluição”, “dos trabalhos duros”, “do vício e da promiscuidade”, “o do trabalho e da cultura popular”, a té chegar aos dias de hoje como o “morar de violência”. Essa representação o dia a dia é tanto de quem vive no campo, como de quem vive na cidade.

A proposta deste estudo é identificar a representação da moradia pelo olhar de três vezes, pois o observamos conjuntos habitacionais, períodos e uma contida o entre as propostas e o que esses moradores significam, refletido na sua trajetórias das edificações, que usa sempre concretiza o dessa representação. O estudo pretende alcançar a ideia de como o olhar do ser próprio do espaço de que dispõe a cidade e a cidade de concretizar o ideal de moradia, com os recursos espaciais de que dispõe e como as condições impostas para configurar o espaço da cidade.

Para a realização dessa pesquisa foi desenvolvido um estudo dirigido a análise comparativa em que foram realizadas dos questionários com os moradores da Fazenda Nova Esperança e Jardim da Silva em bairros próximos, os quais são da cidade do Rio de Janeiro. Foram selecionados 17 e 17 moradores a serem entrevistados respectivamente. O questionário era composto de questões de livre evocação e de questões induzidas MORADIA, perguntas sobre “morar com conforto”, “morar com segurança” e “morar com qualidade”, um questionário socioeconômico e uma seção de imagens de livre escolha para fins de se conhecer o sentido de “morar bem”.

Constatamos que as representações sociais da “moradia” das três vezes estudadas, são um pouco diferentes. Em Nova Esperança, temos uma visão recente que

de de sa gda s, isca d nu, terreno qu a do, co, b s ntea re verde e e, cont to co, a  
a turez . Se poss ve, u, a a a l onit , nu, u r seguro, b nqui o e se, v i e nci .

A a i o d dos projetos e, conjuntos b l i c i o i s a o e s t d e a c o r d o c o , a  
represent a o do " e r l e ,", o que u d s vezes proporciona u a a o a c e t a o , nu,  
a so de re, o a o ou re, o a o . Essa a o a c e t a o pode o a s i o r u , retorno d a o o a  
de orige, ou d a u a ou a a v e , prejudic a n d o os progr a s b l i c i o i s , a d a b u n d o  
por a n t e r e , rit, o a c e t a o do o cresci, ento des a a r e s .

Palavras-chaves: Arquitetura, b l i a o de Interesse Soci \_ Represent ões soci is,  
a v e s .

## ABSTRACT

LIVING IN THE SLUM

STUDY OF SOCIAL REPRESENTATIONS OF HOUSING IN NOVA ESPERANÇA AND  
ILARÉ, BARRA DA SILVEIRA

Ag. G. rodrigues Almeida Martins

Orientador:

Prof. Orientador: Mauro César de Oliveira Santos, Dr.

The slum quarters compose the Rio de Janeiro scene and if they had been characterized, in general, for sheltering an income population. During more than a century, we perceive that the slum quarter had some representations: it was already the "place of the poverty", "of the workers", "the vice and the promiscuity", "cradle of the slum and the popular culture", until arriving at the present as "place of the violence". This representation of the slum quarter is a sort of those who live there than those who live in it.

The proposal of this study is identify the representation of the housing for the slum quarter in Brazil, therefore, when observing Brazilian cities, we perceive a contradiction between the proposal and that these inhabitants do not, reflected in the constructions changes, that takes research to make representation. The study also intends to analyze how the inhabitants appropriate the space of that it makes use, to analyze it is a due to materialize the housing idea with the scarce resources of that it makes use and with the limitations imposed for the space configuration of the slum quarter.

To realize this research, it was developed a directed study for the planning analysis, here it was realized questionnaires with the inhabitants of the Slum quarter "Nova Esperança" in Barra da Ilha de Itaipua and "Ilaré" in Barra da Ilha de Itaipua, located in the city of Rio de Janeiro. 10 and 100 housings had been selected and, respectively. The questionnaire was composed of association of words of free choice with the inductive word HOUSING, open questions ("to live with comfort", "to live with security" and "to live with tranquility") and socio-economic questions and a reaction of images of free choice, in order to know the direction "to live well."

The evidence that the social representations of the "housing" in the two studied slum quarters are quite different. In Nova Esperança, we have recent slum quarter that still searches infrastructure urban, the own house and the tranquility. In Ilaré, a slum quarter with years of existence, to have comfort, to have the necessary minimum and household-electric is priorities. In two cases, "to live well" is in a house, with a great roof,

is located in a beautiful landscape, with sufficient green areas and in contact with the nature. If possible, one pretty house, in a peaceful place and without violence.

The majority of the projects in the housing sets is not in accordance with the representation of "living", but many times provide not acceptance, in case of rejection. This "not acceptance" can be used as a return for the original place or to another suburban quarter, bringing the housing project, finishing for keeping in speed up rhythm the growth of these areas.

Keywords: Architecture, Housing with Social Interest, Social Representation, S.M.S.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 11: Divisão do Núcleo Central e Sistema Periférico.....	
Quadro 12: Quadro Resumido da Análise da Nova Operação .....	
Quadro 13: Quadro Resumido da Análise da Operação Simulada .....	1
Quadro 14: Comparativo dos Salvos.....	18

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 11: Demonstrando divisão entre as categorias de onde são oriundos os moradores de <del>Pereira da Silva</del> .....	6
Gráfico 12: Gráfico ilustrativo da Estrutura da RS da Moradia “a na morento” incluindo a <del>da Silva</del> .....	7
Gráfico 13: Gráfico ilustrativo da Estrutura da RS da Moradia “a na morento” e a <del>da Silva</del> separados.....	71
Gráfico 14: demonstrativo da divisão das imagens em “morador <del>de</del> ” e “do <del>morador</del> <del>de</del> ”.....	72
Gráfico 15: demonstrativo da divisão das escolhas das 7 imagens mais representativas “morador <del>de</del> ” e das 7 menos representativas.....	7
Gráfico 16: Morar com conforto.....	82
Gráfico 17: Morar com segurança.....	82
Gráfico 18: Morar com qualidade de.....	8
Gráfico 19: gráfico ilustrativo da estrutura da rede do Chefe da família das entrevistas.....	101
Gráfico 20: Gráfico ilustrativo da Estrutura da Representação Social da Moradia em <del>Pereira da Silva</del> .....	10
Gráfico 21: gráfico ilustrativo das escolhas das imagens em “morador <del>de</del> ” e “do <del>morador</del> <del>de</del> ”.....	104
Gráfico 22: gráfico ilustrativo das escolhas das imagens em as três que mais representam <del>morador</del> e as três que menos representam.....	104
Gráfico 23: “morar com conforto” para os moradores de <del>Pereira da Silva</del> .....	11
Gráfico 24: “morar com segurança” para os moradores de <del>Pereira da Silva</del> .....	114
Gráfico 25: “morar com qualidade de” para os moradores de <del>Pereira da Silva</del> .....	114



**LISTA DE FIGURAS**

Figura 11: Morro da Vila Velha e seu entorno com construções rurais. S.d. Museu da Vila Velha e do Sítio. Fonte: ZYLBERBERG, 1992:4

Figura 12: Vila Velha do Morro da Providência e suas vilas de pedra e suas estruturas e paisagens isoladas. ZYLBERBERG, 1992:4

Figura 13: Vila Velha do Morro do Pinto, fotografada por Augusto M. de A. e. 1991. Fonte: ZYLBERBERG, 1992:4

Figura 14: Dois instrumentos de visita de Alfred Agache ao Morro da Vila Velha. ZYLBERBERG, 1992:7

Figura 15: A evolução dos vários estilos e técnicas com que se construíram os bairros e épocas diferentes. S.d. Agência U.B. Fonte: ZYLBERBERG, 1992:7

Figura 16: Edifício de apartamentos da Rocinha. Fonte: LEITAO, 2004:1

Figura 17: reportagem retirada do jornal "O Globo" de 18/11/1990 sobre moradores de Vila Velha protestando contra remoção de Vila Velha, mostrando que a questão da remoção não é de discussão e teor.....4

Figura 18: reportagem retirada do jornal "O Globo" de 11/11/1990 .....44

Figura 19: reportagem retirada do jornal "O Globo" de 11/11/1990 .....4

Figura 20: mapa de distribuição do Vila Velha - Rio. Fonte: Secretaria Municipal do Planejamento.....4

Figura 21: Mapa de distribuição dos serviços da cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Arquivo de Dados da Prefeitura do Rio de Janeiro.....4

Figura 22: reportagem retirada do jornal "O Globo" de 17/11/1990 .....47

Figura 23: reportagem retirada do jornal "O Globo" de 11/11/1990 .....48

Figura 24: Estrutura de Representação social.....

Figura 25: mapa da cidade do Rio de Janeiro com a localização dos serviços de saneamento estudados.....

Figura 26: Foto aérea de Vila Velha - Rocinha. Fonte: Ortofotografia digital da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.....4

Figura 27: Foto da paisagem da Vila Velha.....

Figura 28: Interior da casa do Sr. Marcelo, morador da Vila Velha.....

Figura 29: Sr. Maria e sua filha, pais de João.....

Figura 30: Vila Velha 1. Fonte: Internet.....74

Figura 31: Vila Velha 17. Fonte: Internet.....7

Figura 32: Vila Velha 19. Fonte: Internet.....7

Figura 3: Ilustração genérica de uma propriedade	7
Figura 4: Ilustração genérica 1. Fonte: Arquivo pessoal	77
Figura 5: Ilustração genérica 11. Fonte: Internet	78
Figura 6: Ilustração genérica 1. Fonte: Arquivo pessoal	78
Figura 7: Ilustração genérica. Fonte: Revista Projeto Design Edição nº 78 de Abril de 2000	78
Figura 8: Ilustração genérica. Fonte: Ilustração genérica modificada para uso	81
Figura 9: Ilustração genérica. Fonte: pessoal	81
Figura 10: Planta baixa da casa da Sr. Teresinha	84
Figura 11: Planta baixa da casa da Sr. Elisir, com área para 80m <sup>2</sup>	8
Figura 12: Planta baixa da casa do Sr. Edemar, com área para 80m <sup>2</sup>	8
Figura 13: Planta baixa da casa de Márcia. Área: 101,1m <sup>2</sup>	87
Figura 14: Planta baixa da casa do Sr. José Carlos. Área: 107,7m <sup>2</sup>	88
Figura 15: Planta baixa da casa do Sr. Rodrigo. Área: 107,7m <sup>2</sup>	88
Figura 16: Planta baixa da casa do Sr. Edensson. Área: 107,1m <sup>2</sup>	89
Figura 17: Planta baixa da casa da Sr. Juliana. Área: 147,7m <sup>2</sup>	91
Figura 18: Planta baixa da casa da Sr. Judith. Área: 488,8m <sup>2</sup>	92
Figura 19: Planta baixa da casa da Sr. Aurea. Área: 104,4m <sup>2</sup>	92
Figura 40: Ilustração de uma técnica de desenho. Fonte: Programa Google Earth	97
Figura 41: Ilustração de uma técnica de desenho	98
Figura 42: Ilustração de uma técnica de desenho	98
Figura 43: Maquete feita com tijolos por criança para a casa	98
Figura 44: Ilustração de uma técnica de desenho	100
Figura 45: Ilustração genérica nº 1	100
Figura 46: Ilustração genérica nº 1 para a casa	110
Figura 47: Casa de madeira-pique para a casa	11
Figura 48: Planta baixa da casa com 7,7m <sup>2</sup>	11
Figura 49: Planta baixa da casa de 11,1m <sup>2</sup>	117
Figura 50: Planta baixa da casa com 11,1m <sup>2</sup>	118
Figura 51: Planta baixa da casa com 10,1m <sup>2</sup>	118
Figura 52: Planta baixa da casa com 14,1m <sup>2</sup>	118

Figura 1	Punctajele de la cea mai mare coloană	$1 \cdot 1^2$	.....	1
Figura 4	Punctajele de la cea mai mare coloană	$17 \cdot 1^2$	.....	1
Figura 1	Punctajele de la cea mai mare coloană	$1 \cdot 1^2$	.....	1
Figura 1	Punctajele de la cea mai mare coloană	$1 \cdot 1^2$	.....	1
Figura 7	Punctajele de la cea mai mare coloană	$1^2$	.....	1
Figura 8	Punctajele de la cea mai mare coloană	$1^2$	.....	1
Figura 1	Punctajele de la cea mai mare coloană	$1^2$	.....	1
Figura 1	Punctajele de la cea mai mare coloană	$1^2$	.....	1
Figura 1	Punctajele de la cea mai mare coloană	$1^2$	.....	1
Figura 1	Punctajele de la cea mai mare coloană	$1^2$	.....	1
Figura 1	Punctajele de la cea mai mare coloană	$1^2$	.....	1
Figura 4	Punctajele de la cea mai mare coloană	$47,4 \cdot 1^2$	.....	1

# SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo I – As favelas cariocas: representações e políticas .....</b>	<b>20</b>
1.1. A revolução industrial e a questão da habitação .....	20
1.2. A República e o surgimento das primeiras habitações e as primeiras intervenções do poder público .....	21
1.3. A intervenção do Estado na habitação e reconhecimento da necessidade de uma "legislação" .....	22
1.4. A pedagogia civilizatória e a intervenção "proletária" .....	23
1.5. A intervenção "proletária" política .....	24
1.6. Os "desempregados" e o reacionarismo .....	24
1.7. A intervenção e o uso do vício e da prostituição .....	25
1.8. A consolidação de uma forma de "ordenar" a intervenção e o uso da violência .....	26
<b>Capítulo II – Pressupostos teórico-metodológicos .....</b>	<b>52</b>
2.1. A Representação Social .....	52
2.1.1. A estrutura .....	54
2.1.2. Análise de conteúdo .....	54
2.1.3. Objetivos de Pesquisa .....	57
2.1.4. Procedimentos utilizados .....	57
<b>Capítulo III – Estudos de Caso .....</b>	<b>62</b>
3.1. <del>o</del> Nova <del>América</del> na .....	62
3.1.1. Representação e o erro .....	64
3.1.2. A pesquisa e o método .....	64
3.1.3. Apresentação dos resultados .....	64
3.1.4. A estrutura da Representação Social .....	64
3.1.5. A Representação social "Mora Leste" .....	67
3.1.6. O "conforto" e "segurança" e "liquidez" .....	68
3.1.7. As representações concretizadas .....	68
3.1.8. Análise dos resultados .....	68
3.1.9. <del>o</del> <del>Perceção</del> <del>Social</del> "Perceção" .....	67
3.1.10. Representação e o erro .....	68
3.1.11. A pesquisa e o método .....	68
3.1.12. Apresentação dos resultados .....	68
3.1.13. A estrutura da Representação Social .....	68
3.1.14. Representação social "Mora Leste" .....	68

1920



Com o objetivo de melhor entender o modo de vida das pessoas, optou-se em trabalhar com a Teoria das Representações sociais.<sup>1</sup>

Pretende-se com esta pesquisa obter subsídios para a elaboração de novas propostas educacionais no momento em que foram os passos de entender esse modo de vida. Na vez entendidos o modo de vida e o espaço por ele idealizado, serão os passos de desenvolver projetos com maior ênfase nos seus aspectos





## Capítulo I – As favelas cariocas: representações e políticas

*“Ao longo deste século, a favela foi apresentada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano: como foco de doenças, gerador de mortais epidemias; como sítio por excelência de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de populações sem moral”. (ZALUAR; ALVITO, 1998:14).*

### 1.1. A revolução industrial e a questão da habitação

A revolução industrial da segunda metade do século XVIII trouxe o problema de prover a habitação para os operários das fábricas inglesas que se deu pela migração do campo para as cidades que a revolução produziu de mão de obra. Posteriormente, outros países europeus passaram por seus processos de industrialização, no entanto, apenas no século XX, esses processos trouxeram a arquitetura. Os meios de vida se modificaram, a inserção do mulher no mercado de trabalho consequentemente reduziu o dos espaços.

Com a revolução industrial principalmente em Inglaterra, observou-se que com o aumento centenas de população residente, que a habitação era usada e empregada nas cidades. As condições de habitação eram-se preocupadas de, com algumas jornadas de trabalho e remuneração insuficiente. Londres, em 1801, tinha 84.04 habitantes, em 1841, apresentava 1.077.700 e, em 1891, um total de 4.221.000 habitantes. O número de cidades inglesas com mais de 100.000 habitantes passou de 22 em 1800 e 180 para Inglaterra, a qual possuía mais de 80% da população das cidades. (CHOAY, 2000). Como referência a habitação são planejadas e distintas do modo de habitação. A estrutura antiga das cidades é questionada. As ruas estreitas, os espaços superlotados, o saneamento insuficiente e o deterioramento que se fez da cidade urbanização doente e insuportável para a população por higienização.

No momento em que a cidade do século XIX começa a tomar forma própria, é provocado um movimento novo de observação e reflexão. (CHOAY, 2000). Alguns críticos são inspirados por sentimentos humanitários e denunciaram, com o apoio de artistas e núcleos, o estado de deterioração física e moral em que vive o proletariado urbano, contribuindo para a criação do edifício inglês do trabalho e da habitação.

## 1.2 – A República e o surgimento das primeiras habitações em favelas ignoradas pelo poder público.

Aproveitando antigas tradições urbanísticas de Portugal durante o período colonial, nossas vilas e cidades apresentavam ruas de aspecto uniforme, com residências construídas sobre o alinhamento das vias públicas e redes de águas sobre os limites dos terrenos. A uniformidade dos terrenos correspondia à uniformidade das edificações no aspecto externo e interno.

No começo do século XIX, um novo tipo de residência apareceu para indicar de frente para a rua representava uma transição entre os velhos solares e as casas térreas. Longe do comércio, nos bairros de maior ter residências na forma de imitação do período para as residências de rua, sem os efeitos das ruas, que são as porções mais ou menos elevadas.

Após a chegada da família Real, os conselhos se organizaram sob a forma de corporações “câmara” ou “câmara”. O costume europeu de receber é inserido na cultura de nosso país, ainda que contra a vontade dos velhos senhores de engenho. A presença da mulher começa a ser notada sutilmente na elegância das roupas e dos gestos de idosos.

No fim do século XIX a grande transformação aconteceu no cenário socioeconômico e político da cidade do Rio de Janeiro. São essas transformações que vão proporcionar uma remodelação e configuração urbana da cidade. Dentre elas, podemos destacar a decadência do feudo e a emergência de uma economia mercantil por meio da indústria que se desenvolve com a população urbana em vertiginosa ascensão. No entanto, “...o vertiginoso aumento da população e o fato de não poder mais suportar o correspondente do número de habitantes, pois a construção nos moldes tradicionais era e tornava-se cada vez mais difícil”. (Lima, 1977, p. 100). Assim, a Lei Aurea nº 1 de maio de 1888, portanto, substituiu o do antigo plano urbano por um novo plano urbano por meio das reformas. Com o desenvolvimento dos setores secundários e terciários da economia urbana houve a definição de novas categorias sociais. A Proclamação da República e as transformações referentes à organização política do Estado brasileiro foram um fator importante para a configuração desse quadro.

A modernização da cidade se traduziu no aumento do crescimento urbano, no surgimento de infraestrutura e serviços públicos, sistemas de iluminação pública, transporte coletivo de trens, esgotos, bondes, abastecimento de água, telefonia, energia elétrica, etc.

As transformações mais significativas da paisagem envolveram a reorganização do espaço urbano. No Rio de Janeiro no início do século XIX, prevalecia o modelo das ruas largas por parte dos padrões indianos, uma prática colonial. Com o fim das ruas largas e seus quadros de espaço. Com a modernização, rompeu-se a unidade da cidade e o crescimento dos quadros de espaço dos de espaço tornou-se crescente. No modo de produção capitalista, surgiu o conceito de loteamento por parte das grandes proprietárias para a criação de uma **vila operária**. Antes da difusão desse modelo entre nós, os empregados ofereciam outras modalidades de loteamento aos trabalhadores. As senzalas, os dormitórios e as vilas operárias foram alguns dos objetos arquitetônicos que marcaram a reorganização do espaço urbano.

Em paralelo a isso, juntamente com a necessidade de melhorias para o crescente contingente de trabalhadores, surgiram os primeiros tipos de habitações coletivas: os cortiços, estalagens e casas de cômodos.

Segundo ~~o autor~~ as **estalagens** eram grupos de casas térreas, enfileiradas de uma ou dos dois lados dos quarteirões, formando um pátio ou corredor de acesso, dotadas de instalações sanitárias coletivas. A egalidade dos espaços nessas unidades impunha o mesmo loteamento e a tipologia dos cotidianos e o exterior. De uma certa maneira, a utilização coletiva das estalagens comparadas às senzalas, que são espaços arquitetônicos cuidadosamente planejados sob condições iniciais para o doente sobreviver, com uma única diferença de que, nas senzalas, os doentes eram por fora e nas estalagens, por dentro. A partir da segunda metade do século XIX se difundiu o termo **cortiço** para esse tipo de acomodação. Já as **casas de cômodos** eram térreas ou sobrados, originalmente unitárias, subdivididas internamente, que surgiram no fim do século XIX.

Construir habitações coletivas estava se tornando uma prática comum entre proprietários e arrendatários de imóveis. No entanto, essa situação gerava problemas de saúde pública e de doenças e convulsões sociais, por esse motivo, foram condenadas a demolição. Em 1850, o governo brasileiro criou o "Código de Porco" o melhor cortiço e proibiu a construção de cortiços e estalagens em toda a cidade. Propôs-se, então, que esse tipo de habitação fosse substituído pelas vilas higiênicas.

"Durante a crise, uma das últimas alternativas para os despossuídos era a construção de asilos onde o cesso de terra se poderia realizar sem as despesas da cidade ou em seus vizinhos os porcos" ~~o autor~~

Alguns historiadores estabelecem uma relação entre o retorno dos soldados das campanhas da Guerra do Paraguai (1870) e a ocupação dos espaços dos porcos.



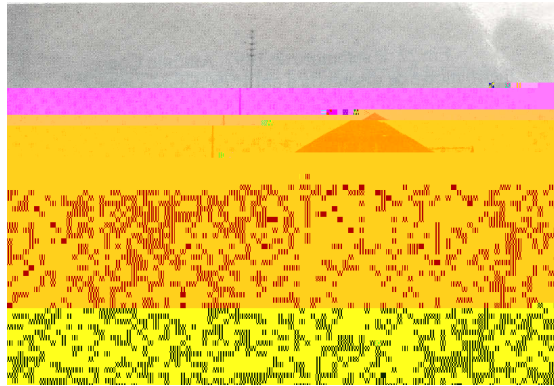


Figura 71: Morro da Velha e seu entorno com construções rurais. S.d. Museu da Ilha Grande e do Sotão.  
 Fonte: ZYLBERBERG, 1992.

Não-se sabe ainda que a legislação de 1976, embora bastante restritiva, levou a ser “construções nos morros”. Proibiu construções de alta densidade e que se tornassem ruas centrais, a ser feitas e cercar os morros “que ainda não tivessem construções e edificação icena”.

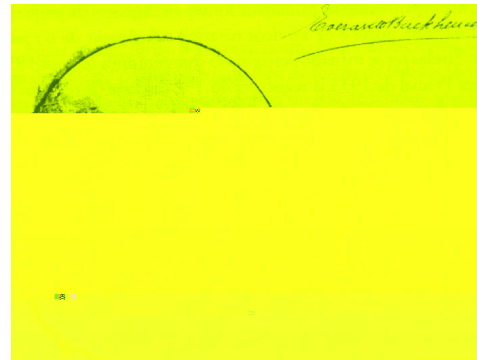
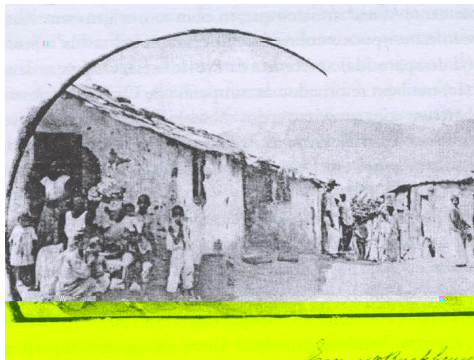


Figura 72: Vista do Morro da Providência e 1976 através de fotografias em preto e branco. Fonte: AZEVEDO, 1997.

Nessa mesma época, veloz e para o desenvolvimento, do núcleo iniciaram por outros morros da cidade o longo das décadas seguintes: Morro dos Teófilos, Mangueira, Morro de São Carlos, ~~da Providência~~, da Serra do Bonifácio e da Ilhota (Lima). Nesse período, a tendência crescente migração de trabalhadores oriundos do campo, a ser reformada e a ser realizada pelo poder público no início do século, e levando os cortiços onde viviam cerca de 100 mil pessoas, contribuindo significativamente para o crescimento da população da ilha (Azevedo, 1997).

Nesse período “a velha” (o termo passou a ser generalizado para esse tipo de morro) passou a ser uma forma de lutar que ajudaria a fazer o desenvolvimento do século XX. (ABREU, 1997).

Na primeira década do século XX, o processo de urbanização atingiu o centro e as zonas norte e sul. Também houve notícias sobre grupos de imigrantes e erros da zona norte.

O Plano Agache (1962-1970) é um marco importante dessa nos. Realiza o planejamento da administração do Poder Único, constitui o planejamento de terra e das classes dos habitantes de controlar o desenvolvimento da forma urbana da cidade. O Plano propriamente dito que foi implementado, indica que as sugestões de melhorias realizadas são as seguintes.

O Plano pretende transformar o Rio de Janeiro numa cidade monofuncional exigindo inversões de valores, bastante superiores as possibilidades dos cofres públicos. Pretende ordenar e elevar a cidade segundo critérios funcionais e de estigmatização do espaço. Preocupa-se também com as condições de reprodução da forma de trabalho industrial sugerindo que o Estado assumiria uma parcela significativa na reprodução, bastante reduzindo os seus custos de programação e implementação.

Constitui no primeiro documento oficial a tratar e discutir, em primeira mão, que em se profere a cidade. Isto é, uma preocupação social e estética, o plano apresenta como solução a sua erradicação, que deverá fazer parte de uma estratégia maior de intervenção do Estado na cidade. Entretanto, com a revolução de 1964 o plano não é realizado.

O primeiro levantamento aerofotogramétrico da cidade realizada o dia 22 de setembro de 1963 quando se encontra a consolidação da guelha são vãos como oorro de São João, de São Carlos, da Mangueira e do Guapeiro. (Silva, 1970)

### 1.3. A intervenção do Estado na habitação e reconhecimento da favela como uma "aberração".

O clima político, econômico e cultural durante o primeiro governo Vargas (1930-1964) colocou em cena o tema da habitação social como uma forma de mais visibilidade. Os congressos internacionais de arquitetos se tornaram uma referência importante no debate sobre a habitação, onde se consolidaram posições que influenciaram as práticas gerenciais de profissionais. No entanto, a política habitacional existente para a população de baixa renda, organizada em 1961, beneficiava e causava em parte a exclusão dos direitos de atividades dos coletivos pelos IAPs (Institutos de Aposentadoria e Pensões)<sup>4</sup> (BOND, 1990).

<sup>4</sup> Os IAPs tinham por finalidade regulamentar os benefícios previdenciários e assistência médica de setores de atividades. Seus recursos financeiros, portanto, serviam também como meio de realização de obras e serviços no campo da produção da habitação, com o financiamento e construção de diversos empreendimentos de habitação social em diferentes estados brasileiros.



Nesse período começa a discussão a respeito do papel do Estado na produção de habitações (o Estado provedor), o que vai gerar tentativas de ampliação das atividades dessa questão, que passa a ser vista como condição básica de reprodução da força de trabalho e, portanto, como fator econômico da estrutura de industrialização do país. A habitação é elemento da formação ideológica, política e econômica do trabalhador, e, portanto, decisão crucial do “homem novo” e do trabalhador-povo. (BONDY, 1987).  
Um aspecto importante desse período é a noção de que a casa própria do trabalhador corresponde ao modo de industrialização que está se consolidando no período, rompendo com a exclusividade do setor rentista.

No período em que a cidade do Rio de Janeiro se recupera economicamente e corresponde a administração de Pedro Ernesto, quando já vem a ser vista politicamente. O governo de Pedro Ernesto demonstra uma mudança na visão das casas que existia um certo reconhecimento oficial dessa parte da questão da habitação e o exercer, nesse período, uma ação mais concreta, por parte do governo.

Embora já se identifiquem as várias tendências, é nessa década que essa grande visibilidade de compra pública e o planejamento de números de grandes dimensões. Tendo em vista, entre outros fatores, essa crescente visibilidade dos problemas habitacionais, em 1960 é realizada a primeira tentativa de registro de “casas” do Estado. Predomínio do Distrito Federal que pode ser interpretado como a primeira etapa que registra o que viria a ser a ideia de se transformar as casas.

Até então a tendência das casas foi de se instalar tanto nos morros, onde a urbanização já se consolidava, quanto nas áreas de expansão da cidade. Nesse período, pode-se observar que em quase todo o espaço urbano da cidade e estas várias consolidadas, seja de desenvolvimento de outros setores de elite (Zona Sul), seja de outros setores populares e das áreas industriais (Zona Norte, Sudeste e Sul, Urubitinga e de Itaboraí).

O Decreto 117 que instituiu o primeiro código de Obras da cidade de Brasília do em 1967 e apresenta regulamentação e o direcionamento que o poder público desejava para a cidade, especialmente no que se refere às casas. O decreto representa a primeira vez que o “problema” das casas vai ser reconhecido e tratado de forma repressiva.

O decreto registra com precisão a situação da região das casas. Por serem consideradas “aberrações”, não podem constar no plano oficial da cidade, por isso o código propõe sua eliminação, pelo que já é uma tentativa proibida construção de novas moradias sociais com as melhorias existentes. Portanto, descoberta do problema das





As escolas públicas e as universidades tiveram a sua importância e o seu papel social reconhecidos oficialmente e tornaram-se objeto de estudo. Além disso, a cultura, e, em particular, a música popular, passaram a ser incorporadas à vida social da cidade.

#### 1.4. A pedagogia civilizatória: a favela como um “problema moral”

A década de 1940, que a existência da favela foi a sua principal característica, foi a década em que a favela passou a ser reconhecida oficialmente e tornou-se objeto de estudo. Além disso, a cultura, e, em particular, a música popular, passaram a ser incorporadas à vida social da cidade.

Henrique Dods Orth (interventor substituído pelo prefeito do Rio de Janeiro em 1947) percebeu a necessidade de estruturar ideias de educação da favela numa perspectiva mais técnica, baseada em dados concretos e não nos que tinham sido dados de um programa de Parques proletários. Esse programa foi resultado de um relatório apresentado pelo diretor de Obras de Moura (Belatório Moura), no ano de 1947, contendo sugestões preventivas e reativas. A parte preventiva sugeria o controle de entrada no Rio de Janeiro de indivíduos de baixa condição social, o realinhamento de indivíduos de baixa condição social nos seus Estados de origem, a fiscalização e severa punição dos que procuravam construir e reconstruir de clandestinos, a fiscalização dos indivíduos cobertos pelas instituições de assistência, o proporcionar forte programa de reeducação social entre os moradores da favela, de modo a corrigir hábitos pessoais de uns e incentivar a escolarização. Quanto à parte reativa, sugeria a construção de unidades provisórias, pelo menos do tipo sanitário permanente, sendo imediatamente construídas e transferidos os moradores das clandestinas, tendo em vista as suas condições de saúde, de higiene e de defesa contra doenças, a fim de inspecionar o tocamento das unidades de conduta social (ALLA, 1980).

Em 1942, o governo iniciou a concretização dos parques proletários que deveriam ser organizados em três grupos. A primeira unidade foi a do bairro de Méier, na parte de cima do Pinto. No mesmo ano, esse primeiro grupo de unidades recebeu o nome de Parque Proletário da Gávea ou Parque nº 1 e, logo depois, foram inaugurados o Parque Proletário nº 2 no Gávea, e um terceiro, dentro do bairro do Pinto, no Leblon. Pouco mais de 4.000 pessoas foram organizadas nessas três conjuntos (ALLA, 1980). Nesse primeiro plano, verificou-se que os indivíduos moradores de favelas são os mais necessitados de civilização, sendo portanto este que, juntamente com a preparação de suas instituições, é o principal dos parques urbanas ideadas para os moradores da favela.

Os parques projetados, que deveriam ser locais de temporária habitação para aliviar as condições por muito tempo que devessem ser somente locais transitórios quando ocorresse a erradicação dos respectivos bairros. (BERGOS, 1960, p. 20). Somente nesse momento, o parque projetado nº 1 da Gávea e o parque nº 2 do Leblon são fixamente estabelecidos.

Periférico. Durante décadas de 40, o urbanismo vertiginoso das novas áreas, juntamente com os subsídios que se expandiam horizontalmente e os bairros de ocupação que se vertiginavam. O Rio de Janeiro cresceu em direção aos núcleos periféricos e bairros suburbanos mais distantes. (AZEVEDO, 1997, p. 100)

O “plano” urbanístico direcionou as classes médias e altas para os edifícios de apartamentos na região centro-sul que criou possibilidades de serviços e emprego relacionados com as novas construções, fazendo com que parte da população mais pobre se deslocasse para o norte. Os empregos gerados pela indústria e para o comércio, política e cultura da cidade nessas novas áreas, entre outros fatores, intensificaram os fluxos migratórios para a cidade. O Processo migratório para o Rio de Janeiro foi outro fator contribuinte para o urbanismo das novas áreas, o que se intensificou rapidamente durante a década de 30. A demora de décadas para a construção de novos edifícios de apartamentos ocasionou redução do oferta de casas de cômodos e áreas de aluguel. (ABREU, 1997, p. 100)



Figura 1 - Aspectos dos rios estílicos e a terra com que se construíram os bairros em épocas diferentes. S.d. Agência U.B. Fonte: ZYLBERBERG, 1960, p. 20

### 1.5. A favela como um “problema político”

Em 1946, após o fim da Segunda Guerra Mundial, foi criada a Fundação da Casa Popular, que teve importância pelo seu trabalho na cidade e pelo fato de ter sido o primeiro órgão especificamente dedicado que privilegiava o atendimento universal das demandas de

menor poder aquisitivo. Dessa maneira, a questão da luta cidadã tornou-se de vez em quando um problema governamental. (BOND, 1981).

Hidelfonso de Góia assumiu a Prefeitura da cidade de Rio de Janeiro em 1947 e governou a cidade durante cerca de um ano e meio. Nesse período, um setor e pressivo da Igreja Católica, preocupado com os avanços dos comunistas nas ruas, procurou a autoridade federal e propôs a criação de uma **Fundação Leão XIII** em 22 de janeiro de 1947 cuja finalidade era "a assistência material e moral aos habitantes dos bairros e favelas do Rio de Janeiro". Tinha por finalidade de principal oferecer uma terra para pedregosa populosa do Estado do Novo. No âmbito da ideia de Estado Novo, a Igreja ofereceu cristianizar o país através no âmbito da coerção, ofereceu persuasão. Para operacionalizar esta proposta a Fundação Leão XIII propôs-se manter "escolas, laboratórios, creches, maternidades, cozinhas e vans populares". (ALFARE, 2004).

No Rio de Janeiro desta época - se dá influência nesse período presença do Departamento de Habitação Popular (DHP), que foi responsável por projetos como o Conjunto Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho) e o Conjunto Marquês de São Vicente (Marquês) de Affonso Eduardo Reidy, com forte influência dos pressupostos da arquitetura moderna.

Nesse período foram realizadas dos primeiros censos urbanos e a cidade estava vivendo nas ruas. O primeiro censo de década de 1940 teve o fim da década de 1940 caracterizou-se o desenvolvimento do setor industrial e a realização do fenômeno de metropolização das grandes cidades.

O fechamento político de 1947 e 1948 o crescimento das ruas era conseqüente pressão de setores econômicos e políticos da cidade de Rio de Janeiro a partir da repressão, só a justificativa de "e tinha o" das ruas.

O primeiro censo das ruas do Distrito Federal aconteceu em 1948 com o resultado de uma preocupação com a quantidade e a qualidade dos sistemas de saneamento, da sua visibilidade de que se tornou maior.

O desenvolvimento das ruas em todas as áreas, mais especificamente nas zonas Norte, Sul, Leste e Zona Sul com o crescimento de núcleos o desenvolvimento dos

---

Período em que se torna relevante influência da Guerra Fria no Brasil - referente ao governo Dutra, em que ocorreu a suspensão da atividade dos jovens Comunistas, com a criação de do PCB suspensão de direitos sindicais restrita o discurso dos políticos, censura da imprensa e a quebra da liberdade de funcionamento e dos trabalhadores do setor privado repressão aos manifestos e comunistas discursivos. A repressão atingiu os mais diversos setores sociais, mas esse processo repressivo não foi unicamente. Em toda América Latina os EUA desenvolveram a política de conquista do poder por grupos antidemocráticos, pois a influência da URSS.

1923 que e a ndi a cora a ior vigor e que se so a a a que s consolid s a d e d de 1923.

A quest o a l u a c i o n a - o s t r u - s e d e a t i d e , t e n d o c o m o u m a d s p r i n c i p a i s e p r e s s o e s o c r e s c i m e n t o e p o s i v o d e s a v e s d a c i d e . E m 1943 q u a n d o M e n d e s d e M o u s a s s u m i u a p r e f e i t u r a s q u e s t o e s s o c i a i s e u r b a n a s a s a m n o v a m e n t e p a r p r i m e i r o p l a n o .

O c r e s c i m e n t o d e s a v e s d a c i d e p a s s o u p o r i z a d a i o r p a r t e d o s d e p u t a d o s e , e m t o r n o d e s a s q u e s t o e s a s f o r a s p o t i d a s d o p e r i o d o t r a s a a p a r t e d e a " p r e s i d e n t e d o R i o d e J a n e i r o " , i n i c i a m e n t e u m c o n j u n t o d e a r t i g o s d a i m p r e s s a , d e p o i s p r o p o s t a s e i n t e r v e n e s q u e e t r a p o s a m e c o n f e r i u m n o v o s s i g n i f i c a d o s a q u e s t o d e s a v e s , a p e a r d e t e r d e s e n a d a d o p o u d a a o . ( S I L A , 1970: 114 ) .

N a d e c a d a d e 70 , o s e t o r i n d u s t r i a l s e e p a n d i u e s e d i v e r s i f i c o u , e o p a p e d o i n v e s t i m e n t o p u b l i c o d a m u d a n a d e e s t r u t u r a p r o d u t i v a f o i e n t i a d o . Q u a n d o f o r a a d i s c u s a o d e a p r o p r i e n e s s e p e r i o d o , d e v i d o a p r e s s o e s d e d i v e r s o s g r u p o s e d e u m a m u d a n a d e e s t r u t u r a d e p r o d u a o .

N o t a - s e q u e o c r e s c i m e n t o p o p u l a c i o n a l d e a r e a s p e r i f e r i a s d a c i d e e s t i n t i a m e n t e i g r a d a t i v i d a d e i n d u s t r i a l . A c r e d i t a - s e q u e u m a p a r t e d o s m o d o r e s d e s a v e s d o s u b u r b i o s e e m p r e g a d o s i n d u s t r i a l e i s t e n t e s q u e a a s s o c i a o o c u p a o i n d u s t r i a l a p r e c i m e n t o d e s a v e s f o i u m a d e s a c t e r i s t i c a s a i s a p a r t e s d e s s e p e r i o d o . O u t r o s f a t o r e s d e t e r m i n a n t e s p a r a e m p a n a o e m d i r e c a o p e r i f e r i a f o r a m a s o l t a s d e a n a m e n t o r a i z a d a s a d e c a d a d e 70 e 40 a e s t r i f i c a o d e C e n t r o d o B a s i l i a i n s t i t u i r a o d e a r t e f e r r o v i a r i a u n i d a e m t o d o G r a n d e R i o e a a l t e r t u d a d e A v e n i d a B a s i l i e m 1943 d e c o r r e n t e s d e c r e s c e n t e p r i o r i d a d e c o n c e d i d a o t r a n s p o r t e r o d o v i a r i o . ( A B R E , 1997: 117 ) .

T e m p o s a e n t a s e n o i n i c i o d e d e c a d a d o a r a n c e d e p r e s e n a e c o n s o l i d a c a o , n o i t e m p o n o r t e , d e s a v e s e m c o n d i c o e s d e p a r t i d a s p a r t e d e f a m o s e a d i c e n t a s . N o f i n a l d e d e c a d a d e s e a s s i d a m c o m a i o r i n s i s t e n c i a s o c u p a o e s a v e s d e s a p a r t e d e f a m i n e n s e . N a z o n a S u m o d a - s e a f o r m a c a o d e n o v o s n u c l e o s n o L e l y o n , e m C o p a d e h a e m p a r t e . ( P A R I S S E , 1970 ) .

A p a r t i r d o s a n o s 70 , n o t a - s e o e s t a b e l e c i m e n t o d e i g r a o e s a p a r t e s c o n s i s t e n t e s e n t r e a s a v e s e a p o t i d a , i n c l u s i v e c o m o s u r g i m e n t o d e i d e a r i a s q u e e s t a b e l e c e m v i n c u l o s o r g a n i c o s c o m o s p a r t i d o s . T e m p o s a m e n t e o a p a r t e c u l t u r a d e s a v e s c o m e a n d o a s e r

A origem do fato que contribuiu para a proliferação dos moradores de sítios e de segmentos intelectuais da classe média da cidade.

Em 1951, no governo do Prefeito ~~Dr. Carlos de Almeida~~ e Rorato, não é no entanto do chefe e em o cargo do "Serviço de Recuperação dos Sítios" que tinha como proposta "urbanizar os sítios".

Em 1955 é criada a Cruz da Saúde, com o nome inicial de Igreja Católica, mais precisamente do Bispo auxiliar Dom Helder Câmara, com o nome proposto pelo "projeto" dos sítios e tinha por finalidade de "derrotar o socialismo humano e cristão o projeto dos sítios do Rio de Janeiro". Para tanto, tinha como objetivo desenvolver "uma ação educativa de humanização e cristianização no sentido comunitário, partindo da urbanização e como condição mínima de vivência humana e econômica - intelectual - social e econômica" (ALLARD, 1978). A Cruz da Saúde mudou a perspectiva de urbanização e o projeto se tornou "integro dos sítios com o bônus". Na vez o movimento da Cruz da Saúde teve sido o que deu maiores frutos do ponto de vista da implementação de obras. Sua fundação pelo XIII Congresso com a perspectiva de influir na sociedade de moradores e a formação de ideias na sua Cruz da Saúde de forma mais direta, posicionando-se, em alguns momentos, como interlocutor dos moradores dos sítios junto ao Estado. (ALLARD, 1978).

Surge, em 1942 as primeiras sociedades políticas dos sítios, o que provocou a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Sítios. Ideia criada como experiência cooperativa dos moradores do Morro do Bore e surgiu na época do Major Torres Filho, seu objetivo imediato era custear a ação judicial contra a ordem de despejo provida pela Bore-Meuren Ltd, mas a organização pôde também atuar em outros sítios. (Lima, 1978).

No decorrer dos anos de 1955 a 1960, o poder público não privilegiou a "gestão, favelas e urbanização". Iniciou-se o governo do presidente Juscelino Kubitschek com uma proposta desenvolvimentista, cujo lema era "cinquenta anos em cinco".

A segunda etapa de ação do Estado trouxe medidas significativas com relação à ação do poder público. Em 1961 foi decretada a criação da Lei das Favelas autorizando o Ministério da Justiça e do Interior a destinar fundos a organizações que fossem com sítios e em que trocadas. Além disso "durante o período de dois anos (1961 a 1963) o seu e eclusão do nenhum despejo contra moradores de sítios situados no Distrito Federal" (Lei 27 de 10 de setembro de 1961).

---

O entendimento mais significativo da Cruz da Saúde construiu o do conjunto habitacional do Leblon.

Nos fins do ano de 1974, o governo do Distrito Federal instituiu, através do Decreto 1174, de 28 de agosto de 1974, o Serviço Especial de Recuperação de Favelas e Habitações Anti-Higiênicas (SERFHA)<sup>7</sup>. Inicialmente sem recursos, o SERFHA funcionou apenas podendo iniciar o Fundo do Loteo XIII e da Cruzada do Saneamento (ALLA, 1984). Suas propostas tinham uma perspectiva urbanizadora e de esforços sociais de melhorias, entretanto, devido à transferência de melhorias e construção de novas áreas, a maior parte das propostas e suas medidas desenvolvidas pelo Serfha.

Em 1977 os moradores das favelas criaram uma entidade autônoma para negociar seus interesses: a Comissão dos Trabalhadores Favelados do Distrito Federal, fundado com o objetivo de lutar por melhores condições de vida para os moradores das favelas. (EORTANA FORTANA, 1974:174).

Em 1958 é elaborado o estudo "Aspectos Humanos da Favela Carioca", uma análise sócio-econômica elaborada pelo SAGMACS<sup>8</sup> que foi encomendado pelo Estado de São Paulo. O Relatório propõe que seja formada uma política mais efetiva para as favelas, onde o SERFHA seria o órgão indutor da implementação.

## 1.6. Os "favelados" e o remocionismo

No início da década de 1970 desenvolve-se um grande debate sobre a necessidade de uma política habitacional de âmbito nacional e em 1971, no governo de Ayrton Siqueira, é criado o Plano de Assistência Habitacional do Instituto Brasileiro de Habitação. Em 1973, no governo João Goulart, estruturou-se o Conselho Federal de Habitação.

A atuação do Conselho Federal Brasileiro de Habitação do Estado do Rio de Janeiro trouxe em suas primeiras transformações, especialmente as políticas habitacionais e sociais. Em dezembro de 1973 assumiu o governo do Estado Carlos Lacerda. A direção da habitacional foi rapidamente mudada durante o governo de Lacerda, baseada na ideologia da própria, da "remoção das populações faveladas" e da construção dos conjuntos habitacionais na periferia.

Em termos genéricos, os anos de 1970 herdaram a tradição moderna dos conjuntos habitacionais esquecida dos anos 1950, muitos destes que foram a origem da população favelada reavivada. No entanto, durante um curto período, houve incorporação

<sup>7</sup> O "Serviço de Recuperação das Favelas", criado no governo do Prefeito João Carlos de Lacerda, anteriormente deu lugar ao SERFHA.

<sup>8</sup> Sociedade de Análises Geográficas e Melhorias Sociais Apoiadora dos Comportamentos Sociais

da titudeza terra tiva, porém, efetiva, de reconhecer os aspectos irregulares com o estruturas no contexto das cidades.

Nesses anos, viveu o Rio de Janeiro um período de crise nos serviços urbanos, crise habitacional e alto custo social e econômico para seus moradores mais desprivilegiados. Entretanto, a cidade não parou de crescer. Segundo dados do IBGE, em 1970 a cidade do Rio de Janeiro contava com uma população de 7.041.000, o que representou um crescimento de 30% em relação à população da década anterior (Lima, 2006).

A partir de então, a questão habitacional assumiu uma condição política e ideológica, e, entre os arquitetos, deixou de ser somente um objeto de desenho.

Há de se destacar o estabelecimento, nesse período, de um programa governamental de maior escala no campo habitacional — O SERFHA é e tanto e criou-se a Companhia de Habitação do Estado do Rio de Janeiro (COHAB) que ficou subordinada à Secretaria de Serviços Sociais, criada em fevereiro de 1970 sob a presidência de Sandra Grynanti (SILVA, 2004). A COHAB deveria realizar uma nova política habitacional — baseada na construção de unidades para famílias de baixa renda e remoção das famílias para esses conjuntos (Lima, 2006; Almeida e Espinosa).

Em 1970 houve uma modificação da Fundação Leão XIII, que passou de órgão vinculado à Igreja Católica para órgão do Estado.

A eleição de Negrão de Lima em novembro de 1970, posteriormente criou o CHISAM em novembro de 1970 que seria responsável por grandes remoções e construção de conjuntos na periferia. Construiu, entre 1970 e 1972, a Cidade de Deus, Almeida e Espinosa. (BERGOS, 1999: 4).

Destaca-se nesse período com bastante influência política e econômica a **Aliança para o Progresso**<sup>10</sup> e o **Acordo Internacional do Trigo**<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Coordenação de Habitação e Interesse Social Área Metropolitana do Rio de Janeiro responsável por grandes remoções de moradores.

<sup>11</sup> Programa de ajuda econômica e social dos Estados Unidos da América para a América Latina efetiva do entre 1961 e 1970. Durante 1960s, projetando um alto investimento, principalmente a responsabilidade dos Estados Unidos, através de diversas organizações internacionais, países europeus e empresas privadas.

<sup>12</sup> Acordo internacional do Trigo assinado entre Brasil e EUA em 11 de maio de 1970 que originou o Decreto Federal 7744. Disponível em <http://www.planalto.gov.br>



## 1.7. A favela como o lugar do vício e da promiscuidade

Com o movimento iniciado em 1964, a política brasileira redefiniu as relações entre os setores e o sistema e reinovou para o fechamento. Criou-se as condições necessárias para a ventura relacionista.

"Em tempos de 'fechamento político', como ocorreu na ditadura de Getúlio Vargas (1964-1967) e no período de vigência dos governos militares (1964-1984), o corporativismo se mostrou-se bastante forte, resultando da emergência do 'fora do lugar dos deuses', enquanto que, por outro lado, 'o advento das crises de liberdade (1964-1967 e 1984 até hoje) deu o ensejo aos setores para a emergência dessa estrutura de cidade, e a criação da principal política que controla os setores e a hora da sorte do voto" (ABREU, 1997: 20).

A iniciativa do governo militar - o Banco Nacional de Desenvolvimento - BNH em 1964. A política brasileira pós-governo de 1964 priorizou os investimentos em construção intensiva de obras para a venda, como forma de estimular o setor de construção civil e recurso para a melhoria do desenvolvimento, favorecendo bastante nesse período a ideologia da propriedade que estava de volta bastante forte. O fortalecimento dessa ideologia foi feito junto com a ideologia política de enfatizar "movimentos sociais" entre os trabalhadores.

O aprofundamento do déficit brasileiro para as populações de baixa renda manifestou-se no incremento de despesas, injeções, investimentos e gastos, cortados, mas, sobretudo, para a autoconstrução.

De 1964 a 1972 a "linha" progressiva do núcleo central do Rio de Janeiro Su- promoveu a política de grandes contingentes de trabalhadores dessa parte da cidade.

O trabalho do Fundação Leão XIII, nesse período, como a arquitetura do governo, pôde ser a obra de arquitetura que vai a ser com o lugar do **vício e da promiscuidade**. "Mas o que é mais o diálogo com as entidades políticas e a discussão sobre o que fazer com as áreas torna-se imperiosa a participação de seus moradores". (BERGOS, 1990: 4-4).

Negativo de Lição assumiu o Estado da Guanabara em 1964 autorizou um grupo de jovens arquitetos, planejadores, economistas e sociólogos formar a Comissão de Desenvolvimento de Comunidades - CODESCO, que vai trabalhar com propostas opostas à ideia do "relacionismo" indo contra as ideias do governo federal defendendo a urbanização

de a ra s de á ve<sup>12</sup> A a tera tíu CODESCO se a trope d pe reto a d d vi  
"re ocionist ".

Des a -se nesse per oda ci a o, e, 10 7, d A a o Co, uní a do Ba si (ACB),

## 1.8.A consolidação de uma forma de morar: A favela como o lugar da violência.

O crescimento da população só veio de se a partir do longo dos nos 70. Segundo dados do Censo demográfico de 1970 a população da cidade era de 400 mil habitantes. A ausência de investimentos do poder público e programas de interesse social e a impossibilidade de ingresso no mercado do imobiliário foram reforçar o problema da violência, agravando a situação de degradação, com o aumento da taxa de mortalidade da população e a poluição, a cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, podemos destacar dentre os fatores que propiciaram esse crescimento o aumento do mercado imobiliário e a violência urbana. Este último grupo que não consegue ter acesso às áreas e áreas com Rocinha, o custo de vida só vai ser muito inferior ao da cidade fora de uma parcela da população que não consegue pagar com esse custo, crescimento da zona Oeste da cidade para a região de comarca da Tijuca que se tornou uma favela.

No fim da década de 70, destacou-se a administração do Prefeito Ismael (1970-1978), que desde o início deu uma ênfase às áreas. Com o SMDS conseguiu o objetivo de melhorar as áreas. A equipe de Secretaria de Desenvolvimento Social realizou um estudo "Diretrizes para o Estabelecimento de uma Política de Aterros e Áreas de Lixo do Município do Rio de Janeiro" que critica a política de aterros e áreas anteriores, com toda a legislação que rege essas comunidades.

No mesmo ano (1970), o Ministério do Interior anunciou o PROMORAR (Programa de Erradicação de Favelas) que visava solucionar o problema das favelas sub-humanas, as áreas e áreas, urbanização quando possível e erradicação quando for "o só perdido", foi aprovado e depois do Ministério anunciou o projeto. O projeto se iniciou na região do Maré, no Rio de Janeiro, estendendo-se posteriormente a outras regiões. (ALFA, 2000).

Em maio de 1978, houve a eleição de Ismael e em junho o novo prefeito, Júlio Coutinho, assumiu. Ao voltar o problema das favelas através do PROMORAR (último programa integrado do governo militar), o governo Federal optou por um programa de urbanização e preservação das áreas "a preservação do patrimônio popular e dando prioridade para o saneamento básico, erradicação das áreas e transferência do título de propriedade aos moradores". O PROMORAR indicava que a priorização entre reorganizar e urbanização de deixar de presidir o departamento e o termo das áreas e a década seguinte, o eio de discussão de com o integrado áreas cidade. (BERGOS, 1994).

Esse período é marcado por um período de silêncio e a partir daí a política dos moradores de favelas, onde a luta por direitos é substituída pela disputa por pequenos favores, a luta do principal agente pelo melhor da luta do país relações. (BRUNO, 1999: 10).

Em 1982 a SMDS criou, com o apoio do Unicef, o **Projeto Mutirão**. O programa incluía obras de saneamento, pavimentação, contenção de encostas e serviços de água e esgoto. Sua filosofia é a participação da comunidade na definição de prioridades e na sua execução, com o que se pretende propiciar uma renda aos seus moradores.

Em 1982 as eleições do governador do Rio de Janeiro cearam uma oportunidade de discussões se manifestaram diante do Executivo. A vitória de Leonor Brizola significou a presença dos e cuidados numa outra esfera.

Em 1983, é criado o Programa de Favelas da CEDAE (PROFACE). Através dele o governo expande o sistema de água e esgoto às favelas, incorporando a rede de seus bairros. Além disso, a COMLURB utilizou o caso de Ilo e a partir dele foi iniciado um programa de iluminação pública.

Em 1984, o Programa de Eletificação de Interesse Social LIGHT desenvolveu desde 1970 a iluminação pública e outras favelas no Rio de Janeiro.

Neste momento a atuação do BNH evoluiu para o Programa Nacional de Autoconstrução, que recebeu o nome de "Projeto União-de-Bairro". Experiências de promoção de melhorias foram realizadas e, todo o Brasil, porém, houve uma prova de resistência para essa nova modalidade de que fizeram com que o programa não tivesse uma presença maior. Com a extinção do BNH o Programa foi encerrado pelo governo federal.

No momento o governo foi criado o Programa CADA FAMÍLIA UM LOTE que incluía a regularização da propriedade de favelas e favelas. O programa pretendia regularizar os síndicos os atores seus moradores, e eles se tornaram seus proprietários definitivos e teriam todos os direitos legais.

O "projeto" já vem necessariamente ser redefinido, uma vez que a própria ideia de regularização com o um projeto de saúde pública, um trabalho cultural e um defensor de direitos humanos, um projeto de segurança cidadã. Desse modo, o "projeto" já vem se inserir no processo de democratização da cidade.

Em 1985 é criado o Banco Nacional de Habitação e, com a constituição de 1988 os municípios ganharam autonomia financeira e o momento tempo em que houve a tripartição

série de responsabilidades. Em pouco tempo o projeto já vem se tornando curso de prefeitura. É hoje a única responsável de todas as questões relacionadas à educação, que se inserindo programas centrais dos e não vê federação que se trata de questão

Hoje, a parte dos bairros da Região Metropolitana do Rio de Janeiro vive em áreas ou lotamentos irregulares, em grande parte em áreas autoconstruídas. Nessas edificações são utilizados os materiais tradicionais desde aqueles provenientes do desperdício decorrente do consumo das áreas urbanas ou de recursos locais existentes. Materiais usados, madeira, zinco, tijolo, pedregulho, materiais industriais, como tijolos cerâmicos, blocos de concreto e vigas pré-moldadas. Construções feitas nas normas, essas áreas estão ocupadas, muitas das vezes, em áreas próprias para ocupação e, quando sempre, seus moradores são os proprietários de grandes terrenos que ocupam. Esses assentamentos são produzidos a margem das normas urbanísticas vigentes da cidade.

As unidades habitacionais construídas nesses terrenos ocupados irregularmente inicialmente destinam-se a abrigar os que se construíram, muitas vezes a partir de ingressos

na perspectiva de longo prazo da cidade. Ao longo do século XX, a área verde rio abaixo tornou-se, a indústria, por significativas transformações e sua estrutura morfológica: o bloco de prédios, predominantemente construído junto às vias tortuosas de terra batida, e o prédio de 4 pavimentos, onde a maioria dos pavimentos integrais da paisagem das áreas, de diferentes diferenças entre si e, portanto, interdependente.

"Os prédios de duas décadas, ajudou a erguer o, e hoje a área é feita de prédios e a verde. Os blocos de prédios, a cidade destruída, desde a reconstrução. Desde o final dos anos 70, a área verde tornou-se uma área de reconstrução. Durante os anos 80, adquiriu serviços, áreas ou prédios privados, de água e esgoto. Ninguém fez nada de reconstrução. Mais recentemente, os projetos de urbanização e saneamento, fruto de pequenas vitórias culturais do movimento de moradores, não surgiram e para a situação." (ZALUAR, ALITO, 2014).



Figura 1: Edifício de quatro pavimentos em Rocinha. Fonte: LEITAO, 2014:1.

Hoje, se discute a qualidade das áreas verdes no contexto da cidade e o risco de reconstrução, ou frequente das populações das áreas verdes - é um pouco menor, porém, ainda há muitas discussões. A questão da reconstrução, sempre, é uma, com maiores dificuldades de resistência, como podemos verificar no relatório de trabalho, retirado do livro "O Gênio" de 1981.





ILEGAL E DÁ?

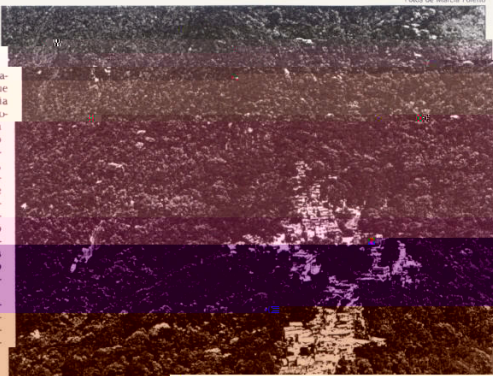
# Expansão das favelas não tem eco-limites

Auditoria do Tribunal de Contas comprova que comunidades avançam rapidamente sobre áreas de preservação

Luiz Ernesto Magalhães

Auditoria do Tribunal de Contas do Município (TCM) nos diagnósticos ambientais da prefeitura descobriu que 17 favelas — entre elas Vila Parque da Cidade (Gávea), Babilônia (Leme), Formiga (Tijuca) e Favela da Barra (Itaihangá) — já ocupam áreas de preservação ambiental no Rio. O documento, produzido no fim de 2004, identificou mais 42 comunidades numa distância máxima de cem metros de áreas administradas pela União (Parque Nacional da Tijuca), pelo estado (Parque da Pedra Branca) e pelo município, como a APA dos Morros da Babilônia e de São João, no Leme, e a Asaru do Alto da Boa Vista.

— Corremos o risco de esses parques serem transformados no que chamamos de reservas-favelas, por falta de controle das expansões — diz o presidente da Comissão de Meio Ambiente da Assembleia



Fotos de Marcia Follato



O SOBREVÔO revela o crescimento desordenado do Pavão-Pavãozin

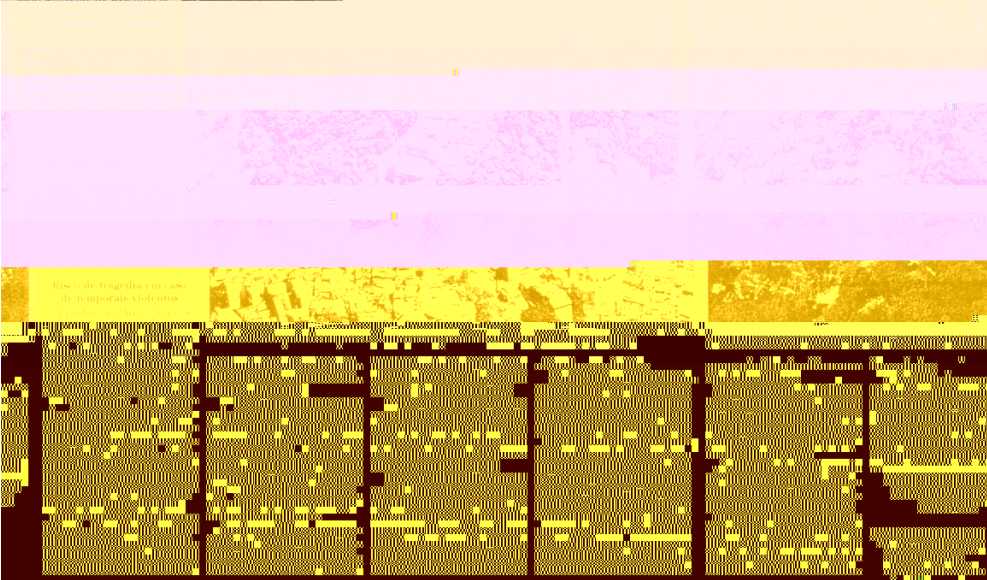


Figura 18: repórteragem retirada do jornal "O Globo" de 11/11/2005.

Hoje a favela é vista como "o lugar da violência, do crime e do tráfico de drogas", a ideia de ser um "prejuízo" para a "questão ambiental". Podemos observar claramente a formação de qualquer favela — notadamente sobre tiroteios, conflito entre líderes do tráfico — e sua expansão, o que reforça essa ideia. (figura 18)

# Novo tiroteio na Rocinha deixa dez feridos

A tarde, policiais trocam tiros com bandidos no Morro Dona Marta e trânsito é interrompido em Botafogo

Ana Wambler, Cláudio Bruno e Mariana Belmont

A Rocinha virou mais uma vez campo de guerra, ontem à noite, quando dez pessoas foram feridas por tiros e estilhaços de granadas durante uma incursão de policiais do Batalhão de Operações Especiais (Bope). Segundo moradores da favela, os policiais entraram na Rua 1 atraindo na direção de uma creche onde estava sendo realizado um chá de bebê e uma festa de aniversário, que reuniam mais de cem pessoas. O comandante das Unidades Operacionais da PM, coronel Camilo, deu outra versão. Segundo o oficial, os soldados do Bope foram atacados por traficantes com granadas e pelo menos oito das vítimas foram atingidas por estilhaços. A PM confirmou também que houve uma troca de tiros com traficantes no local.

Revelados, moradores fecharam a rua com caminhões da Comlurb e de gás e vários ônibus, que foram retirados da garagem da Viação Amigos Unidos, para evitar a saída dos policiais do Bope, deixando a situação ainda mais tensa. Os PMs teriam conseguido sair por uma via. Os feridos foram levados para o Hospital Miguel Couto, onde, por volta das 21h, um outro grupo de moradores da Rocinha fez um protesto.

Moradores deitam no chão em protesto no Leblon. Na porta do setor de emergência, eles deitaram no chão e interromperam o trânsito na Rua Bartolomeu Mitre, no Leblon. Uma moradora, que estava na festa e não quis se identificar, disse que os PMs já chegaram atraindo.

—As pessoas correram e se jogaram no chão. Eu mesma fiquei ferida por estilhaços no ombro direito — afirmou.

Depois da confusão, policiais do 23º BPM (Leblon) tro-

ram para a Estrada da Gávea, que dá acesso ao local onde as pessoas foram baleadas, e interromperam o tráfego, na altura da Escola Americana. Por alguns minutos, houve troca de tiros com traficantes que usavam balas trancantes. Parte da iluminação no alto do morro foi atingida pelos tiros, deixando várias áreas sem luz. Os policiais também ficaram de prontidão para evitar manifestações de moradores no local.

Às 22h, um grupo tentou fechar a Auto-Estrada Lagoa-Barra, mas foi contido por lideranças comunitárias. Enquanto os policiais tentavam controlar a situação nas imediações da favela, moradores se aglomeravam na porta da emergência do Hospital Miguel Couto. Moradora da Rocinha, Eliana Pereira, de 31 anos, disse que os policiais do Bope chegaram a pé atraindo. Junto com o grupo de vinte pessoas que foi para a porta do hospital, ela deitou no chão da Avenida Bartolomeu Mitre, fechada duas vezes pelos manifestantes. Numa delas, o trânsito foi interrompido por dez minutos. Policiais do 23º BPM conseguiram convencer as pessoas a liberar o tráfego.

— Foi horrível, um pânico geral. Só havia moradores, nenhum bandido — disse. Na emergência, os médicos do hospital se desdobravam para atender a todos os feridos. Entre as vítimas estavam Mateus Guimarães Martins, de 10 anos, ferido na perna esquerda; Rosemary Ferreira da Silva, de 27 anos, atingida também em uma das pernas. Os outros identificados foram Alexandre Mateus da Silva Pereira, de 3 anos; Evelyn Rodrigues dos Santos, de 13 anos; Africana Ferreira da Silva, de 31 anos; Wellington Braga de Toledo, de 22 anos; Fátima Carvalho Silva, de 27 anos; e Gilberto Alves Macedo, que segundo os moradores teria sido atingido por três tiros.

No início da tarde, um outro confronto, dessa vez em Botafogo, assustou moradores do bairro. Uma troca de tiros entre policiais e bandidos do Morro Dona Marta fechou o trânsito da Rua São Clemente por cerca de 40 minutos, causando um grande engarrafamento na via. O tráfego foi interrompido por volta das 13h e desviado para a Rua das Palmeiras. Cinco jo-



ROSEMARY FERREIRA deixa o Hospital Miguel Couto: um tiro na perna e ferimentos de estilhaços



POLICIAL APONTA sua arma para o Dona Marta: patrulha alvejada por bandido no alto do morro

vens foram detidos por fazerem gestos de apelação ao crime. A maioria dos motoristas não sabia que a rua havia sido fechada por causa de um tiroteio. O comerciante Nelson Cunha estava indo para a Lagoa quando foi surpreendido pelo engarrafamento. De acordo com ele, não havia nenhum agente de trânsito orientando

(Botafogo), coronel Ricardo Quementi, afirmou que o tiroteio começou por volta de meio-dia, quando uma patrulha do Grupoamento Especializado Móvel (Getam), que estava estacionada na Rua Jupira, no alto do morro, foi alvejada por um bandido. O comandante disse que policiais que estavam baseados em outras partes do morro foram orientados a permanecerem em seus locais de origem, por questão de segurança, e esperar reforço do Batalhão de Operações Especiais (Bope), que subiu o morro pela Rua Mundo Novo, em Laranjeiras, e escoltou os agentes na descida.

A versão dada por policiais que estavam no Dona Marta, no entanto, foi diferente: oito PMs teriam sido encurralados por cerca de dez bandidos na localidade conhecida como Carquinha, 50 metros acima do Posto de Policiamento Comunitário. Um reforço de 16 policiais do 2º BPM e do Getam teria subido o morro para fazer o resgate, sendo auxiliado quase uma hora depois por agentes do Bope. Segundo os relatos, os bandidos teriam chegado a jogar uma granada próximo à patrulha do Getam. O comandante Quementi negou essa informação.

**Policiais encurralados por bandidos**  
O tenente Aluizio Luz, do Bope, afirmou que o tiroteio havia terminado quando ele e seus agentes chegaram ao Dona Marta, pouco depois das 13h, e que os bandidos tinham fugido para a mata. Segundo ele, oito policiais subiram o morro pela Rua Mundo Novo no Cavariá, o carro blindado do Bope; seis seguraram pela parte de baixo e 15 espalharam-se pelas imediações. De acordo com Luz, os policiais resgatados relataram que ficaram cerca de 40 minutos encurralados por cerca de dez bandidos, que atiravam de cima de lajes. Ninguém ficou ferido.

Figura 10: Mapa georreferenciado do jornal "O Globo" de 17/11/2011.

O mapa mostra a distribuição do fogo no Morro da Rocinha. A área é colorida em tons de verde, amarelo e vermelho, indicando diferentes níveis de atividade ou danos. O mapa é georreferenciado e mostra a localização das ruas e áreas afetadas.

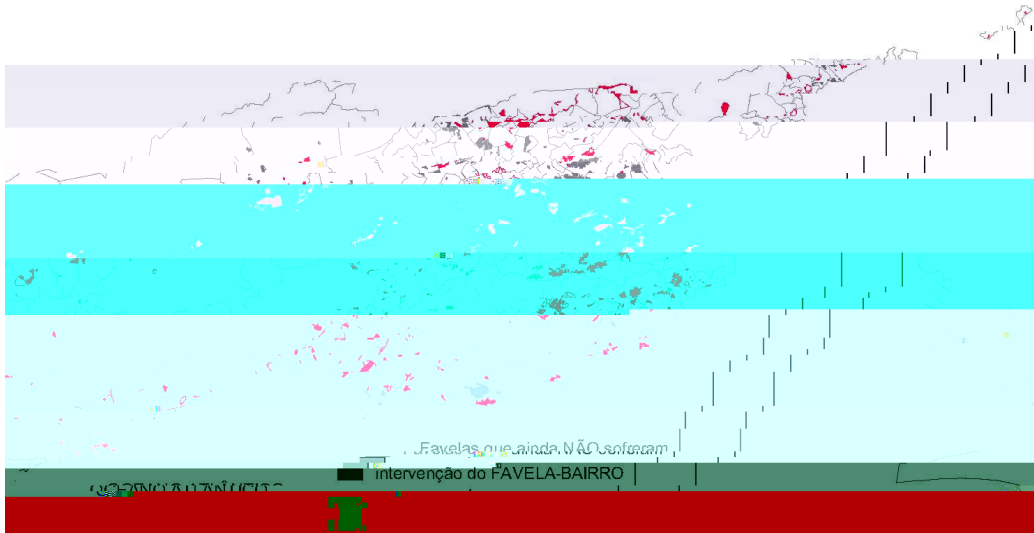


Figura 11: Mapa de distribuição do fogo no Morro da Rocinha. Fonte: Secretaria Municipal do Planejamento.

Dentre os motivos dessa crítica está o fato de o programa não evitar e até muitas vezes, impulsionar o crescimento das áreas de favelas, medida que se evidencia pela proporção do aumento nos valores de área do solo das áreas e até alguns moradores de outras áreas dentro das mesmas favelas ou até zonas, com que estes busquem novas áreas para suas residências. Isso faz com que o número de habitantes das favelas continue crescendo muito rapidamente.

Mesmo aquelas que não podem crescer horizontalmente, crescem verticalmente. (Figura 11)

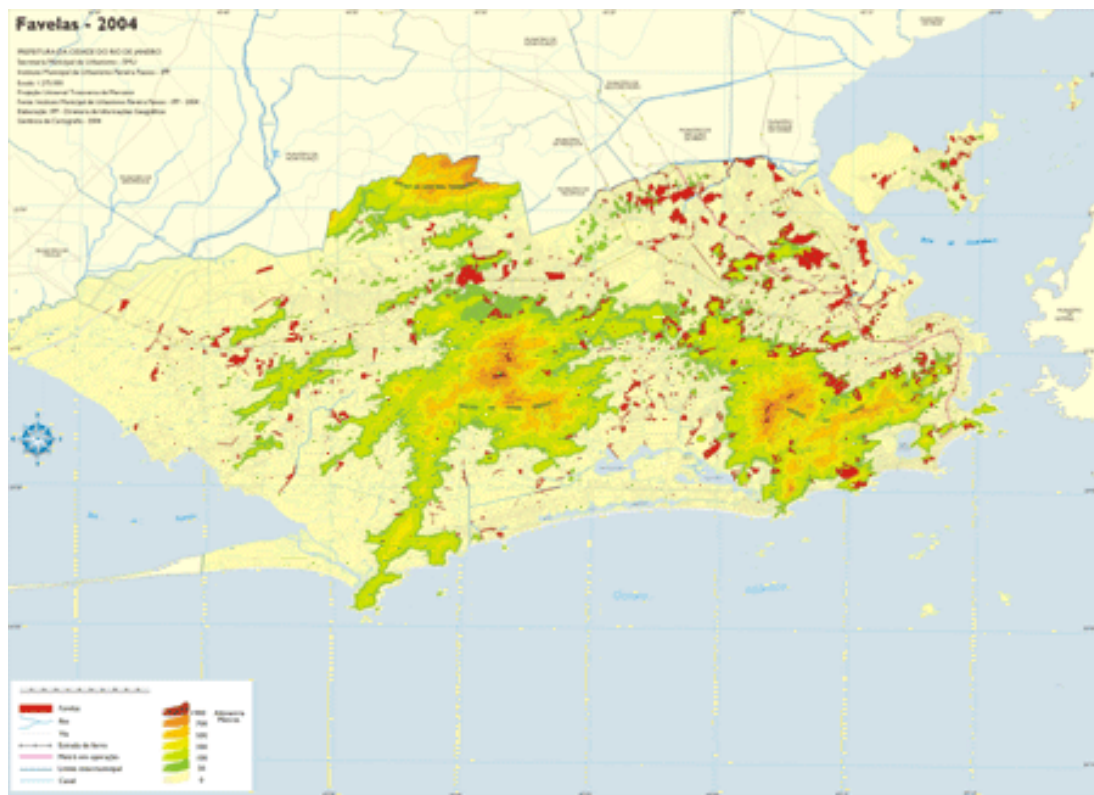


Figura 11: Mapa de distribuição das favelas na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Arquivo de dados da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Como podemos observar no mapa a cidade das favelas ocupa uma boa parte do território da cidade do Rio de Janeiro. Tanto o número dessas como o de outros pontos irregulares continua crescendo principalmente na Zona oeste.



# Até o Favela-Bairro é contestado

Técnicos do TCM apontam falhas no programa da prefeitura considerado modelo pelo BID

Luiz Ernesto Magalhães

**N**o momento em que a cidade enfrenta o crescimento desordenado de favelas, até um projeto considerado mo-



Fábio Rios

**Cinco favelas foram avaliadas**

Os técnicos do TCM fizeram

O orçamento acabou sendo insuficiente e obras ficaram incompletas. Os técnicos do TCM alertam para a necessidade de conter o avanço das favelas já urbanizadas: "A ausência de mecanismos de controle do crescimento das favelas e dos loteamentos irregulares beneficiados (...) pode ser considerada como um incentivo. A percepção de melhoria a ser obtida com a urbanização resulta em enormes movimentos migratórios".

### Remoção e não-remoção a não-remoção

Os técnicos entenderam que em muitos casos a estratégia do programa de urbanizar comunidades carentes é equivocada já que, por suas características, jamais poderão ser transformadas em bairros. Seja por particularidades geográficas ou influência do tráfico de drogas, os técnicos acrescentaram que a prefeitura deveria ter concentrado esforços na construção de moradias para a população de baixa renda no asfalto, em bairros já consolidados.

Arquitetos especializados em analisar contratos na área de habitação. O relatório alerta a prefeitura para a necessidade de se criar uma legislação urbanística para conter o crescimento desordenado que já causa impacto econômico na cidade. O texto critica a inexistência de uma política de remoções de comunidades carentes: "A política de não-remoção acrescida do descontrole da expansão e/ou surgimento de ocupações irregulares (...) vem inviabilizando a vocação

territorial do município". Cópia do documento, que será votado no plenário do TCM na quinta-feira, foi obtida pelo presidente da Comissão de Assuntos Urbanos da Câmara de Vereadores, Luiz Guarani (PSDB). Se aprovado, o relatório será enviado à Secretaria de Habitação.



MINEIRA: uma das comunidades beneficiadas. Segundo o TCM, a influência do tráfico de drogas pode inviabilizar o programa

ba), em algumas ruas de águas pluviais não pintadas na via pública (Acarí), há deficiências des de esgoto, drenagem, mineração. Na Azevedo (Rio Comprido), há áreas de lazer e a remoção de moradores em áreas deixaram de ser feitas. Também há alguns pontos contíguos por valas.

Desde o início de maio em 1994 — entradas obras em andamento — cerca de 600 moradores, em 14 favelas médias com de 500 a 2.500 de estão sendo beneficiados pelas ações do Favela-

## Especialistas dizem que a proposta é boa

Arquiteto ressalta que é necessário ter outras ações paralelas em habitação e transporte

Ruben Rêta

Apesar das críticas do relatório elaborado por técnicos do TCM, para especialistas em urbanismo, o conceito do Programa Favela-Bairro é bom. De acordo com Cristiane Duarte, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, a ideia de manter comunidades já instaladas há muitos anos no próprio local é, na maioria das vezes, o melhor caminho para a solução. — A ideia de manter as pessoas que já estão há muitos anos na comunidade dando o título de propriedade é boa. Mas as ações urbanísticas precisam estar acompanhadas de outras, na área social, para que o projeto funcione em sua plenitude. O arquiteto Sérgio Magalhães dis-

se, que a Favela-Bairro, ainda continua sendo a melhor saída para os casos de comunidades grandes, já consolidadas. Ele ressaltou, no entanto, que o programa, realizado de forma isolada, não é a solução para o caos habitacional da cidade.

— Há favelas em que o melhor caminho é mesmo urbanizar. Pensar em remoção nas grandes comunidades está longe da realidade. Mas investir somente ali não basta. Se não há políticas habitacionais e de transportes sendo desenvolvidas, paralelamente,

por estado, município e União, as favelas vão continuar crescendo. Há cinco anos, o Favela-Bairro esteve entre os melhores projetos do mundo apresentados na Expo 2000, em Hannover, Alemanha, evento que reuniu 173 países no fim do milênio.

O brevíssimo relatório que o Favela-Bairro usou a tecnologia de impressão de uma espécie de selo de qualidade e reconhecimento internacional.

A secretária municipal de Habitação, Solange Amaral, afirmou através de sua assessoria de imprensa que o órgão está atento às recomendações dos técnicos do TCM para o aprimoramento do Favela-Bairro. No início do ano, o órgão já havia recebido relatórios aprovados pelo TCM com sugestões para outros dois programas: Bairro Novo e Mutirão.

O prefeito Cesar Maia disse por e-mail que o relatório do TCM precisaria ser comparado com as análises feitas por técnicos do BID: "O Favela-Bairro é um projeto complexo que vai muito além da urbanização", afirmou Cesar. Desde a terça-

feira passada, repórteres do Favela-Bairro estão com representantes da comunidade para não houve retorno.

Para o vereador Luiz Favela-Bairro está em res projetos do mundo vir acompanhado dentro das comunidades. — Inelizmente, a favela não foi afetada. Se não há pessoas se acham no crescimento não pára com a prefeitura para obras futuras.

► NO GLOBO ONLINE Pesquisa: Você conhece o programa de remoção das favelas? [www.globo.com.br/rj](http://www.globo.com.br/rj)

Figura 1: reprodução da página do jornal "O Globo" de 17/11/2000.

# ILEGAL. E DAÍ?

## Programa não impede expansão de comunidades

Inspeção do TCM constata que, por falta de fiscalização, pequenas favelas beneficiadas pelo Bairroinho continuaram a crescer

Luiz Ernesto Magalhães

• O programa Bairroinho, criado pela Secretaria municipal de Habitação (SMH) para urbanizar favelas de pequeno porte (com até 500 domicílios) e conter o seu crescimento, não vem conseguindo cumprir seus objetivos. Das 26 comunidades que passaram por obras desde 1997, em parte financiadas a fundo perdido pela União Europeia (UE), pelo menos 15 (57,6%) cresceram por falta de fiscalização da prefeitura, conforme concluiu inspeção especial feita pelo Tribunal de Contas do Município (TCM). Segundo o TCM, apesar de em muitos casos as obras não terem terminado por falta de verbas, acabaram atraindo mais moradores para as comunidades. O problema se agrava porque, de acordo com o TCM, das 26 favelas, em apenas duas — Tijuca (Alto da Boa Vista) e Vila Canas (São Conrado) — foram criados Postos de Orientação Urbanística e Social (Pousos) para monitorar novas construções nas áreas.

mento. Isso ocorre porque, segundo o tribunal, como as obras de urbanização se transformaram no principal foco do programa da SMH, há o risco de as comunidades virarem grandes favelas. "A falta de mecanismos de controle (...) pode ser considerado como um incentivo a essas ocupações (...) A ausência de controle (...) tende a gerar demandas por programas de maior porte (...)", escreveu aos fiscais. Procurada durante dois dias por telefone e por e-mail, a secretária de Habitação, Solange Amaral, não se manifestou sobre o relatório. Em abril, quando o documento foi votado em plenário, o TCM fez 25 recomendações e determinações à SMH para modificar o programa e corrigir falhas. Até a sexta-feira, não havia recebido qualquer resposta.

razão ao TCM. No Morro da Babilônia (Leme), havia 37 casas para serem removidas em abril de 2003, quando as obras começaram. Todas ficavam em área de preservação ambiental (APA). — A prefeitura demarcou os eco-limites, mas não instalou as cercas. Hoje, já são 86 casas. Só posso tentar evitar ocupações na conversa. Mas nem sempre as pessoas atendem aos pedidos. Quem tem poder de fiscalizar é a prefeitura — disse Isaias Bruno, presidente da Associação de Moradores da Babilônia. A situação não é diferente no Morro do Chapéu Mangueira (Leme), onde o projeto também ficou incompleto. Nos últimos meses, cerca de dez barracos foram construídos num terreno particular invadido na Ladeira Ari Barroso. A implantação de um Pouso era prevista na Vila Parque da

Cidade (Gávea). Mas, como confirmou o TCM, ficou no papel. Bem como a creche e um Centro Municipal de Assistência Social (Cemas) previstos no projeto original. — A prefeitura alega falta de verbas para concluir as obras — explicou o líder comunitário Waldir Cavalcante. A Associação de Moradores da Vila União da Paz (Padre Miguel) estima que o número de casas na favela tenha passado de 900 para 1.600 (77%) desde as obras, feitas em 2001, que também ficaram incompletas. O líder comunitário Antônio Moraes de Souza diz que faz o que pode, pois a prefeitura não fiscaliza a comunidade: — A gente impede que construam no meio da rua. Mas, do muro para dentro, quem manda é o morador. Muitos decidiram construir mais de uma casa em cada lote — disse. Na Tijuquinha (Barra da Tijuca), o controle também é feito pela associação de moradores. O líder comunitário Mauro Gonçalves Vieira, porém, admite dificuldades para evitar a expansão vertical. Para Sérgio Magalhães, professor da Faculdade de Arqui-

tectura e Urbanismo da UFRJ e alerta para a falta de programas complementares. "A opção de priorizar a urbanização de comunidades carentes, em detrimento das demais políticas habitacionais (...) se constitui em perigosa herança deixada para as gerações atual e futura, dada a carência de implementação, concomitante, de contenção efetiva de crescimento, de programas sociais (...) Finalmente, deve-se ser considerada a adoção de outras políticas e formas de assentamento, visto que algumas dessas comunidades dificilmente assumirão características de bairro para se integrarem à cidade formal (...)" conclui o relatório. O Bairroinho teve custos de R\$ 36 milhões na urbanização de 44 favelas — 18 ainda estão em fase de projetos ou em licitação — onde vivem 62 mil pessoas. Os recursos são da Prefeitura da União Europeia e Caixa Econômica Federal.

— A concepção do programa previa a criação de mecanismos de controle desde o início das obras — disse. Sérgio acrescentou que a responsabilidade pela fiscalização não pode ser dos líderes comunitários: — O controle urbano só se faz com o poder público presente nas comunidades. Já o coordenador-executivo da Fundação Bento Rubião, Ricardo Gouveia, diz que não se pode esperar que apenas as obras de urbanização contenham as favelas. — Mesmo a fiscalização só terá sucesso se articulada com um programa de regularização fundiária que formalize a posse dos imóveis — disse. O relatório do TCM também

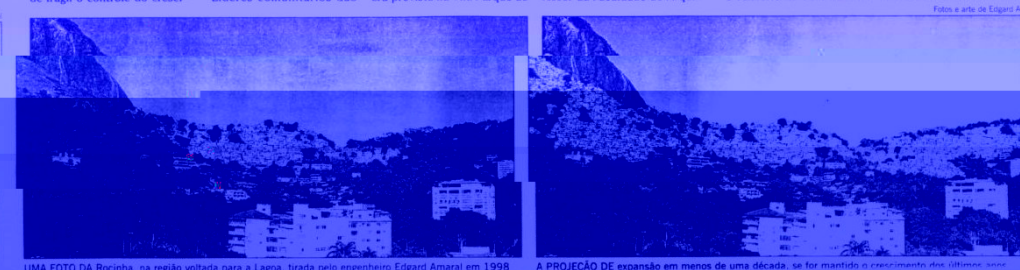


Figura 1 - reportagem retirada do jornal "O GLOBO" de 01/11/2003.

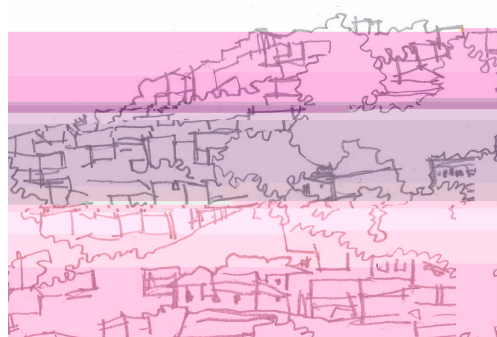
Segundo as duas reportagens citadas, técnicos do Tribunal de Contas do Município fizeram um relatório sobre o "Efeito Babilônia" em pontos de uma série de projetos, entre eles, crítica à falta de terra isenta do programa que "a longo prazo reduz o crescimento das comunidades" e a ausência de fiscalização o que contribui para proporcionar o crescimento das favelas e o aumento do processo migratório. Os técnicos acrescentam que, por diversos motivos, a gestão das favelas nunca se transformou em projetos isentos.

Desde o reconhecimento das primeiras favelas da paisagem carioca até os dias de hoje, percebe-se que a visão que teve de suas representações foi o "um rio de poluição", "dos seus problemas", "do vício e do prosaísmo", "o berço do crime e da cultura popular" até chegar aos dias de hoje com o "um rio de violência" e com o "prejuízo" da questão ambiental. Essa representação do rio é o resultado de que se vive longe, com o rio que se vive longe com o veredicto no decorrer desse processo.

## Resumo Esquemático:

A República e o surgimento das primeiras habitações em favelas ignoradas pelo poder público		A intervenção do Estado na habitação e reconhecimento da favela como uma "aberração".						
Anos	1897	(1902-1906)	Anos 20: (1925-1930)	Anos 30 (1931-1935)	1937			
Demolição do "Cabeça de Porco"	Morro da Providência: ocupação por soldados de "Canudos"	Pereira Passos "bota abaixo" problema da habitação.	expansão industrial do RJ - deslocamento da indústria e do operariado.	Plano Agache	Pedro Ernesto: reconhecimento das favelas que ganham visibilidade. Estado provedor Casa própria			
<b>A pedagogia civilizatória: a favela como um "problema moral"</b>								
A existência das favelas foi admitida e tornada objeto de estudo.		1940	1942	1946	1947	1948	1955	1956
Aumento das favelas cariocas. "boom imobiliário"		PARQUES S, resultado do Relatório Moura: casas provisórias	Lei do Inquilinato Direcionar investimentos para outras áreas; redução dos custos de reprodução da força de trabalho	FCP: 1º órgão habitacional	Fundação Leão XIII: "dar assistência material e moral aos habitantes dos morros e favelas do Rio de Janeiro".	1º censo de favelas do Distrito Federal dada à sua maior visibilidade.	Cruzada São Sebastião: "dar solução racional, humana e cristã ao problema (...)". "Integração dos favelados com o bairro".	"Lei das Favelas" SERFHA. Propostas urbanizadoras, embora também de demolição, transferência de moradores.
RJ: DHP								
<b>A favela como um "problema político"</b>								





## Capitulo II – Presupuestos teórico-metodológicos



## Capítulo II – Pressupostos teórico-metodológicos

Para melhor compreender a relação do indivíduo com a sociedade, desenvolver-se-á um estudo das representações sociais, a fim de se conhecer os sistemas de crenças e valores que influenciam preferências com relação à saúde, comportamentos e expectativas.

### 2.1 – A Representação Social

Desenvolvida por Moscovici a Teoria das Representações Sociais trata de encontro com as representações individuais e coletivas defendidas por Durkheim.

Para Durkheim, o conteúdo do termo “sociológico”, **fato social** seria algo que não se poderia definir pela sua generalidade no interior da sociedade, mas, tendo como característica fundamental sua exterioridade em relação às consciências individuais e ao coercitivo que exerce ou é suscetível de exercer sobre essas mesmas consciências. Além disso, o fato social estaria num estado de independência em relação às suas manifestações individuais. (DURKHEIM, 1974).

Segundo ele, quando nascemos, encontramos definidas as crenças e as práticas da vida religiosa, se elas e isto antes de nós é porque e isto é força delas.

Num esforço para estabelecer a sociologia como uma ciência independente, Durkheim defendeu uma separação clara entre o indivíduo e o coletivo. Para ele, o fato social não poderia ser confundido com os fenômenos orgânicos, nem com os fenômenos psíquicos e seria domínio próprio da nova ciência chamada **sociologia**.

Para Durkheim, seria possível distinguir as Representações e Representações coletivas e Representações individuais. As primeiras têm suas raízes próprias, e exercem a coerção sobre o indivíduo, conduzindo homogeneização e inscendência do indivíduo – caracterizada pela objetividade e seriedade. Já as outras, que possuem raízes próprias, caracterizam-se pela subjetividade e efêmeras.

“A vida coletiva, como a vida individual, é feita de representações, é, portanto, presumível que representações individuais e representações sociais são, de uma maneira, consequências. Iremos, como efeito, tentar mostrar que uma e outras sustentam a mesma relação com seu substrato respectivo. Mas esse é o ponto de partida de justificar a concepção que reduz a sociologia simplesmente a um



compreendido nem codificado. A outra função de prescrever, isto é, impor-se sobre nós com uma grande força, fora essa que é a complexidade de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar.

A elaboração e funcionamento de uma representação pode ser compreendidos através dos processos de **objetivação** e **ancoragem**.

A **Objetivação** cria uma identidade utópica dos valores, a partir das estruturas e transfere em objeto o que é representado. O estrutural é tomado do concreto. A **ancoragem** está articulada a objetivação, para assegurar três funções fundamentais da representação: incorporação do estereótipo ou do novo, interpretação da realidade e orientação dos comportamentos. Nesse sentido, temos o exemplo da Aids que, com o novo, para ser incorporado, o sujeito associa a algo conhecido, como uma outra doença contagiosa, através do processo de ancoragem. Aos poucos, com as informações recebidas, através da objetivação, o que era a estrutura se transfere em concreto.

(NÓBREGA, 2004)

### 2.1.1. abordagem estrutural

Desenvolvida por Jean-Claude Allier, a abordagem estrutural compreende o próprio nome e diz, se preocupa com a estrutura das Representações Sociais, e como elas se organizam. De acordo com essa abordagem as Representações Sociais se organizam em torno de um núcleo (Núcleo Central) e em torno desse núcleo se estabelecem os sistemas periféricos.

Segundo Allier, o núcleo central é composto de um ou alguns elementos cuja ausência desestruturaria a representação ou lhe daria uma significação completamente diferente.

O Núcleo Central tem dimensões normativas ligadas aos sistemas de valores; sua história é ideológica de indivíduos e grupos determinando os julgamentos e as tomadas de posição em relação ao objeto e funciona associadas a características descritivas e inscritas do objeto nas práticas cotidianas, determinando as condutas em relação ao objeto. Os elementos secundários dos diferentes de acordo com o conteúdo social —

Em torno do núcleo central organizam-se elementos periféricos, que formam a representação em termos concretos, compreensíveis, facilitando sua transferência (Concretização), permitindo a adaptação às evoluções do conteúdo (Regulação) e permitindo

interpretações novas e contraditórias com isso protegendo o Núcleo Central (Defesa). Segundo (S, 1974), os elementos periféricos do esquema organizados pelo Núcleo Central, que associam a experiência a noções gerais representam a realidade. Regulado e adaptando o sistema central às especificidades das diferentes situações do cotidiano, quando os grupos são confrontados, é o sistema periférico que varia a ser priorizadas novas informações ou eventos de maneira a questionar o núcleo central constituindo a sua análise um elemento essencial nos estudos de processos de transformação e de representações.

NÚCLEO CENTRAL	SISTEMA PERIFÉRICO
Ligado à experiência coletiva e história do grupo,	Permite a integração de experiências e histórias individuais,
Consensual define a homogeneidade de do grupo,	Supõe a heterogeneidade de do grupo,
Estável, coerente e rígido,	Flexível, suporta as mudanças,
Resistente à mudança,	Evolutivo,
Pouco sensível ao conteúdo imediato,	Sensível ao conteúdo imediato,
Funções gerais significam o geral representado e determinam sua organização.	Funções periféricas adaptam a realidade concreta, permitem diferença do conteúdo e protegem o sistema central.

Quadro 11: Divisão do Núcleo Central e Sistema Periférico. (S, 1974).

### Método da Associação ou Evocação Livre

O método de Associação ou evocação livre é um método de exploração do núcleo central e consiste em se pedir aos entrevistados que, a partir de um termo indutor presente, digam as palavras ou expressões que lhe venham vindo imediatamente à mente. A vantagem desse método é permitir a totalização de elementos importantes que seriam perdidos ou deixados de fora dos núcleos entrevistados, por exemplo.

A combinação de **frequência de evocação** e **ordem média de evocação** de cada palavra possibilita o levantamento de quais que provavelmente pertencem ao Núcleo Central representado, por serem mais prontamente evocadas e mais vezes evocadas. No gráfico fica fácil a partir da interseção de **frequência média de evocação** do inteiro conjunto

de palavras com a média de suas respectivas **ordens médias de evocação**, são definidos nos quadrantes que conferem diferentes graus de centralidade das palavras que os compõem.

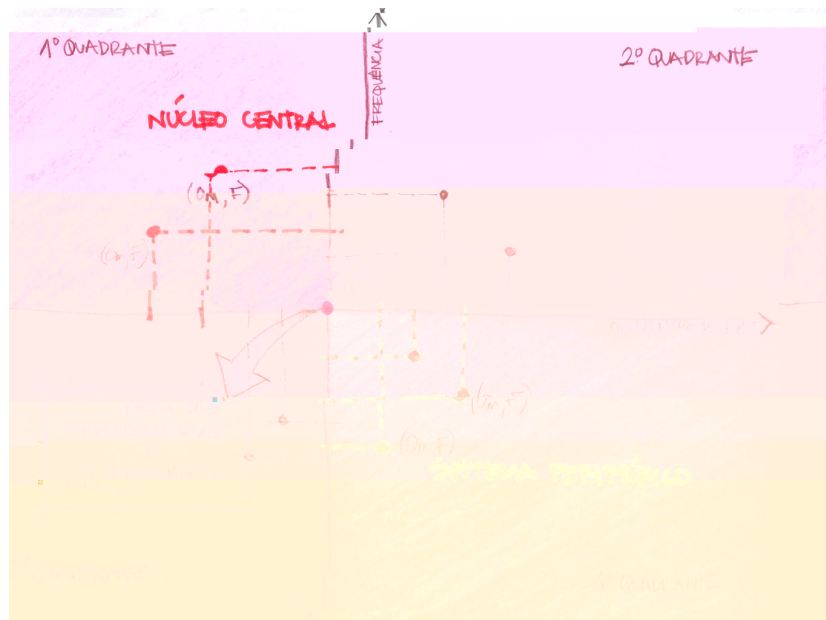


Figura 14: Estrutura da Representação soci...

O quadrante superior esquerdo (primeiro quadrante) engloba as cognições mais suscetíveis de constituir o núcleo central da representação, a medição e que são aquelas mais frequentes e prontamente evocadas.

A finalidade de se dar conta da configuração do conjunto da representação é necessário o agrupamento de palavras entre todas as palavras ou expressões evocadas em um sistema consistente de categorias.

## 2.2 – Análise de conteúdo

A análise de conteúdo desenvolveu-se nos E.A., do início do século trinta nos 40 e, entre as décadas de 1940 e 1950, o desenvolvimento de ciências políticas dos E.A. e i destina-se no seu desenvolvimento, principalmente por conta da investigação política. Entre as décadas de 1950 e 1960, no plano metodológico, tem-se a terceira etapa entre a ordem gerontológica (frequência) e a ordem gerontológica (presença ou ausência).

## Método de análise

Em uma resposta a questões levantadas, segundo Bardin (1977) pode-se analisar as relações que o indivíduo mantém com o objeto estudado. Para isso, é necessário classificar essas relações segundo critério escolhido, como por exemplo as relações de afetividade que os indivíduos têm com esse objeto analisado, estabelecer um quadro onde se possa analisar a presença ou ausência de determinadas e pressões.

## 2.3. – Objetivos da Pesquisa

Os objetivos desse estudo são:

- Identificar a representação do usuário de peões doador,
- Analisar como o usuário se apropria do espaço de que dispõe,
- Analisar como esse usuário é capaz de concretizar o ideal de usuário, com os recursos espaciais de que dispõe e com as limitações impostas pela configuração do espaço da área e definir conceitos básicos que norteiem novos projetos de habitação de interesse social.

No momento em que fomos capazes de identificar e entender esse usuário, seremos capazes também de estabelecer princípios básicos para novos projetos. Uma vez que, entendidos o usuário e o espaço por ele idealizado, seremos capazes de desenvolver projetos com maior ênfase nos anseios e desejos dos usuários. Buscar a partir desse estudo a representação social do usuário, uma “espinha dorsal” do que se torna o ambiente de usuário para o usuário. Contudo, sua realidade de com a sua vontade. Há a necessidade de analisar não só sua habitação, mas também o usuário através de questionários específicos obter as respostas de que necessitamos.

## 2.4 – Procedimentos utilizados

Para a realização dessa pesquisa foi desenvolvido um experimento através da revisão de literatura sobre o tema, um experimento físico e fotográfico e a definição do universo a ser estudado. Foi elaborado um questionário composto por perguntas abertas e fechadas, a partir de um questionário sócio-econômico. As perguntas abertas pretendem identificar as questões de conforto, segurança e qualidade de elementos bastante frequentes quando da aplicação desses questionários em Conjuntos Habitacionais. As pesquisas realizadas pelo teórico de Habitação - FR.

A fim de se compreender as representações sociais do usuário de peões doadores das diversas áreas, optou-se por trabalhar com a abordagem estrutural, analisando, com o

Método de associação ou evocação livre de palavras e uso seletivo de imagens para escolha, que serviu para a identificação de conteúdos.

A pesquisa foi realizada a fim de definir o problema com a maior precisão e a maior compreensão desse usuário. Foram realizadas entrevistas com os moradores das duas áreas em estudo.

Para o desenvolvimento desse trabalho, optou-se por realizar dois estudos de caso considerando como o método de pesquisa propriamente dito, a medida em que seria possível alcançar os métodos de exploração do núcleo central compreendendo estruturas de representação social dos moradores de duas áreas da cidade do Rio de Janeiro. Com isso, seria possível identificar as características desses dois e, em seguida, compreender o significado da realidade e como ela pode ser heterogênea.

Alguns critérios foram considerados para a escolha dos estudos de caso a fim de se possibilitar um estudo comparativo entre os resultados. Dentre eles podemos citar, os pontos em comum:

- O **tamanho** escolhido para-se das áreas que tivesse um número pequeno de moradores para a realização de entrevistas que pudesse alcançar um universo representativo de entrevistas dos favelados. No Brasil esperava-se que possuísse uma população de 1.000.000 e no Rio de Janeiro a população para a realização de 1.000.000 e no Rio de Janeiro a população para a realização de 1.000.000.
- O **tema** do **tráfico de drogas**: optamos por trabalhar em duas áreas onde não houvesse um domínio do tráfico de drogas que essa questão não interferisse e “contaminasse” os resultados da pesquisa, a fim de evitar nossa cessação dos dados.

Pontos distintos:

- A **localização**: optamos por estudar duas áreas cuja localização fosse diferenciada. Portanto, escolhemos uma localizada na zona sul e outra na zona oeste da cidade.
- O **Tempo** de existência e permanência: escolhemos duas áreas cuja origem remonta a tempos distintos e cuja “idade” fosse bem diferente. Uma das áreas consoletas e a outra das áreas de origem recente de favelamento.
- A **Urbanização** (a área é irregular ou não urbanizada) procuramos fazer o estudo uma área urbanizada, de preferência que tivesse passado por

programa de melhorias (Estrada, Irrigação, etc.) e outros que não fossem urbanização.

- A Implantação de rede de água ou rede de esgoto deve ser usada para se determinar se a infraestrutura de saneamento de água ou de esgoto, por si só, é suficiente para garantir a saúde pública. Entre as situações a serem verificadas estão: "Não há rede de água", "Não há rede de esgoto".

Na elaboração dos questionários, optou-se em dividi-los em quatro partes:

A primeira delas seguiu a associação de palavras, com o objetivo de responder às perguntas seguintes sobre a influência dessas respostas. Também houve a associação de palavras de livre evocação com as palavras indutoras MORADIA.

A segunda parte foi composta pelas perguntas abertas que se referem às "áreas de conforto", "áreas de segurança" e "áreas de qualidade", que foram escolhidas, pois, nos demais trabalhos desenvolvidos no laboratório de Habitação (SILVA, 2004), essas três palavras da estrutura de representação social são necessárias para entender o que se compreende por conforto, segurança e qualidade, uma vez que o significado de cada uma delas é diferente.

A terceira parte foi composta pelo questionário socioeconômico, onde se perguntou o número de moradores, escolaridade, renda, profissão, etc.

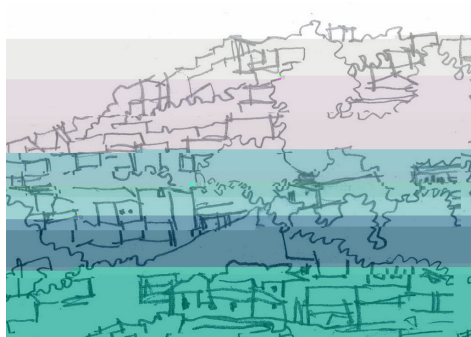
A quarta e última parte do questionário foi composta pela seleção de imagens de livre escolha, que pretende confirmar e aprofundar as questões de representação de "áreas de conforto" e de se conhecer o sentido de "áreas de segurança" das áreas de conforto. Foram escolhidas 15 imagens com características tipológicas diversas. Teve-se preocupação em selecionar imagens de áreas isoladas, rurais ou no campo, áreas residenciais, cortiços, conjuntos de áreas, conjunto de prédios, edifício de prédios, áreas urbanas e uma imagem de própria avaliação.

Primeiramente foi pedido para que as imagens fossem separadas em dois grupos: as que representam "áreas de conforto" e as que representam "áreas de segurança". Posteriormente, pediu-se para que retidas as três que mais têm a ver com as três que menos tinham relação. No fim foi pedido para que justificassem as escolhas. Essa justificativa serviu para a análise de conteúdo, onde serviu para a análise da presença ou ausência de determinadas palavras ou expressões com relação às imagens.

As imagens selecionadas são de onde utilizamos principalmente quando comparamos com a concretização, dentro dos limites impostos pela própria







**Capítulo III – Estudos de caso**



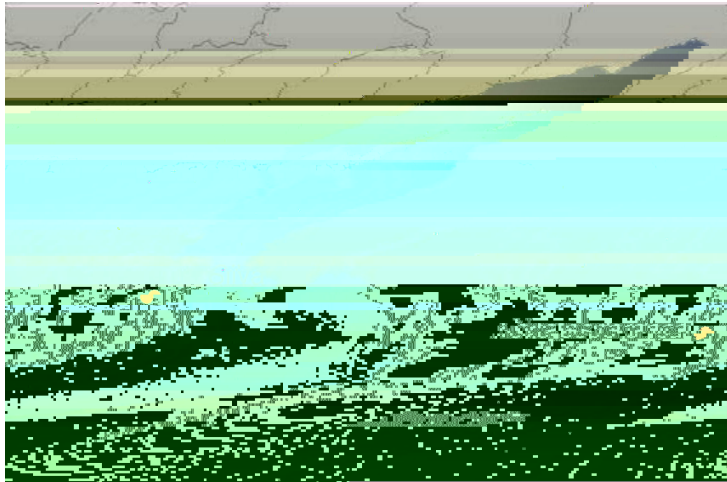


Figura 1 - Vista aérea da cidade do Rio de Janeiro com a ocupação dos locais de assentamento estudados.

### 3.1. Vila Nova Esperança

A Vila Nova Esperança está situada na Grande Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Vila Rica, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A ocupação de Vila Nova Esperança deu início nos anos 1970, de uma iniciativa por parte de um grupo de moradores, ocorrida em 1972, segundo relato dos moradores do local. Esta ocupação foi iniciada por iniciativa de Deus, hoje uma área bastante densa e caracterizada pelo tráfico de drogas.<sup>14</sup>

Sua ocupação está relacionada ao crescimento demográfico da cidade de Vila Rica, desde a década de 1970, o que vem acontecendo principalmente nas últimas décadas. Sua ocupação é privilegiada pela medição que tem a Avenida Ayrton Senna como um de seus limites, cessando a cidade do Rio de Janeiro e tendo a área da cessão em Vila Rica de cerca de 100 metros, possibilitando a expansão da cidade.

Vila Nova Esperança possui hoje aproximadamente 100 famílias. Quase todas as famílias são de baixa renda. A Vila Nova Esperança possui um sistema de esgoto que foi desenvolvido pelos próprios moradores e a falta de uma constante manutenção dos moradores. Além disso, há uma grande quantidade de lixo que é jogado na rua.

<sup>14</sup> Cidade de Deus foi um conjunto que fez parte da política "reconstruindo a cidade de Deus" do governo da cidade. Em 1972 recebeu os primeiros moradores - de famílias pobres que o Rio enfrentou. Pouco depois, moradores de outras favelas foram deslocados para longe do centro da cidade, cresceu desordenadamente, e se tornou uma das maiores favelas no entorno e hoje Cidade de Deus possui mais de 100 mil habitantes.



Figura 1 - Fotografia aérea da favela Nova Esperança.  
 Fonte: Ortofotografia digital da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

### 3.1.1. Relação com o bairro

Historicamente ocupada pela família de uma república, começou nos séculos XVIII e XIX, quando a cultura da arquitetura construiu de engenhos e se passou nos engenhos comerciais. As festas religiosas e procissões eram realizadas nos engenhos e igrejas e se passaram, com o nome de Nossa Senhora do Loreto e de Nossa Senhora da Piedade. A partir do século XIX, registrou o surgimento como periferia do Corte, o que gerou o desenvolvimento das grandes propriedades, onde o café floresceu nas terras das Freguesias, a nobreza e a elite viviam de uma república. A abertura das linhas de bondes gerou crescimento econômico e populacional favorecendo a formação de uma classe média do bairro. O processo de desenvolvimento das grandes propriedades ocorreu do bairro de uma república para a criação de núcleos e hospitais e o surgimento das residências foram contribuindo para as suas feições atuais.

Grândola Azul, localizada no bairro de Vila Rica, é espantosamente densa, e a maioria das edificações se dá em terra, de dois ou no máximo três pavimentos, residências unifamiliares ou multifamiliares. Quando os edifícios de pavimentos ou comerciais no bairro. A rua é e sempre quente e quente.

Nesta origem, juntamente com a região do Anil e Cidade de Deus, Grândola Azul faz parte da fazenda do Engenho D'Água. A sede industrial e este núcleo, situada no entorno do Estádio do Gama - Rua Edgar Lerneck, Avenida Tenente-Coronel Muniz de Aguiar e Avenida Artur Sena. O prédio está tombado pelo Patrimônio Histórico Municipal e pertence aos descendentes do Barão de Itaquara. Junto da sede ergue-se a padroeira Nossa Senhora da Glória, a mais antiga de Vila Rica, tombada pelo IMAC-DO RJ, 1974.

### 3.1.2 – A pesquisa em campo

A pesquisa de campo realizou-se de novembro de 2006 a janeiro de 2007 e contou com o apoio de pesquisadores do Laboratório de Habitação - PROARQ - UFRJ. Foi realizada dos 10 questionários compostos para avaliar o desempenho, perguntas sobre a perfil socio-econômico e situação de famílias. De acordo com isso foi realizada do universo de 11 famílias quando foi permitido pelos moradores, o que resultou em um total de 11 entrevistas.

A escolha dos domicílios foi aleatória, de acordo com a disponibilidade de moradores nos recenseamentos. Tentou-se, portanto, visitar os diferentes arranjos e tipos de famílias.

Posteriormente, pediu-se para que retivessemos três que mais têm a ver com as três que menos têm a ver com. Essa seleção de famílias tem como objetivo descobrir as características específicas dessa população que inclui o morador dessas áreas.





Figura 17: Foto da praça de jogos da comunidade.



Figura 18: Interior da casa do Sr. Marcelo<sup>1</sup>, morador da comunidade.



Figura 19: Sr. Maria e sua filha fora de casa.

### 3.1.3. Apresentação dos resultados

Os resultados dos estudos realizados na comunidade da comunidade em novembro e dezembro podem ser os seguintes.

<sup>1</sup> Os nomes dos moradores presentes nesse trabalho são fictícios.







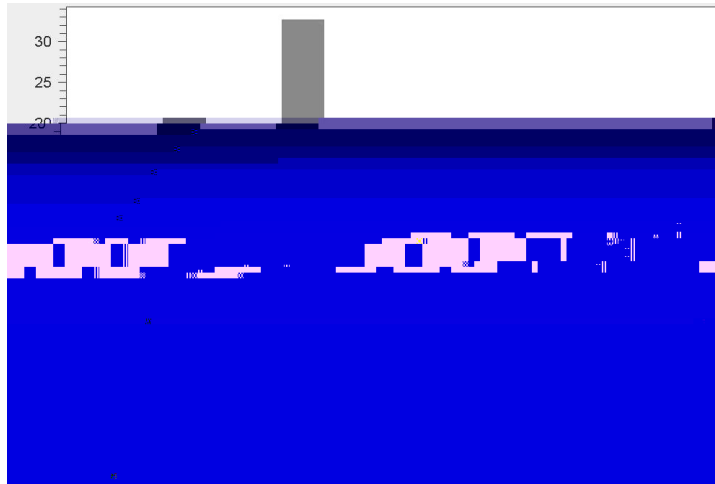


Gráfico 11: origem dos cabeças de família em Foz de Iguaçu

Percebemos também o número médio de filhos por família. Verificamos que esse número é maior que a média nacional que, segundo dados do Censo de 2000, é de 2,4 filhos por família. Temos que 20% das famílias possuem quatro filhos e que 20% das famílias possuem apenas um filho. (http://www.ibge.gov.br)

Em relação à ocupação ou profissão dos chefes de família de cada vez em estudo, percebemos que grande maioria destes trabalha prestando serviços diversos, neste incluindo porteiros, garçons, etc. 10% seguidos pela construção civil que representa 10% dos entrevistados. Comparando os dados do IBGE, a população brasileira, temos 20% de trabalhadores dos serviços e vendedores do comércio e 10% são trabalhadores da produção de bens e serviços industriais.

O nível de escolaridade é muito alto, observando-se que grande maioria, ou seja, 70% dos entrevistados têm pelo menos o Ensino Fundamental antigo Primeiro Grau, seja ele completo ou incompleto. Já 10% têm o Ensino Médio antigo segundo grau completo ou incompleto. Comparando com os dados do último censo de 2000, comparando a população brasileira e, considerando a idade dos chefes de família de 20 a 49 anos, temos uma média de 7,2 anos de estudo e, na faixa etária de 50 ou mais, temos 7,2 anos de estudo. Dos estudantes com mais de 20 anos de idade, 37% têm até o Ensino Fundamental completo, 10% têm até o Ensino Médio e apenas 5% têm o ensino superior.

A renda dos cabeças de família que varia entre dois (R\$ 400), três (R\$ 600) e quatro salários mínimos (R\$ 1.470), o que, num total, configura uma renda média de R\$ 735.

salários mínimos por mês e configura a realidade que os salários possuem renda inferior que os salários mínimos. Esses dados mostram uma diferença considerável com os dados do Cidades, onde, segundo dados do IBGE de 2007, o salário mínimo mensal tinha renda até que os salários mínimos (R\$ 1.200,00 época), sendo que 1% dos dados até 400,00 reais.

A maioria dos entrevistados da comunidade de pouco tempo. Destes, 10% está há menos de dois anos, o que demonstra o grande fluxo recente de pessoas (principalmente vindas de outras cidades) para essa área, que tende a se tornar ainda mais densa.

#### a. A estrutura da Representação Social da moradia

A palavra indutora usada para a associação de palavras foi MORADIA. A fim de ter um melhor resultado, foi necessário categorizar as palavras evocadas. Para tanto as palavras foram agrupadas de acordo com seus significados. Todas as palavras consideradas sinônimas ou que possuíssem sentido próximo foram agrupadas. Depois separadas, escolheu-se a que tivesse a maior frequência de evocação dentro das palavras representando o grupo.

Dessa forma, foram agrupadas, por exemplo, a palavra “tranquilidade” todas as palavras entendidas como sinônimas desta: “sossego”





esgoto a céu aberto e o poluição do rio são motivos de queixa. A “tranquilidade” (referindo-se não-violência, como se o serviço de limpeza fosse a pergunta sobre a tranquilidade) é muitas vezes o motivo que a pessoa se irrite e que não depende. O policiamento ostensivo é repressor conhecido como “injeção” que é realizado para impedir a presença de traficantes e é, portanto, usado por usuários de drogas.

Temos no sistema periférico quatro quadrantes as palavras “lazer”, “lugar”, “alimentação”, “conforto”, “comunidade”, “transporte” e “trabalho”. O sistema periférico e pressões e influências da experiência cotidiana e aspectos do contexto construído do conceito. O sistema periférico é mais fluido e modifica-se mais rapidamente.

Apesar de os gráficos, ocorreu uma dúvida com relação às palavras “saneamento”, que provavelmente pertencem ao núcleo central dessa representação. Às palavras, provavelmente agrupadas, são as palavras “saneamento” e “esgoto”, palavras relacionadas ao “saneamento” ou “saneamento”. Questionamos se as palavras relacionadas ao saneamento realmente são sinônimas da ideia de saneamento, ou se deveriam ser consideradas parte. Responderemos separadamente e o resultado do teste mostrou que realmente é provável que “saneamento” esteja no núcleo central dessa representação.

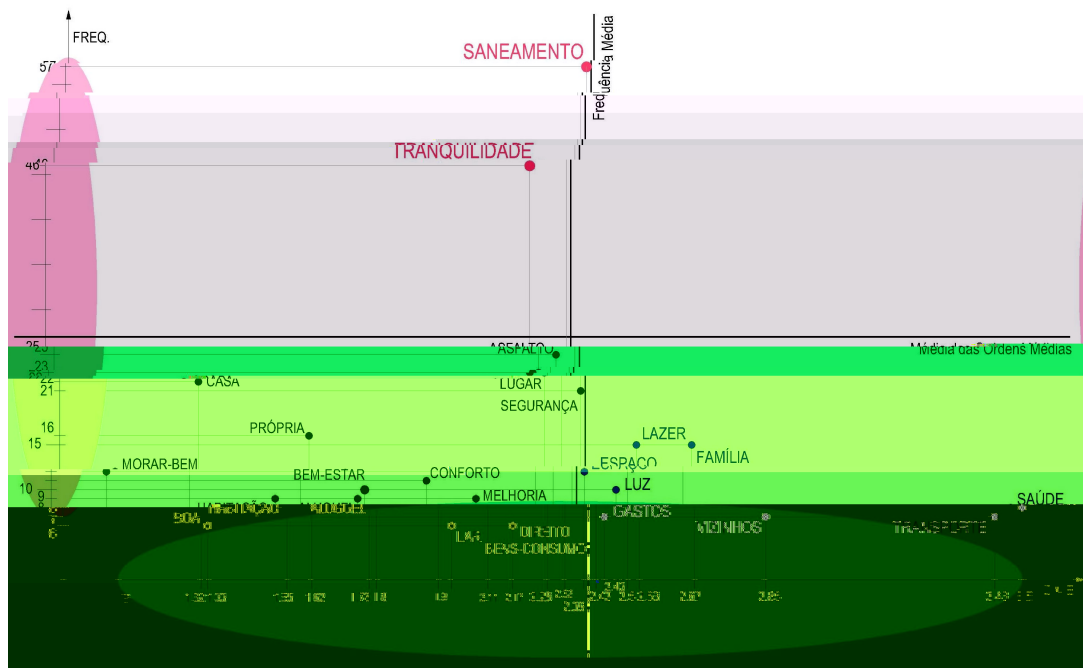


Gráfico 1 Gráfico ilustrativo da Estrutura de RS da Modelo de “saneamento” e “saneamento” separados

## Teste de centralidade

A fim de se confirmar se as palavras que a recebe no primeiro quadrante da estrutura das representações sociais recentemente configuradas, o núcleo centralizou-se o grupo e foi escolhido-se, a totalmente, 10 pessoas da 1ª vez, para as quais foi perguntado se “é possível pensar e agir de maneira diferente” e se “é possível pensar e agir de maneira diferente”. O teste foi realizado no dia 11 de dezembro de 2014.

Das 10 pessoas sorteadas, 2 julgaram não ser possível pensar e agir de maneira diferente, cinco julgaram ser possível, dois não souberam responder.

Com relação a “qualidade”, 2 pessoas julgaram não ser possível pensar e agir de maneira diferente, 4 julgaram ser possível e 4 pessoas não souberam responder.

Com esses resultados, confirmamos a presença de “qualidade” e “ação diferente” no núcleo central dessa representação.

### b. A Representação social do “Morar bem”

Os resultados obtidos da seleção das imagens das representações sociais do “morar bem” a partir das 14 imagens e 14 sujeitos. No entanto, quando escolhidas as 14 imagens da grade, notou-se preferência por tipos que eram reais e que possuíssem uma uniformidade de entre as unidades do conjunto. Os resultados da preferência dos moradores com relação às imagens. O primeiro grupo mostrou as imagens quando pedidos para dividir em dois grupos, o segundo grupo mostrou a preferência quando pedidos para escolher as três que mais representam o tema, com o “morar bem” e as três que menos representam o tema.

seleção de imagens

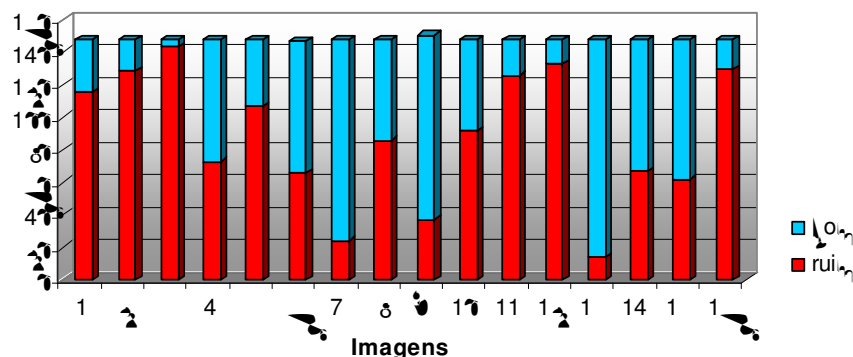


Gráfico 14: demonstrativo da divisão das 14 imagens em “morar bem” e “não morar bem”.



A ímagem de nº 13 é a mais escolhida dentre as imagens que mais se apegam à cor, a ideia do “lar” para esse morador. (ver figura 20). Nesta imagem, temos uma casa de dois pavimentos com esquadrias de madeira e telhas cerâmicas, sobre um terreno elevado. O espaço externo apresenta verde e o tamanho da casa parece influenciar a escolha, como podemos observar nas justificativas registradas para a escolha da imagem: **“porque tem bastante verde”** (Márcia Luci, 44, moradora de Nova Esperança desde 1997), ou **“tem área de jardim e plantação”** (Lara, 7 anos, moradora de Nova Esperança desde 2000).



Figura 20: Imagem 1. Fonte: Internet.

Temos também a imagem de número 7 escolhida com certa frequência pelos moradores. Nessa imagem, temos novamente uma casa sobre um terreno elevado, simples, mas onde os elementos como telhado de madeira com telha cerâmica e esquadrias de madeira ainda estão presentes. Como justificativa para a escolha dessa imagem como representativa do “lar” temos: **“Se eu pudesse queria uma casa com quintal para criar galinha”** (Márcia, 42 anos, moradora de Nova Esperança desde 1999), **“Gostei muito”** (Georgi, 7 anos, moradora desde 2000), **“casa dos meus sonhos”** **“gosto muito de verde”** (Eliane, 72 anos, moradora desde 1994).





Figura 17: Imagem 17. Fonte: Internet.

Temos a intenção, dentre as fotos escolhidas como as que mais tem a ver com esse tipo de terreno para os interessados a foto de número 09 (ver figura 17), onde encontra os tipos e o tipo de terreno e as construções encontradas nos Estados Unidos da América. No entanto, temos a terra e isso é no terreno onde se nota a presença de terrenos com telas. Há a intenção bastante espaço e vegetação, fatores considerados importantes para a escolha das imagens.





rejeita o desejo geral de mostrar que o local onde eles moram é engraçado como um local de ida e volta com o qual raramente se fala com os entrevistados. Muitos dos entrevistados dizem estar raramente no ~~Neighborhood~~ por causa das "necessidades".



Figura 12: Imagem tirada da própria câmera. Fonte: autor.

A imagem nº 12 (ver figura 12) é muito escolhida com as três que menos tem a ver com o local raramente dessas pessoas. A fotografia de um conjunto residencial do Instituto de Arquitetos do Brasil do escritório "Cooperativa", reproduzido em diversos lugares, dentre eles a câmera, de onde foi tirada a fotografia. No entanto, esse conjunto foi inaugurado no ~~Neighborhood~~ numa das vizinhanças da Cidade de Deus, a sociedade da violência e tráfico e bastante repudiada pelos moradores de ~~Neighborhood~~. Esse conjunto também consigo caracterizar as próprias do morador da vizinhança (tijolos, paredes sem revestimento, jogos de vãos, etc.), o que, de uma forma, ~~Neighborhood~~ rejeita o por parte dos entrevistados.



Figura 4: Imagem 11. Fonte: Arquivo da autora.

A **imagem 11** (ver figura 4) é o que teve um grande índice de rejeição por parte dos entrevistados. Na tela, os usuários viram uma foto tirada da Favela da Mangueira em um trecho de intervenção, onde tem várias unidades de rejeição e a maioria delas provavelmente são. Essa escolha nos leva a crer num certo repúdio à ideia de uma favela independente das intervenções que está passando, e isso acontece quando há programas de urbanização o “**favela bairro é melhor, né?**” (Silva, 2010), a nos, logo desde

Notamos que a representação da favela como o “**um rio de violência**” não é só o termo, o usuário, no diálogo interno “reconhece” a essa forma, como podemos notar nas justificativas sobre a escolha dos usuários.



Figura 11: Imagem 11. Fonte: Internet.

Outra imagem selecionada pelos pesquisadores mostra que o diz respeito ao local que eles gostam é a **imagem 16** (ver figura 16) fotografia tirada do pátio interno de um cortiço reformado pelo “Programa Novas Aterragens”, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, localizada no centro desta cidade. Muitos dos entrevistados justificam essa escolha afirmando que o gostaram de morar coletivamente.



Figura 12: Imagem 12. Fonte: Arquivo do IUPERJ.

Temos também a **imagem 02** (ver figura 02) bastante escolhida dentre as três que menos têm relação com o conceito “morar coletivo” para esses pesquisadores. Essa imagem é fotografia de

um conjunto vencedor de concurso para a cidade de Cotiás, no interior de São Paulo, onde teriam sido construídos núcleos de habitação, todos em um único corpo com uma estrutura independente de terraço. O repúdio dessa ideia geral deveu, entre outros fatores, a associação do desejo geral com a realidade de que se está dentro do desejo da maioria dos moradores, como podemos observar nas justificativas para essa escolha: **“imagem de favela mesmo sendo no verde”** (Ercinete, 4<sup>o</sup> nos, morador desde 1994), **“as casinhas assim tudo amontoado é ruim”** (Maurício, 2<sup>o</sup> nos, morador desde 1994).

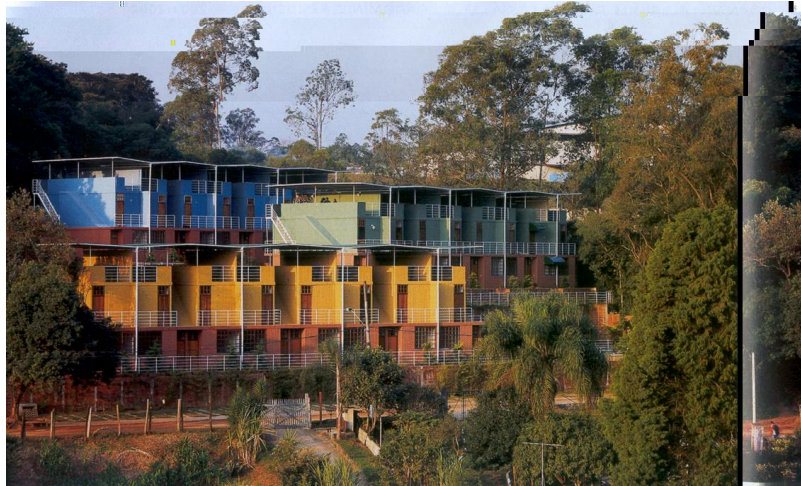


Figura 27: Ideia geral. Fonte: Revista Projeto Design Ediçã o nº 27 de Abril de 2010.

Ao se deparar com as ideias, muitos moradores foram os poucos, revelando o desejo de **“morar livre”** e o seu significado dentro de suas preferências.

Percebe-se que há uma espécie de **aversão** ao **morar empilhado**: **“morar trepado um no outro não é morar bem”** (Acir, 4<sup>o</sup> nos, morador desde 2004). **“Não gosto de apartamento”** (Aurélio, 2<sup>o</sup> nos, morador desde 1994). **“Não moraria na Barra. Não moraria em apartamento”** (Maurício, 2<sup>o</sup> nos, morador desde 2000). **“Não gosto de apartamento”** (Morge, 3<sup>o</sup> nos, morador desde 1994). Essa repulsa à ideia de **morar empilhado** é muito próxima, gerando uma falta de privacidade e de espaço, demonstrando uma preferência pelas casas: **“Casa tem que ter frente”** (Ercinete, 1<sup>o</sup> nos, morador desde 1994). **“Casinhas uma em cima da outra não. Quero espaço!”** (Márcia, 4<sup>o</sup> nos, morador desde 1994). **“Morar empilhado”** que morar empilhado **voçá a a usar** repúdio, como a década de 40, quando do seu surgimento. Passou por um período em que era o sonho de consumo da classe média e, por conseguinte, da classe pobre. A ideia do **morar empilhado** com o **“poluição”** **rece forte**.

Alguns se demonstram insatisfeitos e pedem, “**Não morar bem é favela**” (A. Cir, 4ª nos, 1ª dor desde 2010). Outros, no entanto, recebem insatisfeitos ou conformados onde vivem e seguem na proporção da pobreza e existência de tráfico de drogas, tiroteios e fogo cruzado pedem ser motivos fortes: “**Eu gosto de morar aqui na favela mesmo porque é calmo, não tem tiroteio**”. (Márcia Luciana, 4ª nos, 1ª dor desde 1999).

Como muitos moradores entrevistados são oriundos de outras cidades ou estados, principalmente do interior, muitos demonstram uma vontade de voltar para suas regiões de origem: “**Se eu pudesse voltaria para a minha terra, lá eu tinha casa, barco e tudo. Só não volto por causa dos meus filhos**”. (D. I. Almeida, 4ª nos, 1ª dor desde 1999). “**Morar bem é morar na roça**” “**Todo mundo junto, não**” (Márcia, 3ª nos, 1ª dor desde 2010). Essa associação essa ideia de voltar para o campo, para a roça, muitos moradores demonstram uma preferência por essas terras, com ardição, ou quinta e bastante espaço: “**Queria mesmo uma casa no campo com rede**” (A. Cir, 4ª nos, 1ª dor desde 1999). “**Moro na comunidade por necessidade, gostaria de morar numa casa de campo**”. (Lorge, 3ª nos, 1ª dor desde 1999).

O sentimento, para os moradores, é um dos maiores problemas: “**não tenho nada contra aqui, não tem drogas, só precisa de esgoto e asfalto**”. (Márcia, 3ª nos, 1ª dor desde 1999). “**Aqui quando chove é horrível. Aqui tem o nome de Esperança e nós temos esperança**” (Domingos, 3ª nos, 1ª dor desde 2010). “**Aqui é muito precário**” (Sidney, 4ª nos, 1ª dor desde 1999). “**Tendo casa, rua asfaltada está bom**” (Márcia de Lourdes, 3ª nos, 1ª dor desde 2010).

Ao ver a aparência da arquitetura poderia (ver figura 20), uma das moradores diz que o gosto da aparência, pois “**parece uma escola**” (D. A. Rita, 7ª nos, 1ª dor desde 2010). Essa mesma moradora do conjunto construído há vários anos (ver figura 20), no bairro Recreio dos Bandeirantes diz, a respeito da própria vila: “**podia derrubar tudo aqui e construir umas casinhas**”.

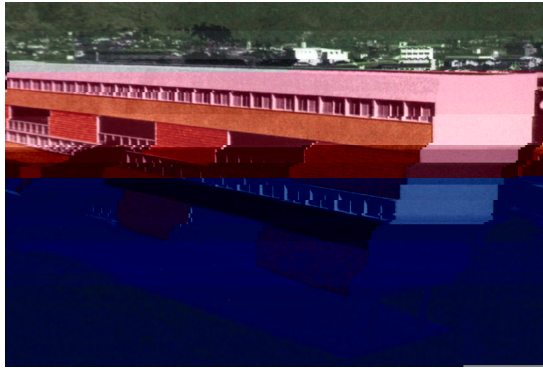


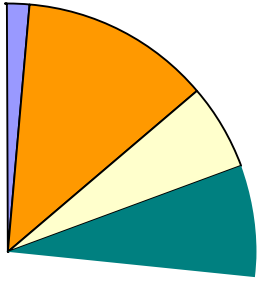
Figura 28: Imagem 1. Fonte: Imagem modificada para uso.

Figura 29: Imagem 2. Fonte: Imagem 1.

No entanto, a presença de degraus para quem situa o espaço que os moradores deia muito caro: **“Moraria em qualquer lugar, já morei em baixo de escada”**. Encisa, la nos, moradores desde 1990.

**c. O “conforto”, a “segurança” e a “tranquilidade”.**

Com o objetivo de se entender melhor representações sociais, elaborou-se três perguntas abertas que buscam compreender o de morar com conforto, morar com segurança e morar com tranquilidade. Como esses conceitos podem ter interpretações diversas, essas perguntas ajudam no entendimento das representações sociais. Quando as palavras “conforto”, “segurança” e “tranquilidade” são evocadas, quais os seus sentidos?





Para morar com SEGURANÇA, para a parte dos entrevistados, tem uma relação direta com a violência. No entanto, Deus e questões religiosas “Só quem tem Deus, tem segurança” (Luiz, 4, morador desde 1994) está na frente de outros fatores como a vizinhança e aspectos construtivos do lugar.

Para os moradores, “o importante é a segurança do lugar” (Márcia, 1ª nos, moradora desde 1999). “A coisa mais importante é a segurança” (Edenilson, 1ª nos, morador desde 2000). “É mais importante o lugar. É bom ter uma casa boa, mas a segurança é importante” (Ondina, 2ª nos, moradora desde 2000).

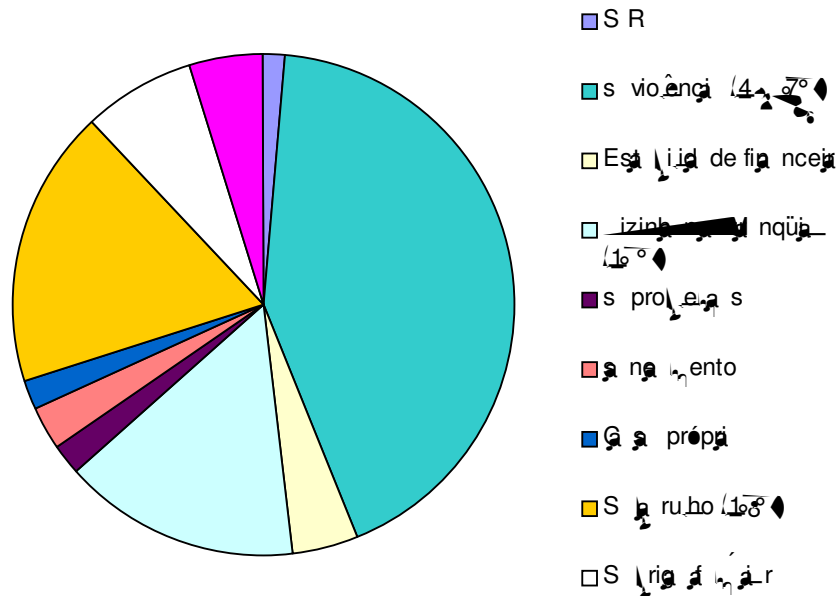


Gráfico 18 Morador e qualidade de

Morar com TRANQUILIDADE para eles é “morar sem violência”, mas para muitos tem relação com morar “sem barulho” ou a existência de uma “vizinhança tranquila”.

A questão da tranquilidade é um fator importante: “Aqui o lugar é tranquilo, ninguém mexe em nada... não tem tiroteio” (Severina). “Mais tranquilo e movimento pra poder balancear” (Adriana). “Onde tiver mato, não gosto do barulho da cidade” (Jose).



#### d. As representações na concretização da moradia

No aspecto que caracteriza a moradia tem-se o padrão de organização espacial na forma diversificada das unidades. A existência de um número grande de unidades ou, melhor dizendo, “quitinetes” para a aluguel, espaços e quartos, muitas vezes com áreas de 16m<sup>2</sup>, que privilegia a unidade que destina a maior área maior do que a do apartamento residencial. Percebeu-se que muitas dessas unidades são independentes oriundas do nordeste num processo de imigração muito comum de imigrantes. Essas “quitinetes” reúne cozinha, quarto e banheiro e 9,17 ou 11m<sup>2</sup> e normalmente constitui uma espécie de apartamento que se considera “compartir” uma sala e “se viver do aluguel”. Percebe-se, portanto, que a questão do aluguel parece estar ressurgindo de várias maneiras, o que se reflete nos tipos de apartamentos.

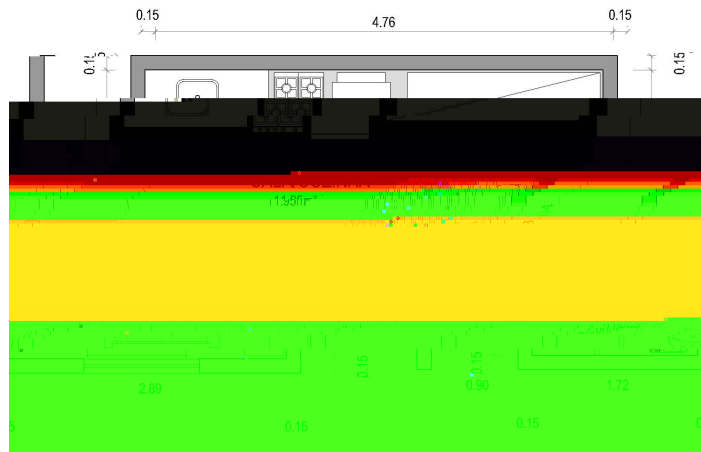


Figura 7 Planta baixa de uma das unidades habitacionais em Teresina.

Na figura 7 temos uma planta baixa de uma unidade habitacional de 14m<sup>2</sup> onde há três dutos, uma sala de estar e dois quartos, totalizando seis cômodos. Não encontramos uma unidade multifuncional de sala, cozinha e quarto. Apesar de pequena a sala, o cômodo organiza os espaços de trabalho e que se percebe o que seria um quarto, uma sala e uma cozinha de trabalho que se independentes, estando a planta o banheiro efetivamente dividido por uma rede de variação. No caso temos a cozinha representada pela pia, fogão e geladeira. Depois percebemos o quarto com a cama e o guarda-roupa. E por último, temos a sala com uma estante e um sofá.

Na medida em que temos as representações sociais de “cômodos” relacionados à organização e qualidade de vida, confirmando os dados da pesquisa construídas uma grande preocupação com o conteúdo de inserção do indivíduo e o necessário com a organização da sala é pequena, possui problemas de iluminação e ventilação, a sala usa de

uma urgência/serviço e o sonho de uma própria propriedade. A necessidade de uma melhoria inexistente no local é uma outra grande preocupação.

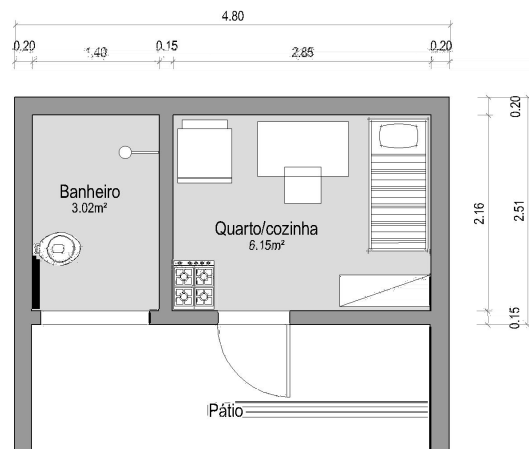


Figura 1: Planta baixa do apartamento de Srª. Isisir, com área de 9,17m².

Na figura 1 temos a planta baixa de uma pequena unidade, onde temos um patio com diversas portas e janelas. Esse tipo de apartamento é muito comum em Nova Esperança. Nessa unidade as pessoas e veículos normalmente utilizam o espaço do quarto e cozinha para se estacionar, vindo-se para o patio central através das janelas e portas. Temos o banheiro da unidade do lado esquerdo desse patio e, em vez de voltar-se para o interior da unidade.

Não é possível confirmar-se que a prioridade da própria propriedade, numa urgência com o plano de Nova Esperança que pode ser o serviço de melhoria da cidade, que está sendo realizado, onde está o visual das ruas de outros bairros. A urgência de melhorar as ruas, normalmente de pessoas com um caráter de urgência ou emergência, que enfrenta a questão da segurança e da qualidade de vida.

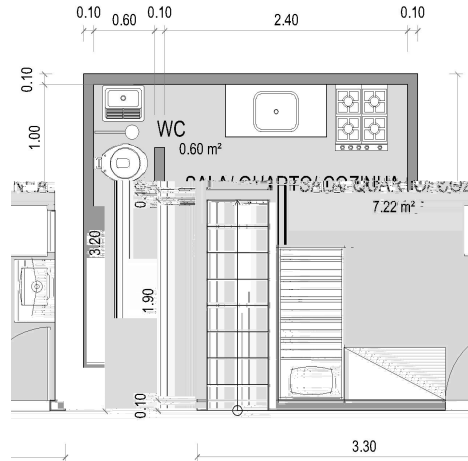


Figura 2: Planta baixa da casa do Sr. Edemar, com metros de  $0,7$ .

A figura acima é o desenho da planta baixa da menor casa encontrada em Nova Esperança, o chamado "quitinete". Nele mora apenas uma pessoa. A casa é igual de dois espaços, tendo uma habitação multifuncional de  $7 \text{ m}^2$  que inclui o quarto e cozinha. Menor ainda é o banheiro com  $0,6 \text{ m}^2$ , onde percebemos o esforço em colocar nesse espaço um tanque, um vaso sanitário e ainda um chuveiro.

O espaço da moradia, que é pequeno demais, enfrenta uma preocupação maior com o "exterior" "sentimento" do chamado "segurança", "tranquilidade", do que com o "conforto" ou "bem-estar" dentro da própria moradia. Esses aspectos têm muito mais a referência do lugar de origem e com a própria representação o chamado "lugar de vivência".

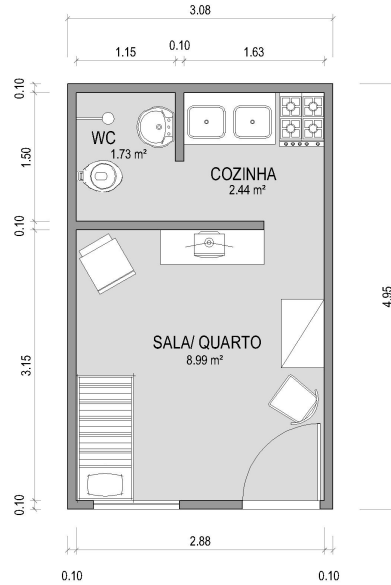


Figura 1 - Planta baixa da sala de M. Rúci. Área: 1,11 m<sup>2</sup>.

Na figura acima (figura 1), temos um padrão de “quintete” um pouco melhor, onde há uma espaço separado destinado para a cozinha. Esse padrão é bastante comum em Nova Esperança. Nesta sala há um banheiro e uma sala com uma escrivaninha e uma cama. Nota-se que a cozinha e o banheiro não dispõem de janelas. A sala e quarto são divididos por uma parede disposta dos móveis, o servindo, entretanto, que o que seria o quarto (representado pela área em cinza) está junto ao corredor da casa.

Na mesma maneira que no exemplo anterior, temos aqui em questão as questões da ordem das soluções representadas e concretizadas das demandas. Há uma preocupação com o usar e o espaço tanto com a demanda. Como se “o resto da gente resolvesse depois”, ou seja, o espaço interno. O importante é seguir na busca por qualidade de vida no ambiente.

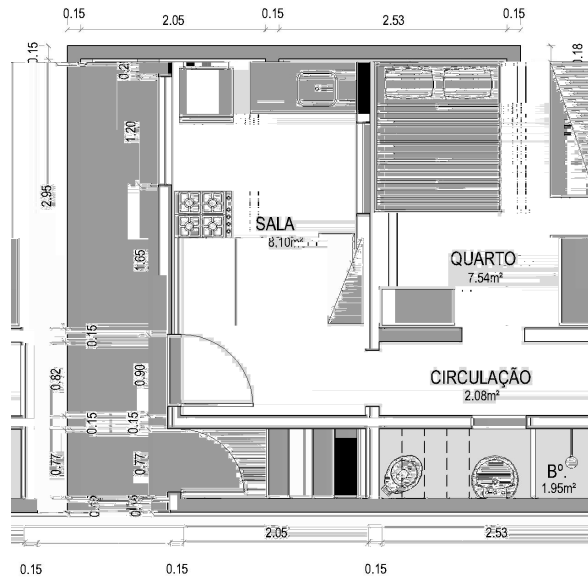


Figura 4: Planta baixa da casa do Sr. José Carlos. Área útil, 7,7m<sup>2</sup>.

Outras características presentes na planta são a presença de uma janela e uma ventilação. Muitas delas apresentam a presença de uma rede, quando existe, e esta é feita de uma maneira que não permite uma boa iluminação ou ventilação do compartimento.

Na figura 4a, vê-se a planta baixa de uma casa de um quarto e sala onde há dois dutos e uma chaminé com área de 2,0m<sup>2</sup>. Não há outros problemas no que diz respeito à ventilação e iluminação, quando temos uma única janela no quarto e uma sala. Essa situação de ter uma janela em outro cômodo é bastante comum em Nova Esperança. O problema aqui é a utilização de dois ambientes que também funcionam como cozinha.

Então, a iluminação é o problema prioritário, uma vez que o problema das questões e terra se torna mais relevantes. GRAU DE RELEVÂNCIA é devido ao pouco tempo e que está o problema de tempo de existência desta. A ausência de abertura também pode ter relação com esse e terior, que tem coisas que não são e muitas vezes "eu não quero não ver".

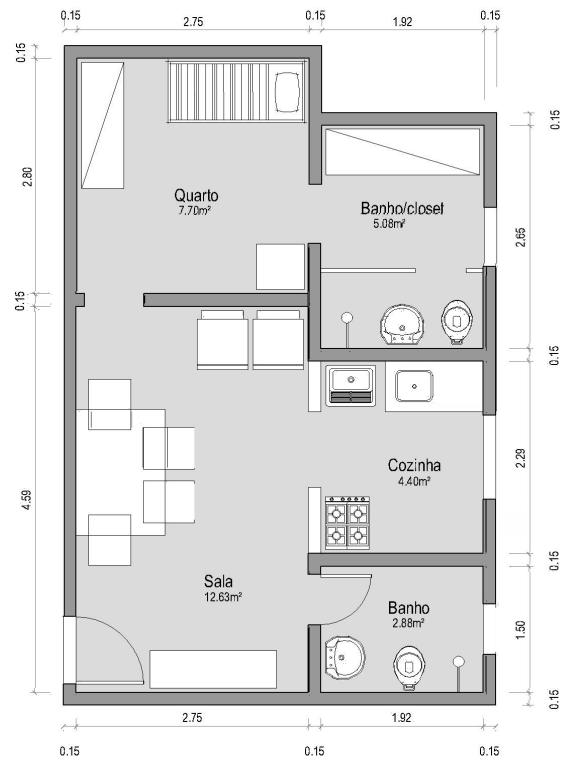


Figura 1 - Planta baixa da casa de Sr. Rodrigo. Área construída: 32,64m<sup>2</sup>.

Não há geração de luz (figura 1) e, apesar de o espaço do quarto grande, não utiliza o pouco espaço disponível para um closet. Com isso, verifica-se nos outros ambientes problemas referentes à iluminação e ventilação. Neste caso, não há fenestração suficiente para o quarto, que realiza sua iluminação e ventilação através do closet. Nesta casa há três moradores e uma área de 12,63m<sup>2</sup>. A sala de estar não possui ventilação direta, realiza a ventilação através da cozinha. O espaço é pouco compartilhado, entretanto, verifica-se a inexistência de circulação (corredores, etc), onde os próprios cômodos possuem essa função. Todos, portanto, estão funcionando de maneira como elemento de circulação, com todos os outros cômodos com as portas abertas, fazendo com que o seu espaço útil fique ainda mais reduzido.

Nos outros ambientes, verifica-se a ausência de prioridade de questões e prioridades. No entanto, verifica-se aqui uma preocupação com o espaço e com o bem-estar dentro da casa.

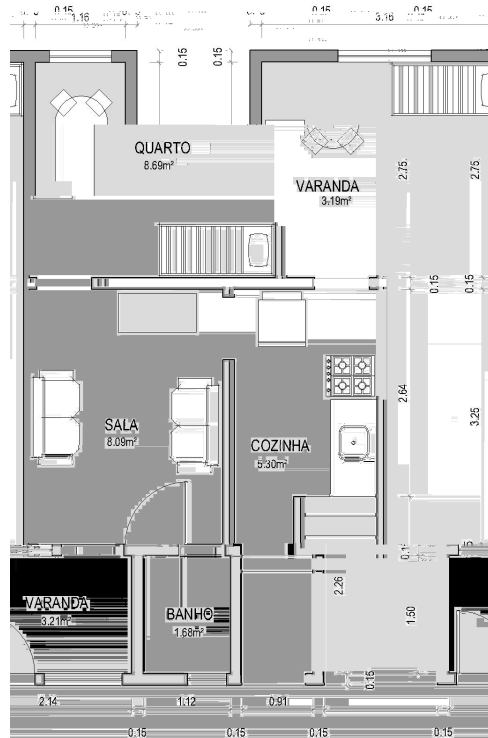


Figura 1: Planta baixa da casa do Sr. Edensom. Área: 70,1 m<sup>2</sup>.

Na figura acima (figura 1) temos uma casa de um quarto onde encontramos um elemento bastante comum e que não pode ser negligenciado. Nesse caso, temos dentro uma varanda de acesso para a cozinha e os fundos. A varanda de frente da casa é o elemento de ligação entre o ambiente exterior e interior da própria casa, conferindo privacidade para a casa nos fundos funciona como uma das pequenas dimensões da cozinha. Nessa casa temos três varandas, numa área de 70,1 m<sup>2</sup>. Todos os cômodos, cozinha e banheiro são ventilados e iluminados diretamente. No ambiente da cozinha encontramos elementos destinados ao ambiente para circulação (corredores, etc), o que é restrito para alguns cômodos e um acesso de ventilação, diminuindo seu espaço útil, como é o caso da sala e da cozinha.

Aqui, o contato com o exterior é mais sutil, menos direto, feito por meio de varandas e terraços, portanto bastante presentes nas fachadas. Já se verifica uma maior preocupação com o contato e estar no interior da casa, representado pela existência das varandas e por uma iluminação e ventilação da casa.

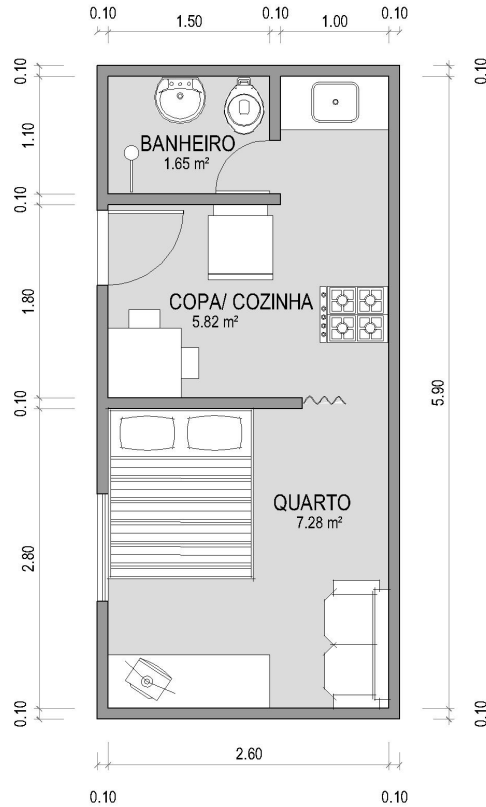


Figura 7: Planta baixa da sala da Sra. Sônia. Área: 14,7 m<sup>2</sup>.

Não há grande coisa ter os quartos um pouco diferente da disposição dos cômodos. Neste e em parte do da sala de estar, quarto e uma copa cozinha. Nos e em partes interiores, o acesso se dá pela sala, mas o que essa fosse uma ambiente multifuncional de quarto ou sala ou de sala cozinha. Neste caso, no entanto, optou-se por realizar o acesso pela cozinha pela inexistência do ambiente sala. Mas nessa sala uma sala e uma cozinha em menos de 1 m<sup>2</sup>. Não há neste verificando-se a inexistência de circulação, sendo a cozinha utilizada para esse fim. O único cômodo que possui ventilação e iluminação natural através de janelas é o quarto, verificando-se que o da esse elemento da cozinha nem no banheiro.

Alguns e em parte de salas de dois ou três quartos há também foram seccionados por possuindo elementos importantes para a análise. Muitas dessas salas possuem grandes dimensões e a mesma coisa que os espaços são distribuídos constitui um rico material



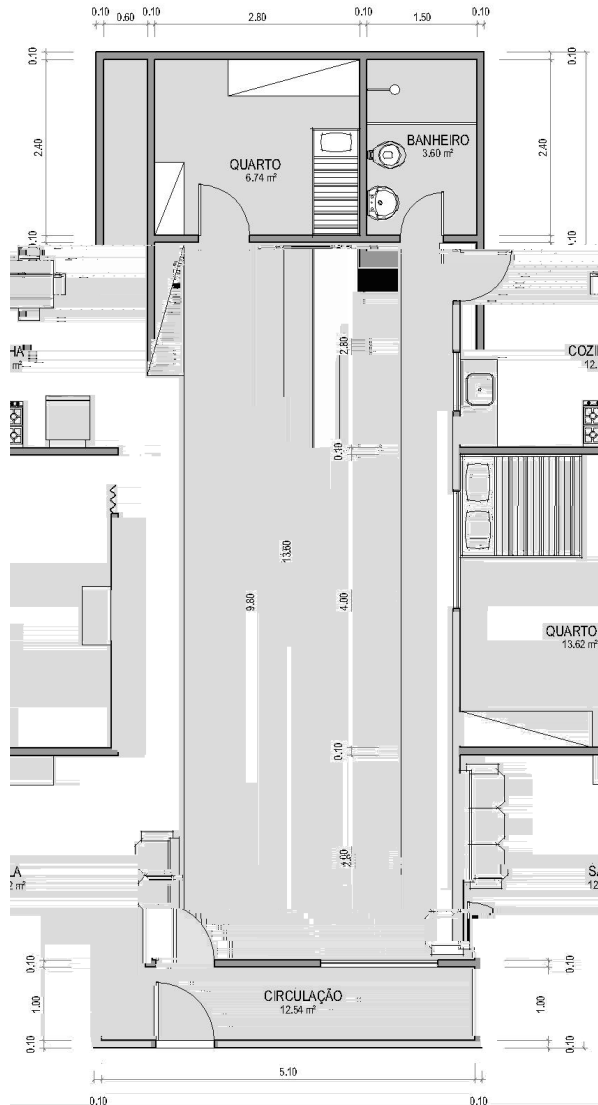


Figura 8 Planta baixa da casa de Sarah Judith. Área: 48,02 m<sup>2</sup>.

Na figura acima (figura 8) vemos a planta baixa de uma casa de dois quartos, relativamente grande, onde conseguimos ver, por exemplo, a diferença entre os dois quartos (do lado frente e o dos fundos). ~~verificamos~~ e a presença de uma cozinha com o grande espaço de frente 1,20 m, o que a vez reflete a importância que é dada a esse compartimento. Diferentemente das experiências anteriores, nesse caso não nos preocupamos de um elemento de circulação distribuído, e sim, onde verificamos os cômodos dispostos no fundo, voltados para a cozinha. Esse elemento de circulação é um elemento anterior, portanto, descoberto, para onde se voltam todas as suas janelas, portanto, esta possui uma pérgula de 1,20 m de largura, o que permite uma iluminação e ventilação adequadas dos compartimentos. Essa circulação é o elemento de acesso

a uma entrada secundária da “entrada dos fundos” ou “entrada de serviço” através da cozinha, que também é utilizada para funcionar como elemento de distribuição. O quarto e o banheiro dos fundos não possuem portas. Nessa situação, a unidade é uma cozinha, numa área de  $7,27\text{ m}^2$ .

Nesse exemplo o contrário de todos os outros, verifica-se uma incompatibilidade do espaço interno da casa, que deve ser resolvida. O espaço de reunião da sala é bastante organizado, o que confirma a escolha dos itens (Itens 7, 1 e 2) e suas respectivas justificativas, com relação à casa, com a ordem e espaço.

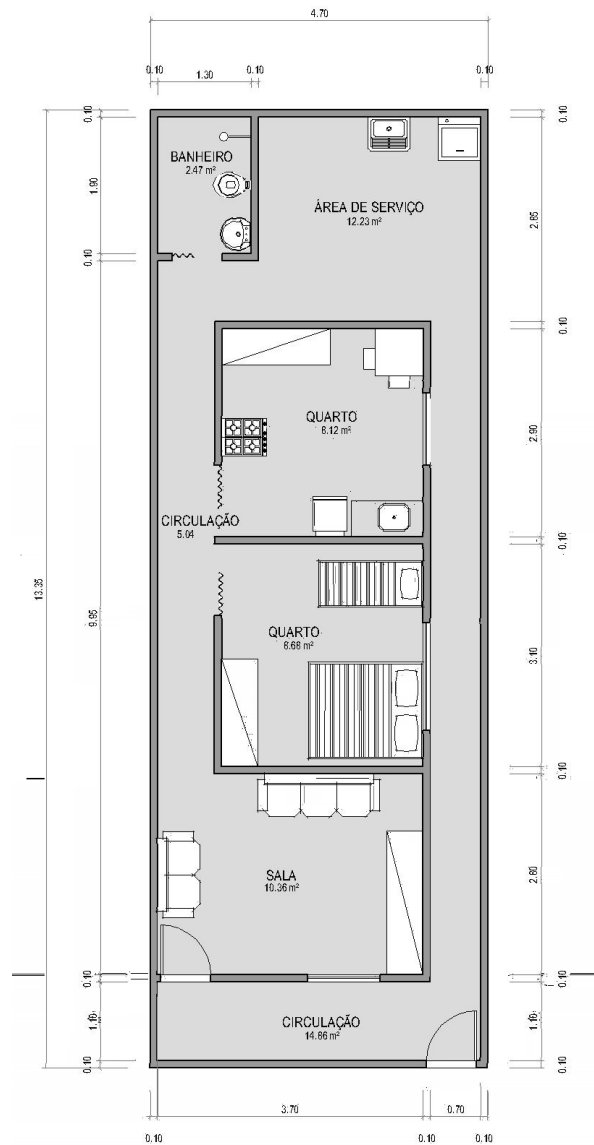


Figura 1: Planta baixa da casa da Sr. Auréa. Área:  $1,47\text{ m}^2$ .

A figura 3.1.3 é a planta baixa de uma casa relativamente grande, com área de  $120\text{ m}^2$  e dois quartos, onde vive uma mãe e três filhos. Entretanto, verifica-se que a ventilação é insatisfatória em várias das salas da casa, e todos os cômodos. O acesso se dá pela rua, passando, no entanto, uma casa secundária para a rua de serviço, a três metros distante de um elemento de circulação e terraço da casa, onde está o volume total das salas e quartos. O serviço de água e esgoto de uma outra circulação da parte interna da casa ligando frente aos fundos da casa, passando pelos dois quartos. Nota-se a existência de uma rede de drenagem nos fundos do terreno, com um certo isolamento dos outros compartimentos da casa. Essa rede de drenagem e coleta, questão de higiene, o banheiro com o "sujo" deve ficar isolado do resto da casa a go cultural e historicamente construído com a inserção do banheiro nos fundos da casa.

No exemplo citado, verifica-se que a planta baixa apresenta uma grande incompatibilidade entre o espaço interno da casa, que é bastante amplo, tanto nos cômodos de reunião quanto nos cômodos de serviço, quanto que confirma a escolha das instalações de água fria e esgoto. A verificação preliminar preocupa com o conforto térmico.

Ao comparar as condições das entrevistas dos, verifica-se que a maioria das condições habitacionais é muito pior do que a maioria das condições de habitação se refere a  $120\text{ m}^2$ ,  $120\text{ m}^2$  e exemplos de condições de acesso aos cômodos de quarto e áreas conjuntas construídos pelo BNH, com condições pequenas, têm medidas maiores ( $120\text{ m}^2$ ,  $120\text{ m}^2$ ). Mesmo em cortiços reformados pelo Programa Novas Aterragens da Prefeitura do Rio de Janeiro, não encontram-se as medidas pequenas.

Entretanto, não se deve relacionar condições de quartos ou cortiços, muitos julgam serem "pequenos", ou dizer "pouco espaço", o que se demonstra contra ditório com a realidade de quem vive. Percebe-se que, sempre que possível, as pessoas possuem uma sala de quintal. O número de janelas é normalmente bastante reduzido, seja pela impossibilidade de devido à localização da casa, seja porque o exterior da casa é muito desgastado por poluição, etc. Quando se trata de condições de habitação, verifica-se que existe uma diferença muito grande entre o espaço interno e o espaço externo.

### 3.1.4. Análise dos resultados



Para os moradores de Nova Iorque, **morar bem** é ter uma casa isolada numa boa terreno adequado, pois para eles é impossível "ter bastante verde", espaço livre para um jardim, quintal ou jardim. Pode ser que exista uma casa isolada longe de uma

para, simplesmente, as onde há a intenção de estar, o "uso da cor, quinta para cor da tinta". Poderia ser uma casa desde que fosse terra e isola no terreno.

Para eles, o segredo da vida própria é ver a natureza na sua essência, o que quer que seja, o que quando uma coisa se apresenta que "a vida é melhor". Conjuntos populares associados aos seus, a intenção de uma vida melhor por parte dos entrevistados, o representando a vida para eles. Para eles, a vida é simplesmente a vida.

"Morar" para os moradores de São Paulo é uma questão de qualidade de vida. No entanto, com o tempo que eles em ergo a vida, uma necessidade de seguir na direção principal da vida de São Paulo, motivo que levou muitos de sua construção para a vida, "o importante é a qualidade de vida". Percebemos que as influências da experiência cotidiana e do contexto da construção desse conceito presentes do futuro e da existência do sistema periférico, a indústria para elementos relacionados ao "lazer", "lugar", "alimentação", "conforto", "comunidade", "transporte" e "trabalho".

Quando observamos a concretização do espaço de morar, ou seja, quando a vida é realizada, verificamos, que muitas das coisas são muito pequenas, o que pode ser justificado por uma prioridade para eles que é ter uma casa própria, num lugar tranquilo e seguro. Muitas vezes, a ideia de morar é ser tranquilo, a ideia de uma vida melhor. Entretanto, verificamos que a questão do espaço e do conforto está presente nessa concretização da vida, observando-se comodidades, a presença de um jardim e quintal. Outro aspecto importante de se destacar é a presença do banheiro, muitas vezes despendendo os fundos da casa, próxima a sala de serviço e cozinha.

<b>SOCIO-ECONÔMICO</b>	<b>sexo</b>	7º masculino 4º feminino		
	<b>Escolaridade</b>	41,8º E. Fund. Incompleto 1º E. Fund. Completo		
	<b>Origem</b>	3,8º outro município 4,2º Grande Azil 17,4º Z. Oeste		
	<b>Nº. Moradores</b>	4 moradores 4 moradores 1 morador		
	<b>Renda</b>	1,8º menos de 200		
	<b>Tempo</b>	1,8º menos de 2 anos		
<b>REPRESENTAÇÃO SOCIAL</b>	<b>"moradia"</b>	<b>NC*</b>	na moradia tranquila de	
		<b>SP**</b>	zer espaço vizinhos transporte áride	
	<b>"Morar bem"</b>		Bela vista verde Jardim e praça Graciosa paisagem	
			Bela vista verde é melhor 'Graciosa paisagem' é ruim Bela vista verde é ruim Morar trepado é melhor Não gosto de apartamento Quero espaço	
<b>CONFORTO SEGURANÇA TRANQUILIDADE</b>	<b>Morar com conforto</b>	Ter o mínimo necessário na moradia e infraestrutura urbana Gracioso espaço		
	<b>Morar com segurança</b>	Sem violência		
	<b>Morar com tranquilidade</b>	Sem violência Sem barulho Tranquila vizinhança		
<b>Concretização da moradia</b>		Estrutura dos "quitinetes" para usar EXTERIOR com todo o conforto Espaço interno pequeno com cômodos e banheiro Pouco preocupado com INTERNO		

NC: Núcleo Central — SP: Sistema Periférico



### 3.2. Vila Pereira da Silva – “Pereirão”



Figura 4 - Vista aérea de a fite da vila de Pereira da Silva. Fonte: Programa Google Earth.

A vila de Pereira da Silva a antiga vila do Pereirão, fica no bairro de Banjeiras, onde está a atual residência oficial do Governador do Estado - o Palácio de Banjeiras e está localizada imediatamente ao lado do bairro de Santa Tereza. Segundo fontes da Associação de moradores, a vila cresceu a partir do loteamento que deu origem à vila (Bairro Pereira da Silva) e, no terreno, ainda encontram-se hoje o que foi sede de uma antiga fazenda, do início do século XIX, vestígios da primeira ocupação do local.

Verifica-se que Pereira da Silva a existência de duas ruas que dão acesso ao bairro de Banjeiras, onde temos o acesso principal à vila e onde se encontra a Associação de moradores e outras instalações do bairro de Santa Tereza. A primeira rua, segundo o presidente da associação e foi dito que poderíamos confirmar, é uma rua onde as ruas são maiores, o planejamento das construções é pior e este maior número de moradores mais recentes da vila. O acesso destes se dá pela Rua Pereira da Silva, na segunda rua, encontram-se as ruas maiores, melhores e mais largas e os moradores, de uma maneira geral são mais antigos. O acesso é feito pela Rua Antônio Azevedo.

Com relação a isso, verificamos que há neste peculiar e em ~~Penha~~ Silva, moradores vivendo na sala do prédio da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, a sala onde o proprietário mora. Segundo um dos moradores, eles preferem manter o endereço "Rua Pereira da Silva, nº 20 - Laranjeiras". Poderíamos investigar que seja pela referência ao bairro de Laranjeiras e de não ser identificado como "área verde". Os moradores que vivem aqui próximo à Rua Amante Alexandre, bairro de Santa Tereza, a dois quadras da Rua com referência, a mesma rua de que os moradores se orgulham para a identificação dos moradores de Laranjeiras.

A ocupação da rua situada na Rua Pereira da Silva remonta a década de 1970, quando não havia presença de construções esportivas e hoje, mais de 70 anos depois, a rua conta com a presença de 700 moradores ou 2000 moradores, a presença de moradores, segundo o presidente da Associação de moradores, o Sr. Pedro B. U.



Figura 41: Vista da rua em Penha, Silva.

Diferentemente da área em Nova Esperança, em Penha, Silva se caracteriza pela presença de uma temperatura dentro das salas é menos elevada, considerando as possibilidades de ventilação e insolação. A existência de salas maiores e o edifício de quitinetes de aluguel que se insustentam, e aqui se encontram algumas salas de aluguel.





Figura 4 - Vista do bairro da Penha, São Paulo.

Em 2001, o produtor de vídeos Flávio Galvão criou o projeto Corrinho, com o objetivo de estimular a criatividade dos jovens moradores da comunidade de Cordeiros, a fim de construir uma comunidade mais segura e transmitir conhecimentos técnicos de vídeo que possam ajudar os adolescentes a conseguir um emprego melhor. O projeto recebeu menção honrosa no Prêmio Intercâmbio de Duque, promovido pela prefeitura da cidade de São Paulo e pelos Estados Unidos e pela ONU. (fonte: <http://www.anba.com.br/noticia.php?id=4627> acessado em 26/06/2006.)



Figura 4 - Maquete feita com tijolos por crianças da Penha, São Paulo.

### 3.2.1. Relação com o bairro

A Penha, São Paulo, está localizada entre os bairros de Santa Tereza e Santa Inês, tendo acesso por vários pontos, tanto pela Rua Almeida Antunes como



na própria Rua Pereira da Silva que dá nome a esta via. Os dois bairros residenciais de classe média dispõem de possibilidades de trabalho para grande parte dos moradores. A esta via dá acesso a Rua Pereira da Silva, a casa para utópicos, a péssimas motocicletas e alguns trechos. Apesar de proximidade do centro do bairro de Botafogo, o acesso não é o simples, uma vez que os moradores só dispõem de uma linha de ônibus que serve a Rua Pereira da Silva, a qual cujo funcionamento está muito ligado ao Colégio Liceu Moíre e existente no número 720 dessa rua. Muitos moradores relatam que, nos horários em que saem para o trabalho, o ônibus não circula. Segundo alguns moradores, o acesso às ruas de Santa Tereza dá acesso às ruas, uma vez que há ônibus e ônibus para Rua Amante Alvarado e, depois, para descer.



Figura 44: Vista do bairro de Açu e da via Rua Pereira da Silva.

### 3.2.2. A pesquisa em campo

A pesquisa de campo realizou-se de junho a julho de 2011 e contou com o apoio de pesquisadores do Laboratório de Habitação e PROARQ - FR. Foi realizada dos 100 questionários compostos, assim como no caso de Nova Friburgo, por questões de privacidade, perguntas abertas, perfil sócio-econômico e seção de imagens. Também foi realizado, paralelamente, um experimento de vendas quando experimentado pelos moradores.

### 3.2.3. Apresentação dos resultados

Os resultados obtidos nas pesquisas realizadas em Pernambuco e São Paulo nos meses de junho e julho podem ser observados a seguir.

Com relação ao perfil sócio-econômico, temos que grande maioria das casas dos entrevistados (70%) é própria, contra apenas 10% que são alugadas. Comparando-se com os dados do IBGE do censo de 2000, temos números bastante próximos (74% dos domicílios próprios, 14% alugados e 12% outras formas).

A escolaridade dos chefes de família é heterogênea, tendo a maioria o ensino fundamental incompleto (60%), enquanto 10% têm o ensino médio completo. E isto, no entanto, apenas de adultos. Comparando com os dados do último censo de 2000, temos que dos estudantes com mais de 15 anos de idade, 37% têm até o Ensino Fundamental incompleto, 10% têm até o Ensino Médio e apenas 5% têm o ensino superior.

Os chefes de família são, em sua maioria, pertencentes ao sexo masculino (80%) dos entrevistados.

Muitos chefes de família entrevistados (10%) têm idade em torno dos 40 anos. O gráfico abaixo ilustra a idade dos chefes de família em Pernambuco e São Paulo, esta mais frequente entre 40 e 50 anos.

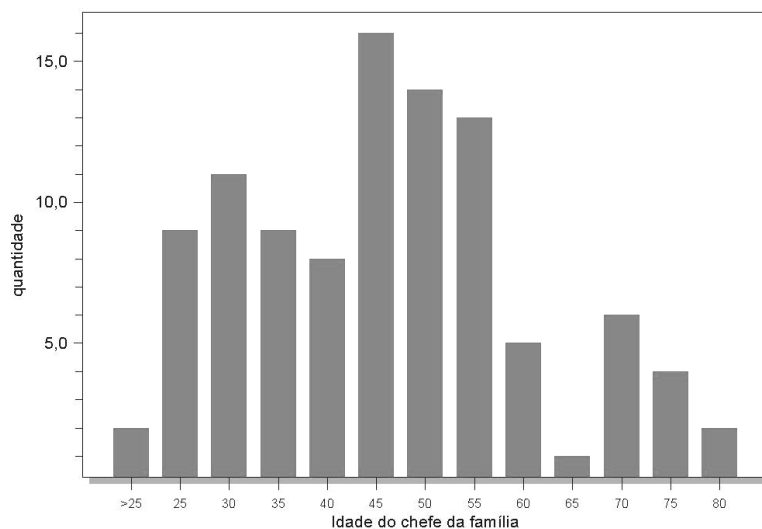


Gráfico que ilustra a idade dos chefes de família entrevistados.

Muitos dos entrevistados é oriundo de outros estados (10%), resultado do fluxo migratório para a cidade do Rio de Janeiro. E este inclui um grupo (10%) dos entrevistados que vêm da zona da forma da Zona Sul e um grupo vindo de outras partes da mesma região (10%). Poucos são aqueles que vêm da Zona Oeste. Segundo dados do censo do IBGE, de 1991, 10% da população reside no Rio de Janeiro e a maioria reside.

A parte das entrevistas possui em torno de quatro (4) ou cinco (5) perguntas. Poucas são as entrevistas com mais de seis perguntas (2%) e o dos entrevistados são sozinhos. Número médio de perguntas em ~~Paris~~ ~~Six~~ é de 4,74 perguntas por indivíduo, apresentando-se um pouco maior do que em ~~Ne~~ ~~Esper~~ na lista de perguntas do indivíduo. Esse número é maior que a média da população

## a. A estrutura da Representação Social da Moradia



Gráfico 17 Gráfico ilustrativo da Estrutura da Representação Social da Moradia em um Sistema Periférico.

Tem-se no núcleo Central a palavra “conforto”, isoladamente.

No Sistema Periférico (que é pressuado pelas influências da experiência cotidiana e aspectos do contexto da construção do conceito) encontram-se as palavras como “família”, “saneamento”, “lazer”, “dinheiro”, “luz”, “vizinhança”, “alimentação”.

### Teste de Centralidade

A fim de se confirmar se as palavras que se recebem no primeiro quadrante da estrutura das representações sociais realmente configuram o núcleo central, foi escolhido o tempo e foi escolhido-se, a partir de então, 70 pessoas para as quais foi perguntado se “é possível pensar em moradia sem pensar em conforto”. O teste foi realizado no dia 1 de dezembro e, das 70 pessoas selecionadas, 24 afirmaram que não é possível pensar em moradia sem pensar em conforto e 46 afirmaram que é possível.

Confirma-se, portanto, que a “moradia” é a palavra que vive em um Sistema Periférico e está fortemente ligada ao “conforto”.

**b. Representação social do “morar bem”**

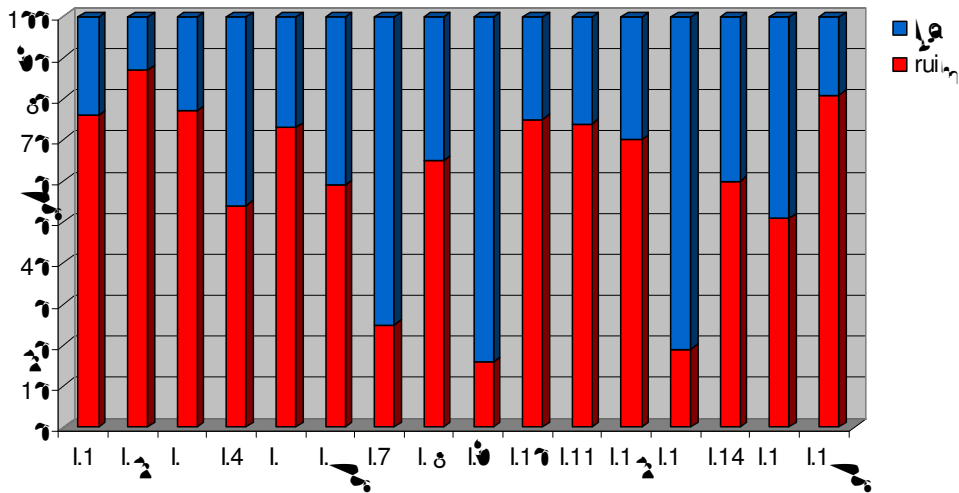


Gráfico 11: Gráfico ilustrativo das escolhas das crianças em “morar bem” e “o morar bem”.

No gráfico acima nota-se que, quando pedidos para dividir as imagens em dois grupos distintos aquelas que têm relação com “morar bem” e aquelas que não têm relação com a imagem que mais vezes se recebeu no grupo de aquelas que têm relação com a imagem, seguida pela imagem 1 e depois a imagem 7. Já aquelas que mais vezes se recebeu no grupo de aquelas que menos relação têm com “morar bem” foi a imagem 2, seguida da imagem 1 e depois a imagem 7.

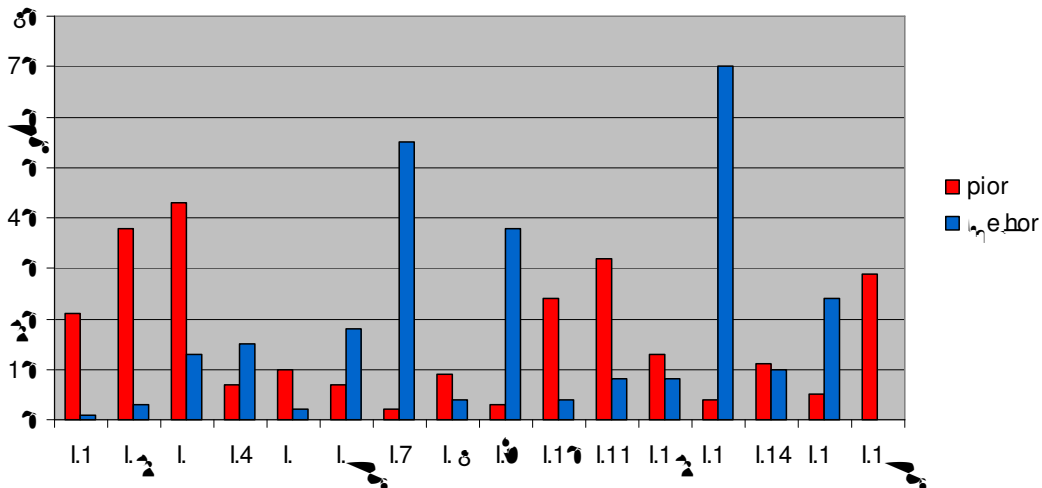


Gráfico 12: Gráfico ilustrativo das escolhas das crianças em três que mais representam “morar bem” e três que menos representam.

Uma no qual ficou clara a intenção que, com a reza da escola s entre as três que mais têm reza o ea s três que menos reza o têm com o “morar livre” a mais gente que, para os entrevistados, mais reza o é a mais gente 1, seguida pela mais gente 7 e depois a mais gente 10. A mais gente que mais reza o está mais distante do “morar livre” é a mais gente 11, seguida pela mais gente 10 (ligada a Neide) e depois a mais gente 11 (diferente de Neide) Esperança.

A mais gente mais escolhida com uma das três que mais têm reza o com o “morar livre” foi a imagem 13 (ver figura 10 no item 1.1. desse capítulo), com a seguinte justificativa: “Ao observar as justificativas para a escolha dessa mais gente com uma das três que mais reza o tivesse com o “morar livre” verificamos que a mais gente faz consigo elementos que trazem o conceito de “morar livre” para os moradores de Pernambuco. A mais gente no momento, isso é, com o tempo de duração das entrevistas, é, para muitos, um sonho que eles gostariam de poder realizar “Penso em ter um dia”. (Josefina, 50, moradora desde 1970), “tipo de casa que gostaria de ter”. (Neide, 60, moradora desde 1980).

Para uma melhor análise dos resultados das mais gentes, optou-se, com o objetivo de aprofundar, anteriormente, por fazer com a análise de conteúdo com as justificativas das mais gentes. Para isso, foram destacados a presença de elementos considerados relevantes para uma compreensão mais clara da representação do “morar livre” para os moradores de Pernambuco. De acordo com a frequência com que esses elementos aparecem nas justificativas das mais gentes e o contexto em que se inserem, foram definidas as categorias dos elementos, com o poder ser visto no capítulo 11.

Um dos motivos que norteou essa escolha está relacionado ao fato de ser uma CASA e estar ISOLADA no terreno: “São separadas. Gosto de casa, não apartamento”. (Luzia, 7, moradora há 10 anos, “Gosto de casa”. (Margarida, 4, moradora desde 1970) “Morar isolado”. “Sensação de privacidade”. (Geni, 7, moradora desde 1970) “Independência”. (Ana, 6, moradora desde 1970) Outro motivo está relacionado com o CONTEXTO em que está inserida, ESPAÇO e NATURALIZAÇÃO: “Adoro morar no mato”. (Cecília, 7, moradora desde 1970) “Porque tem verde, pelo estilo da casa e varanda”. (Neide, 6, moradora desde 1970) “Diferente de favela, muito verde”. (Neide, 6, moradora desde 1970) “A casa é mais densa, mais urbana”. “Casa grande, espaço”. (Luzia, 7, moradora desde 1970) “Bem arquitetada. No meio da natureza”. (Georgette, 7, moradora desde 1970) “Lugar maravilhoso”. (Georgette, 7, moradora desde 1970) “O lugar, melhor do que a própria casa”. (Margarida, 4, moradora desde 1970) “Campo. Casa de fazenda”. (Elipe, 6, moradora desde 1970) “Vista bonita, casarão”. (Bolsão, 4, moradora desde 1970) “Ter bicho em casa”. (Cristina, 6, moradora desde 1970) “Gosto

de verde, de planta, de bicho”. (Adriana, 1, morador desde 1999) “Espaço, árvores, campo”. (Liliane, morador desde 1999) “Espaço p/ crianças brincarem”. (Lyete, 4, morador desde 1999) “Por causa do quintal, para poder crescer”. (Cristina, morador desde 2000) “Sou doido pra morar no interior. Casa grande com grama”. (Elaine, 44, morador desde 1999) “Muito espaço”. (Márcia, morador desde 1999) “Eu moro na cidade, mas gosto de interior. Parece casa de interior”. (Liliane, 47, morador desde 2000) “Gosto do mato. Fui criada em fazenda”. (Osvaldo, 71, morador desde 2000) “Pelo ambiente e pelo tamanho da casa”. (Bonaldo, morador desde 2000) “Morar no verde, ar puro, natureza”. (Eduardo, morador desde 1999) “Sem vizinho, no mato”. (Osvaldo, morador desde 1999). O CONFORTO é a característica do “Bem confortável”. (Bonaldo, morador desde 1999) “Casa é mais confortável”. (Luciana, 4, morador desde 1997) “Gostei do conforto, do lugar”. (Adriana, morador desde 1999) “Porque tem segurança, tem bastante conforto”. (Diogo, morador desde 1997) “Aconchegante”. (Liliane, 1, morador desde 1999). As relações da TRANQUILIDADE é a característica frequentes: “Transmite tranquilidade”. (Rodrigo, 4, morador desde 1999) “Lugar tranquilo; c/ natureza”. (Morge, morador desde 2000) “Lugar simples, tranquilo e verde”. (Noelma, 4, morador desde 4 meses) “Ambiente sossegado”. (Márcio, morador desde 1997) “Tranquilo. É bonito, tem jardim, segurança”. (Teresa, morador desde 1999) “Lugar tranquilo”. (Lyete, 4, morador desde 1999) “Tranquilidade. Recursos naturais”. (Carice, 47, morador desde 1999) “Tranquilidade”. (Geni, morador desde 1997) “A chegada da casa é tranquila”. (Dirce, morador desde 1999) “Lugar tranquilo. Construa o perfeito. Meio ambiente. Casa ideal”. (Liliane, morador desde 2000). Além desses motivos, os ASPECTOS ESTÉTICOS é a característica influenciada: “Gosto de coisa bonita” (Neide, morador desde 1999) “Mais bonita”. (Liliane, 1, morador desde 1999) “Tudo bonito”. (Dulce, 4, morador desde 2000) “Tudo bonito. Adoro casa”. (Helena, morador desde 1999) “Bonito lugar”. (Liliane, 7, morador desde 1997) “Bonita entrada”. (Liliane, 77, morador desde 1999) “Achei bonita”. (Girina, morador desde 1997) “Fachada linda. Casa de alvenaria”. (Liliane, 4, morador desde 1999) “Porque é lindo, maravilhoso”. (Márcia, morador desde 1994) “Casas maravilhosas”. (Teresa, 1, morador desde 2000).

Temos a imagem 7 (ver figura 1 no item 1.1. nesse trabalho) com as escolhas. Como resultado as justificativas, muitas vezes se esse o “tipo de casa que gostaria de ter”. (Neide, morador desde 1999) “Gostaria preferências pelo tipo de PRAIA: “Casa na praia”. (Bonaldo, morador desde 1999) “Liliane, morador desde 2000) “Por causa da praia”. (Liliane, morador desde 1999) “Márcia, morador desde 1999) “Gosto de praia”. (Liliane, morador desde 1999) “Girina, morador desde 1999) “Gosto de praia”.

desde 1970, “Beira de praia”. Lucio, 4 meses, “À beira da praia”. Márcio, 4 meses desde 1970. O fato de estar ISOLADA no terreno a influência foi um fator “É separada. Gosto de casa, não apartamento”. Bruno, 7 meses, “Morar isolado”. Cristiano, 10 meses desde 1990, “Não é muito isolado, mas tem a sua independência”. Ana, 6 meses desde 1990. A TRANQUILIDADE influenciou bastante a decisão “Tem muita tranquilidade”. Bruno, 12 meses desde 1994, “Lugar simples, tranquilo e verde”. Noemi, 4 meses desde 4 meses, “Ambiente sossegado”. Márcio, 6 meses desde 1997, “Lugar tranquilo; c/ natureza”. Jorge, 2 meses desde 2000, “Transmite tranquilidade”. Rodrigo, 4 meses desde 1990, “Natureza, tranquilidade, sem carro”. Isis, 18 meses desde 4 meses. Os ASPECTOS ESTÉTICOS a influência a importantes “Gosto de coisa bonita, diferente de favela”. Neide, 6 meses desde 1980, “É bonita”. Verônica, 4 meses desde 2 meses, “Paisagem, lugar bonito”. Rosimar, 2 meses desde 2000, “Achei mais bonito”. Cecília, 4 meses desde 1970, “Mais bonita”. Leandro, 12 meses desde 1990, “Vista bonita, casarão”. Bolsonaro, 4 meses desde 1990, “Porque é lindo, maravilhoso”. Marlene, 6 meses desde 1984, “Porque é bonita, parece ser bom lugar”. Cristine, 6 meses desde 1990, NATUREZA e ESPAÇO a influência a o fundo mentalis “Muito verde”. Neide, 6 meses desde 1980, “Lugar bom”. Mariana, 2 meses desde 2000, “Ter bicho em casa”. Cristiano, 10 meses desde 1990, “Lugar amplo”. Geni, 6 meses desde 1970, “Gosto da paisagem”. Helene, 7 meses desde 1990, “Tem ar livre, s/ poluição”. Elaine, 4 meses desde 1990, “Pelo ambiente e pelo fofinho da casa”. Bolsonaro, 2 meses desde 2000, “Praia, ar puro, natureza”. Leandro, 6 meses desde 1990. O CONFORTO é outro forte motivo para a escolha desta imagem “Casa é mais confortável, parecida c/ a casa do norte”. Luciana, 4 meses desde 1970, “Casa confortável”. Rogério, 4 meses desde 1990, “Porque tem segurança, tem bastante conforto”. Diogo, 6 meses desde 1997.

A terceira imagem mais escolhida como uma das três mais relacionadas com “lugar” é a imagem 9 (ver figura 2 no item 2.1. desse capítulo). Essa imagem faz parte do “Sonho de consumo”. Luciana, 2 meses desde 2000 de parte dos entrevistados. Eles gostam de ter alguns juquês “não tenho dinheiro pra mobiliar”. Arlete, 4 meses desde 1980. A BELEZA e ARQUITETURA são as cores freqüências “Lugar mais bonito”. Lora, 2 meses desde 2000, “Vista bonita, casarão”. Bolsonaro, 4 meses desde 1990, “Bonita”. Luciana, 7 meses desde 1970, “Porque é lindo, maravilhoso”. Marlene, 6 meses desde 1984, “Casa bonitinha”. Márcio, 6 meses desde 1980, “Porque é bonita, parece ser bom



lugar". (Cristiane, 8, lugar dor desde 100, "Linda e confortável". (Marcio, 4, lugar dor desde 107, "Arquiteticamente bem feito". (Geni, , lugar dor desde 107, "Ambiente sofisticado". (Bogério, 4, lugar dor desde 100, "Gosto de coisa bonita, diferente de favela, muito verde, tipo de casa que gostaria de ter". (Neide, lugar dor desde 108. ESPAÇO e NATUREZA são elementos essenciais para escolha dessa imagem. "Casa grande, espaço". (Luiz, lugar dor desde 100, "Campo. Casa de fazenda". (Elipe, lugar dor desde 100, "Casa confortável, espaçosa". (Ailton, lugar dor desde 100, "Sou doido pra morar no interior. Casa grande com grama". (Pino, 44, lugar dor desde 108, "Pelo ambiente e pelo tamanho da casa". (Bonaldo, lugar dor desde 200, "Morar no verde, ar puro, natureza". (Eduardo, lugar dor desde 10, "Casa de campo". (Luizino, lugar dor desde 200. A TRANQUILIDADE e o CONFORTO também foram considerados na escolha. "Lugar tranquilo; c/ natureza". (Lorge, lugar dor desde 200, "Lugar tranquilo. Construção perfeita. Meio ambiente". (Leandro, lugar dor desde 200, "Lugar tranquilo, espaço p/ crianças brincarem". (Lyete, 4, lugar dor desde 100, "Gostei do conforto, do lugar". (Aparecida, lugar dor desde 100, "Porque tem segurança, tem bastante conforto". (Diogo, lugar dor desde 100).

A imagem 15 (figura 4) também é bastante escolhida como representativa de "lugar rural". A justificativa frequente para escolha dessa imagem foi o contato com a NATUREZA e o ESPAÇO "Perto do mato". (Mariana, lugar dor desde 200, "Ter bicho em casa". (Cristiano, lugar dor desde 100, "Sou doido pra morar no interior. Casa grande com grama". (Pino, 44, lugar dor desde 108, "Eu moro na cidade, mas gosto de interior. Parece casa de interior". (Jane, 46, lugar dor desde 200, "Gosto de morar na roça". (Bárbara, lugar dor desde 10, "Sem vizinho, no mato". (Osvaldo, lugar dor desde 104, "Gosto do mato. Fui criada em fazenda". (Oscar, 71, lugar dor desde 200, "Plantas". (Lara, lugar dor desde 107. A BELEZA e CONFORTO também é influenciada pela escolha. "É bonita". (Leroneiro, 40, lugar dor desde 200, "Paisagem, lugar bonito". (José, lugar dor desde 200, "Bonita". (Gloria, lugar dor desde 107, "Casa é mais confortável, parecida c/ a casa do norte". (Luciana, 4, lugar dor desde 107, "Parece confortável". (Lara, 76, lugar dor desde 108. A TRANQUILIDADE motivou a escolha também. "Transmite tranquilidade". (Rodrigo, 4, lugar dor desde 100, "lugar tranquilo, espaço p/ crianças brincarem". (Lyete, 4, lugar dor desde 100, "Natureza, tranquilidade, s/ carro". (Thais, 18, lugar dor desde 200, "Tranquilidade". (Lucio, lugar dor desde 107, "Tranquilidade. Recursos naturais". (Grice, 46, lugar dor desde 10, Além disso, nota-se que o fato de ser ISOLADA também influenciou, assim como a presença de paisagem, a escolha dessa

imagem: **“Morar isolado”**. (Cristóvão, morador desde 1999), **“Adoro casa”**. (Eunice, moradora desde 1971), **“São separadas. Gosto de casa, não apartamento”**. (Bianca, moradora desde 1997), (Bruno, morador desde 1971), **“Eu me sinto bem aqui. Tudo que eu preciso está aqui. Temos**



Figura 4 - Imagem nº. 1

Destas imagens, a única que um número significativo de escolheu é a **Imagem 03** (fotografia da própria casa, ver imagem 4). As justificativas são o número seis: **“Minha casa igual do Ceará”**. (Marta, moradora desde 1971), **“Porque já estou aqui mesmo”**. (Bruno, morador desde 1971), **“Eu me sinto bem aqui. Tudo que eu preciso está aqui. Temos**

“Quanto mais mato melhor... E bem longe”. “Sinto-me bem morando aqui. Entro e saio na hora que quero. Gosto de quintal, espaço”.



Figura 4: Imagem nº. 03 para a entrevista com a Sra. Sílvia.

A imagem com o maior índice de rejeição é a imagem 03 com 17% de escolhas e as três imagens que menos tiveram rejeição com “morro ruim” (ver figura 4). A maioria das justificativas para a escolha dessa imagem, diz respeito ao fato de ser FAVELA: “É impossível morar na favela”. (Bárbara, 31, moradora desde 1999), “Parece uma favela cheia de barraco. (...) Se eu pudesse morava numa casa sozinha”. (Selma, 71, moradora desde 1960), “Porque é morro, parece bagunçado”. (Márcia, 50, moradora desde 2000), “Não gosto de favela”. (Luciana, 4, moradora desde 1970), “Porque é morro”. (Lyete, 4, moradora desde 1990), “Lugar apertado. Lugar ruim. Favela”. (Geni, 3, moradora desde 1970), “Favela não presta”. (Gustavo, 4, morador desde 1980), “Favela”. (Luciano, 28, morador desde 2000), “Morar no morro”. (Osvaldo, 2, morador desde 1980), “Mesmo não pagando contas, não gosto de morar na comunidade”. (Leandro, 1, morador desde 2000). A Sra. Sílvia justificou essa escolha uma vez que se trata de uma associação de ideias de crime e de tráfico: “Parece ser comunidade, fica sujeito ao mundo do crime”. (Diogo, 3, morador desde 1990). “Vê muita violência no morro. Morar bem é morar em casa”. (Cecília, 3, moradora desde 2000), “Parece lugar perigoso”. (Leandro, 1, morador desde 1990). Muitos reconhecem a sua própria REALIDADE, rejeitando: “É minha realidade. Vizinho do lado do vizinho”; “Parece aqui; detesto aqui. Se pudesse sairia”. (Josefina, 3, moradora desde 1970), “Não gosto de onde moro”. (Aparecida, 2, moradora desde 1990), “Eu quero sair do morro. Só moro no morro porque preciso tranquilidade”. (Eliane, 48, moradora desde 1980). O fato de ser uma rede de ACESSO

“Qualidade do local, subir morro”. (Rodrigo, 4 de março de 2010, “Fica no alto”. (Marcio, 2 de março de 2007, “Alto demais - difícil de carregar coisas”. (Luane, 4 de março de 2010, “Porque é morro, favela, muita escada, odeio escada”. (Bonaldo, 2 de março de 2010, “Subida”. (Eduardo, 8 de março de 2010, “Muito no alto”. (Luana, 2 de março de 2010. A questão do RISCO de desmoronamento e a infraestrutura da favela são citadas: “Falta infra-estrutura”. (André, 4 de março de 2010, “Parece que está em área de risco”. (Lorena, 22 de março de 2010, “É no morro, arriscado quando chove”. (Tereza, 2 de março de 2010. A questão de privacidade e das salas fica relacionada “umas em cima das outras” e o justificativa típica frequentes para a escolha dessa localização é: “Aglomerado de pessoas”. (Carice, 4 de março de 2010, “Muito junto, fechado, sufocante”. (Bogério, 4 de março de 2010, “Tudo embolado, uma casa em cima da outra”. (Márcio, 8 de março de 2010, “Não tem conforto, tudo amontoado”. (Marcio, 4 de março de 2010. A BELEZA da favela foi um motivo para essa escolha: “Não tem vista” (503215)-8.804012-1(b)-1.a(c)-25488(L)-3.

(Ma rce, 1, morador desde 1980, “Muito tumultuado”. (Ari éa, 1, morador desde 1980).

Tem os problemas de imagem 11 (ver figura 2 no item 3.1. desse trabalho) com relação às escolas negativas, ou seja, de que as três que conhecemos ver com relação a elas. A imagem é do Morro da Mangueira e a parte das justificativas para a escola dessa imagem tem relação com o comentário de ser FAVELA: “~~Muito~~ muita violência no morro. Não tem liberdade no condomínio. Morar bem é morar em casa”. (Cesio, 7, morador desde 2004. “Parece favela”. (Josefa, 7, morador desde 1979. “Porque é morro, parece bagunçado”. (Márcia, 9, morador desde 2000, “Porque é morro”. (Lyete, 4, morador desde 1980, “Morar no morro”. (Osvaldo, 2, morador desde 1980, “Favela”. (Luizano, 2, morador desde 2000, “Favela tumultuada”. (Luizne, 4, morador desde 2000, “Porque é morro, favela, muita escada, odeio escada”. (Bosão, 2, morador desde 2000. “Prefiro a Pereira da Silva”. (Cecília, 4, morador desde 1979. “Morro não! Morro por morro...” (Ma rce, 1, morador desde 1980, “Favela por favela eu moro na minha”. (Gria, 2, morador desde 1979. O comentário de ser em ACLI Favelas sere TREPADAS umas das outras é um comentário: “Altura”. (Bia, 1, morador desde 1980, “Qualidade do local, subir morro”. (Rodrigo, 4, morador desde 1980, “É minha realidade. Vizinho do lado do vizinho”. (Bolson, 4, morador desde 1980, “Feia. Casa trepada”. (Luiz, 2, morador desde 1980, “Muito junto, fechado, sufocante”. (Bogério, 4, morador desde 1980, “Não tem conforto, tudo amontoad”. (Mário, 4, morador desde 1979, “Muito tumultuado”. (Ari éa, 1, morador desde 1980. A JOL Nã est no ambiente social da imagem: “Parece lugar perigoso”. (Leandro, 1, morador desde 1980, “Boca de fumo”. (Thais, 1, morador desde 1980, “Violência”. (Eduardo, 8, morador desde 1980. “Lugar agitado. Rua passagem de carro”. (Lorge, 2, morador desde 2000).

### c. “Conforto”, “segurança” e “tranquilidade”

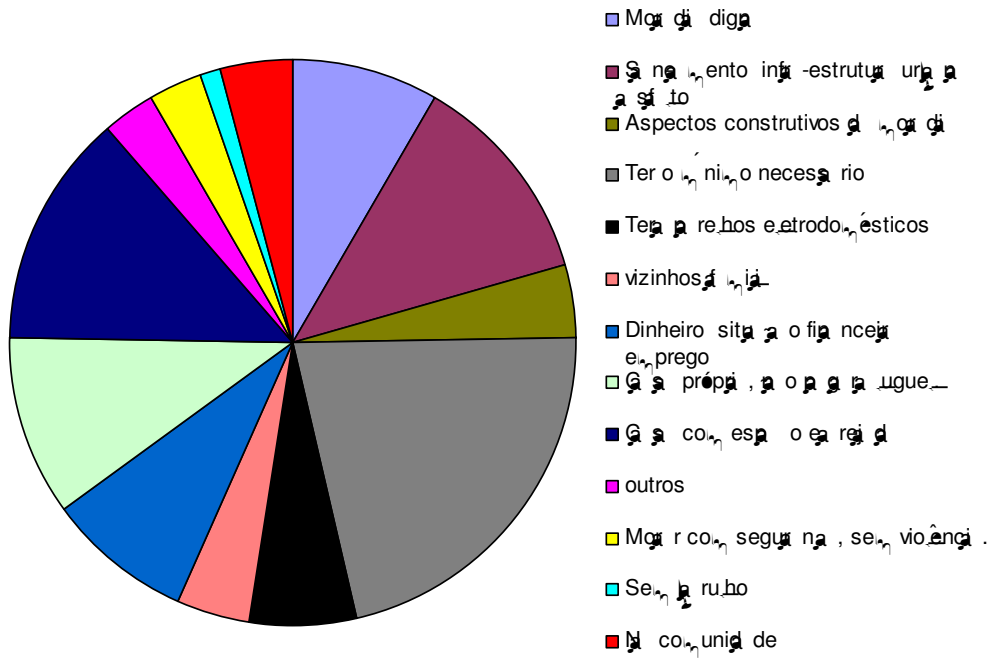


Gráfico 1 – “Morar com conforto” para os moradores de ~~Periferia~~ São Paulo

Morar com conforto para os entrevistados de ~~Periferia~~ São Paulo é “ter o mínimo necessário”, seguido de “ter espaço adequado” (10%). O número de pessoas que se relaciona com o conforto com aspectos relacionados à segurança, infraestrutura ou ambiente (10%). Nota-se, nesses resultados, que morar com conforto está intimamente ligado à questão da sobrevivência (ter o mínimo necessário).

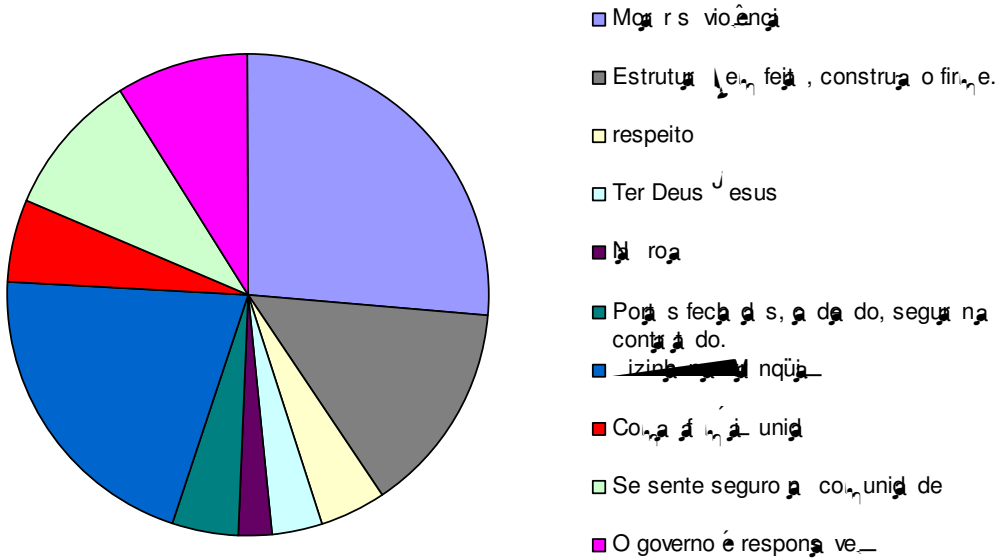


Gráfico 14: "Morris co, segura na" dos moradores de [redacted] São [redacted]

"Morris co, segura na" dos moradores do [redacted] São [redacted] é "Morris se, violência". O [redacted] de [redacted] de [redacted] significa "ter uma vizinha na [redacted]", que pode ser entendida como [redacted] a usenci de [redacted] ruho [redacted] [redacted]. O número significa tivo dos entrevistados dos [redacted]. O [redacted] re, a co, segura na a "ter uma [redacted] de firme, co, estrutura le, fei", a vez pe, o [redacted] to de [redacted] e [redacted] erro a inst [redacted] de que isso [redacted].

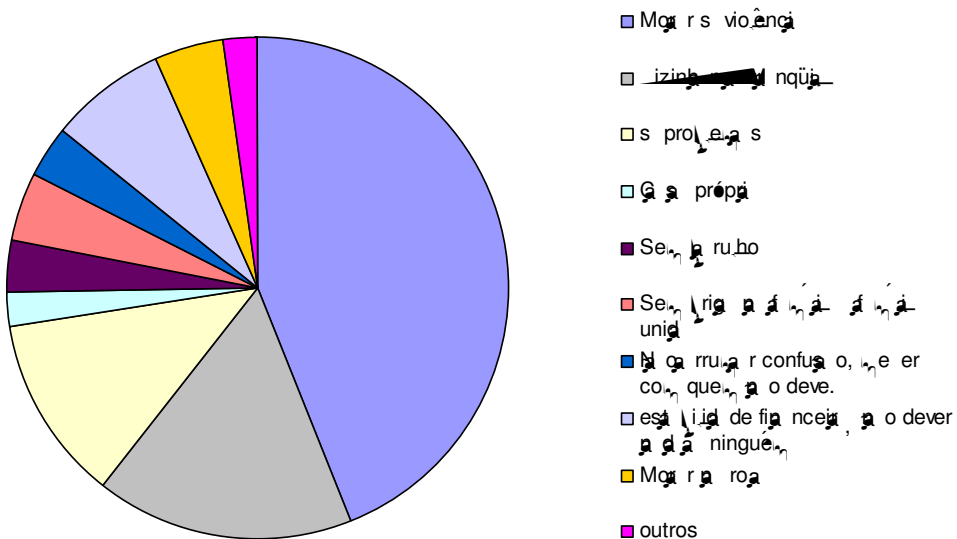


Gráfico 15: "Morris co, [redacted] de" dos moradores de [redacted] São [redacted]



Morar com a temperatura de  $43^{\circ}\text{C}$  dos moradores significa morar sem violência. De  $14^{\circ}\text{C}$  representam ter uma vizinhança tranquila, enquanto de  $17^{\circ}\text{C}$  dos entrevistados é o número que não tem problemas de espécies guia.



Figura 47: Casa de madeira-pique de uma vila em Pernambuco, Brasil.

#### d. As representações na concretização da moradia

Com relação aos moradores, observou-se que estes, de uma maneira geral possuem dimensões um pouco maiores que aquelas encontradas em Nova Friburgo. Entretanto, e isto também se deve ao fato de este o número de “quitinetes” de maneira que foi observado no estudo de caso anterior. A maioria das casas possui, pelo menos um quarto, independente da área. Com relação à iluminação e ventilação, percebe-se que as casas, de uma maneira geral, são mais ventiladas e frescas, as casas possuem mais janelas e são abertas no porro permitindo maior circulação de ar.



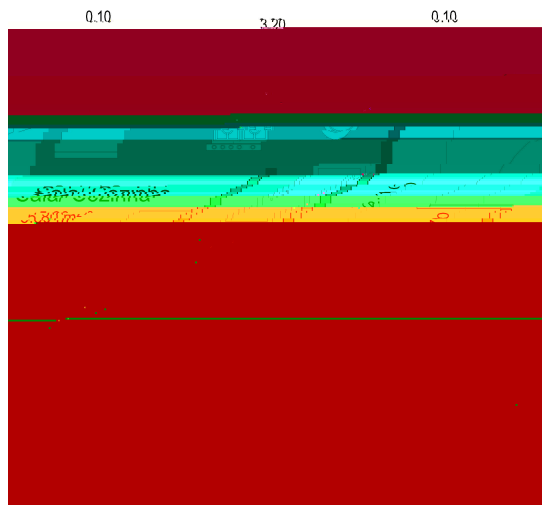


Figura 4 - Parede da cozinha, 7,7 m<sup>2</sup>.

A parede da cozinha (figura 4) foi a menor da unidade de ensino. Ela é feita de alvenaria e está pintada com tinta branca. Ela é dividida em três partes: uma para a pia, uma para a bancada e uma para a parede da parede. Ela tem uma altura de 2,10 m e uma largura de 3,60 m. Ela é composta por uma parede de alvenaria e uma parede de gesso. Ela tem uma área de 7,7 m<sup>2</sup> e um volume de 16,38 m<sup>3</sup>. Ela é usada para preparar alimentos e lavar louça. Ela é equipada com uma pia, uma bancada e uma parede de gesso. Ela é usada para preparar alimentos e lavar louça.

Neste elemento, pode-se verificar, muito claramente, os elementos de uso do "conforto" os espaços são e trechos pequenos e a iluminação e ventilação são boas. Como os elementos do "Morar Bem" podem ser destinados a ser uma "parede" e estar em contato com a "natureza".

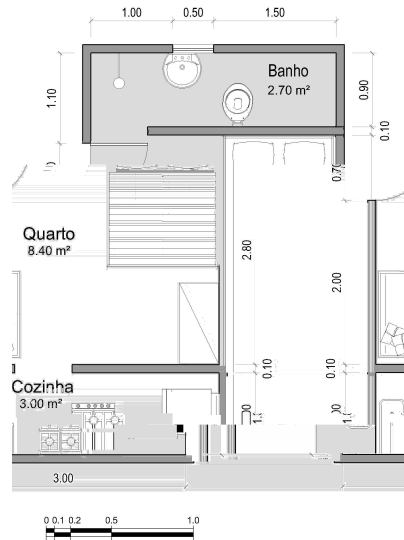


Figura 40 Planta baixa de 11,17 m<sup>2</sup>.

Na figura acima (figura 40), temos uma das menores áreas encontradas em Pereira da Silva, com um pouco mais de 11 m<sup>2</sup>. Não verificamos simplicidade de divisão dos compartimentos, onde temos um quarto, uma cozinha e um banheiro. verificamos a ausência de área. É uma deficiência em termos de iluminação e ventilação. O quarto funciona como elemento centralizador de circulação, dando e recebendo elemento destinado a esse fim, o que prejudica indiretamente a iluminação reduzido dos cômodos. Aqui temos uma área muito pequena, para cinco pessoas, sendo dois adultos e três crianças.

Neste exemplo o parceiro percebe o "conforto", temos, sim, um espaço reduzido, dando corpo a uma área ou circulação e com a ausência que se trata de janelas. Com relação às referências ao "conforto" é necessário verificar os elementos como isolamento, espaço ou verde.

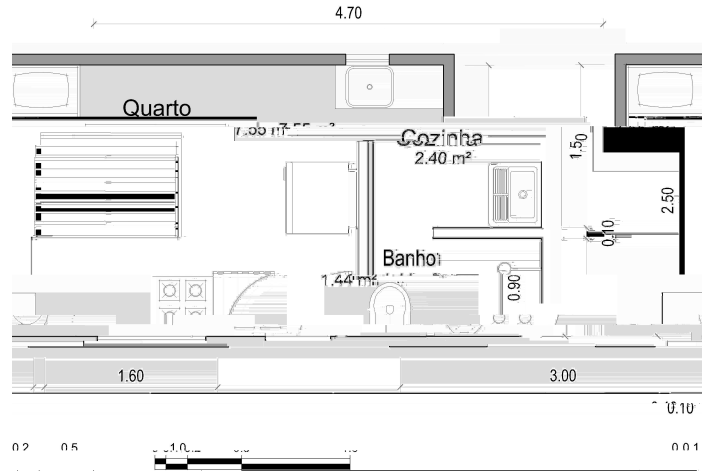


Figura 10 Planta baixa da sala co. 11, 11,0 m<sup>2</sup>.

Nesta figura é apresentada a planta baixa de uma pequena sala de 11,0 m<sup>2</sup>, onde verifica-se nos ambientes a inexistência de janela, havendo um quarto, cozinha e banheiro. Diferente do que ocorre em Nova Esperança, aqui o cômodo multifuncional funciona como sala, apresentando função de quarto. Como todos os cômodos com exceção do banheiro possuem a grade impermeável e ventilada. A ausência de um elemento de circulação diminuiu ainda mais a área útil dos compartimentos. Nesta sala, existem três dutos menores de um metro.

Aqui, apesar do pouco espaço, percebe-se o “conforto” apesar do número de aberturas. Não há um compartimento que funcione como sala ou um elemento de circulação. Como resultado do “enclausuramento”, os termos isolamento, espaço, o conforto ou o conforto com a natureza.

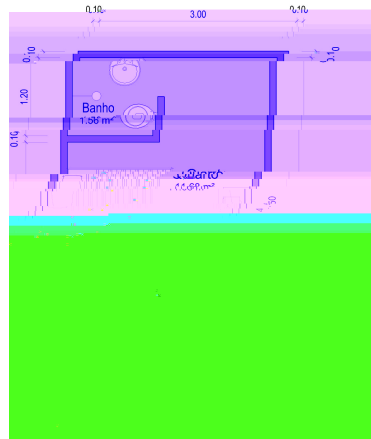


Figura 11 Planta baixa da sala co. 1, 1,98 m<sup>2</sup>.

Na figura 1a cota terrena para a laje da Srª. Lucineia de um único ambiente multifuncional de quarto, sala e cozinha e, separadamente, um banheiro de 1,20 x 1,80 m<sup>2</sup> que não é ventilado naturalmente. Também é interessante aqui um elemento circunferencial, originando o cômodo multifuncional a partir desta função. A sala é usada e ocupada por três pessoas, sendo dois dutos e uma cadeira, além de um sofá.

No e a.p.o.a cota, não se verifica nos ambientes, elementos de uma lusa por um "conforto". Há pouco espaço e a iluminação é o e ventilação é o a a o a de q d s. Como elementos do "Morar Bem" podemos destacar nos ambientes peças o fato de ser uma "sala" e estar em contato com a "natureza".



Figura 2 Planta baixa da sala com 14,1 m<sup>2</sup>.

Na figura a cota, figura 4 é a planta baixa de uma sala de 14,1 m<sup>2</sup>, composta de um quarto, uma cozinha e um banheiro de 1,20 x 1,80 m<sup>2</sup>. É interessante aqui nos ambientes a existência de uma bancada para o quarto que, às vezes, desempenha a função de sala. Nesta sala, que é própria, há três pessoas, sendo dois dutos, um sofá e uma cadeira, além de um sofá.

Quando se verifica nos nesse e a.p.o.o "conforto", uma vez que temos um espaço muito pequeno a existência de peças. Além de não se ver um conforto que tenha a função de sala sendo com que a questão do conforto fique prejudicada. Como resultado

Logo r, a pesar de ser una casa e estar en contacto con la naturaleza a los elementos presentes nesse e e, p.o.

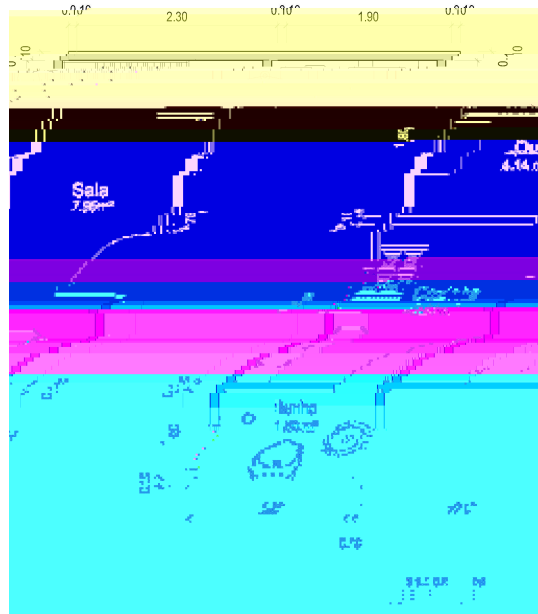


Figura 1: Planta baixa da casa com 17,4 m<sup>2</sup>.

Na figura temos a planta baixa da casa do Sr. Alberto com menos de 17,4 m<sup>2</sup> uma sala de quarto, sala, cozinha e banheiro. Verifica-se que todos os cômodos possuem ventilação e iluminação adequada. O sistema hidráulico inexistente de elementos de circulação como corredores ou banheiros se dá porque, e, portanto, verifica-se que, nesse caso, o banheiro acontece através da cozinha, o que é comum encontrar nos edifícios de subsolo, que deriva do origem do banheiro e se junta ao corpo da casa que se dá nos fundos. Nesse caso, que é um caso, logo cinco metros há pouco mais de um ano.

Na casa representada o CONFORTO térmico presente a quantidade de alveolar de áreas, as divisões dos cômodos, o que demonstra uma preocupação com o bem-estar interno dos moradores apesar do pouco espaço. Com relação ao "logorítmico", temos uma "casa" e logo o isolamento no terreno. E logo o espaço desse espaço de logo r, a uma divisão entre os compartimentos o que proporciona um certo "conforto" térmico indicado por essas relações do "logorítmico".

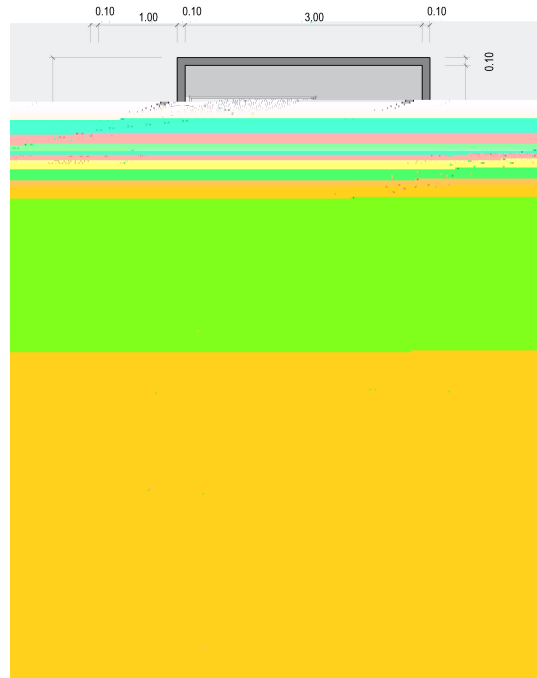


Figura 4: Planta baixa da cozinha com 17 m<sup>2</sup>.

A figura acima é planta baixa de uma cozinha com 17 m<sup>2</sup> composta por paredes de alvenaria, piso e teto. Verifica-se que se encontra uma janela no lado superior e de uma porta de cozinha. Também verifica-se os novos elementos de um elemento de circulação, sendo com que se trata de uma função. Nesta área, que é usada por cinco pessoas, sendo três adultos e dois crianças, cinco anos.

Neste elemento, verifica-se os elementos de um uso por um "conforto". Os espaços são muito pequenos e a iluminação e ventilação são deficientes. Como elementos do "ambiente" podem ser novos elementos para o fato de ser uma "cozinha" e estar em contato com a "natureza".

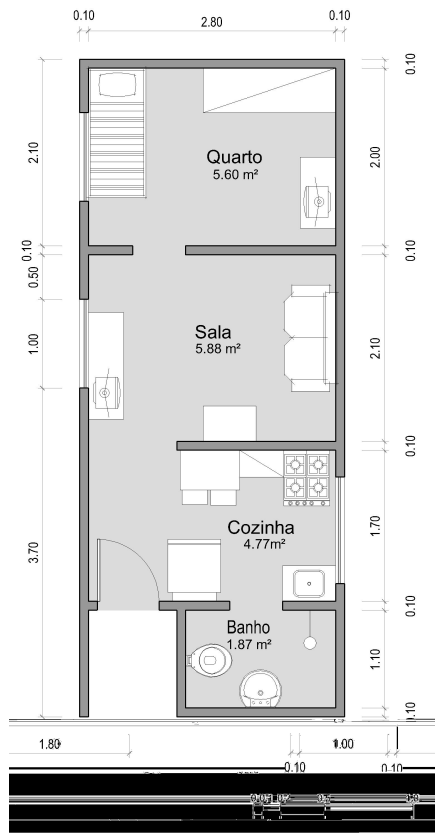


Figura 1 - Planta baixa da sala com 18,1 m<sup>2</sup>.

Nesta figura a cima (figura 1) temos a planta baixa de Srª. M. que tem de um quarto e banhos de 10 m<sup>2</sup>. Apesar de ser pequena e os cômodos serem pequenos, verifica-se a existência de cômodos individuais do banheiro, cozinha, sala e quarto. Não se verifica a existência de sala de serviço ou quintal. O serviço é feito normalmente no banheiro sendo realizado através da cozinha. Quanto a todos os cômodos, cozinha e banheiro, possuem ventilação e iluminação natural. Este elemento de circulação sendo cozinha é utilizada para a circulação desta função, reduzindo a área útil. Nesta planta, que é própria, tem cinco pessoas, sendo que tem dutos e uma do esgoto, há oito nos.

Apesar do pouco espaço, verifica-se os “conforto” da quantidade de janelas encontradas e a grande comodidade da planta. Como resultado o “conforto”, temos no elemento a cima, apesar do fato de ser uma “planta” e não uma planta, sendo muito “espaço” ou “quinta”.

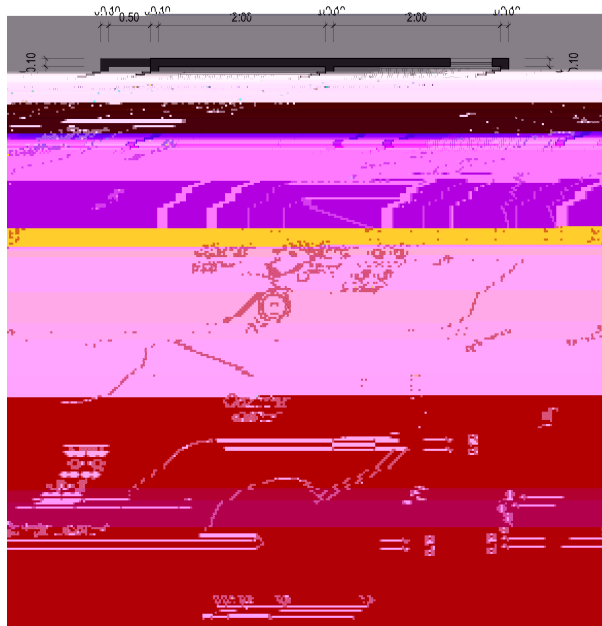


Figura 1 – Planta baixa da casa com 188 m<sup>2</sup>.

A figura acima é a planta baixa de uma casa de 188 m<sup>2</sup> composta de dois quartos, sendo um suíte, e uma lavanderia multifuncional de sala e cozinha de 30 m<sup>2</sup>. Neste e em p.d. temos um pequeno espaço de quintal dois acessos de sala, um para frente e outro para trás e no lado direito a existência de um elemento de circulação. Quando todos os cômodos e áreas do banheiro, possuem ventilação e iluminação natural.

Nesta casa, que é própria, há um total de três pessoas, sendo dois adultos e uma criança, além de um cachorro.

Verifica-se que o requisito de divisão dos cômodos em questão do conforto, não está presente, como podemos observar a divisão de um suíte, integrando o quarto e o banheiro que a princípio pode ser acessado pela sala. Com relação ao “enquadrar”, percebemos elementos como “sala”, “quintal”, “espaço”, presentes no e em p.d. mas que são muito evidentes.





Figura 7 Planta baixa da cozinha = 2,38 m<sup>2</sup>.

A figura 7a cita também a planta baixa de uma sala de pouco mais de 20 m<sup>2</sup>, uma sala onde temos um quarto, uma cozinha e um banheiro. Verifica-se aqui a ineficiência de uma sala criada pensando-se ter o quarto essa função. Verifica-se aqui que se ineficiência de áreas. Nesta sala, que é um local, para cinco pessoas, sendo dois adultos e três crianças, há seis metros.

Neste exemplo, com relação ao “conforto”, destaca-se as dimensões do quarto (1,20 x 2,70). No entanto, verifica-se a ineficiência das áreas da cozinha e no quarto, havendo somente no banheiro, o que nos dá uma estrutura. Apesar do fato de ser uma sala em conforto com a natureza, pode ser um elemento do “arquitetura” presente nesse exemplo.

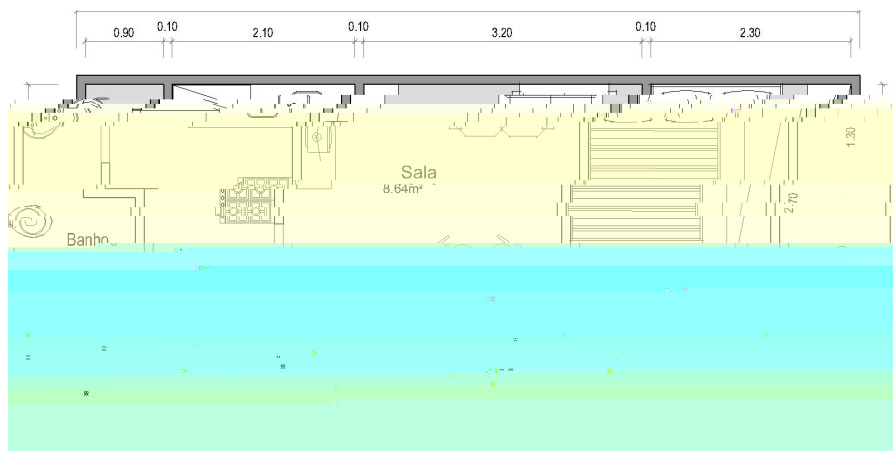


Figura 8 Planta baixa da sala de estar = 8,64 m<sup>2</sup>.

Na figura a cima (figura 1) temos uma planta baixa de uma casa de duas pessoas quarto, visita da sala e cozinha. Nesta situação o quarto está no segundo andar, com uma sala do. Todos os cômodos são ventilados diretamente através de janelas que se abrem para o exterior do terreno. Nesta casa de que se vive duas pessoas. Verificamos a existência de um elemento de circulação, tendo os próprios compartimentos essa função, com portas voltadas para o

Esta casa é própria e nomeada para o Sr. José, de 4 anos, desde 1990.

Ao se observar a planta da casa acima, no número de janelas e de compartimentos dos espaços, uma demonstração de uma intenção de um maior "conforto" da casa. Não se encontram aqui todos os elementos desta dos com representativos do "conforto" que seria uma casa, isto é, com bastante espaço e no meio da natureza. Apesar disso, verificamos que o elemento "casa" e "no meio da natureza" estão presentes nesse e ali. Portanto, embora a casa seja grande, os cômodos são bem divididos e há uma boa divisão de funções.

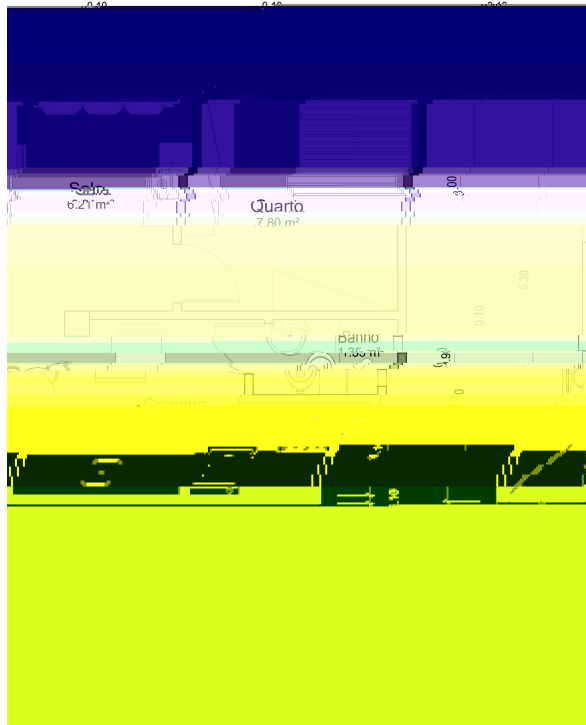


Figura 1 - Planta baixa da casa com 2, 4 anos.

A figura a cima (figura 2) é a planta baixa da casa do Sr. João. Esta casa de duas pessoas quarto e que se vive 4. Nesta casa, verificamos a existência de compartimentos separados para sala, quarto, cozinha e banheiro e a circulação de um elemento de

circula o ar fresco da que se dá por uma espécie de brisa direta da sala para a cozinha e, a través desta, que se dá a iluminação e ventilação da cozinha. Todos os cômodos, inclusive banheiro e cozinha, são ventilados e iluminados naturalmente. Nesta casa, que é própria, há três pessoas, sendo dois adultos e uma criança, de 1 ano.

O grande número de janelas e a divisão dos espaços demonstram uma preocupação com o conceito de "conforto". Dos elementos do "ambiente" a preocupação de ser uma "casa", está relacionada com a "pureza" e o "espaço" podem ser observados nesse exemplo.

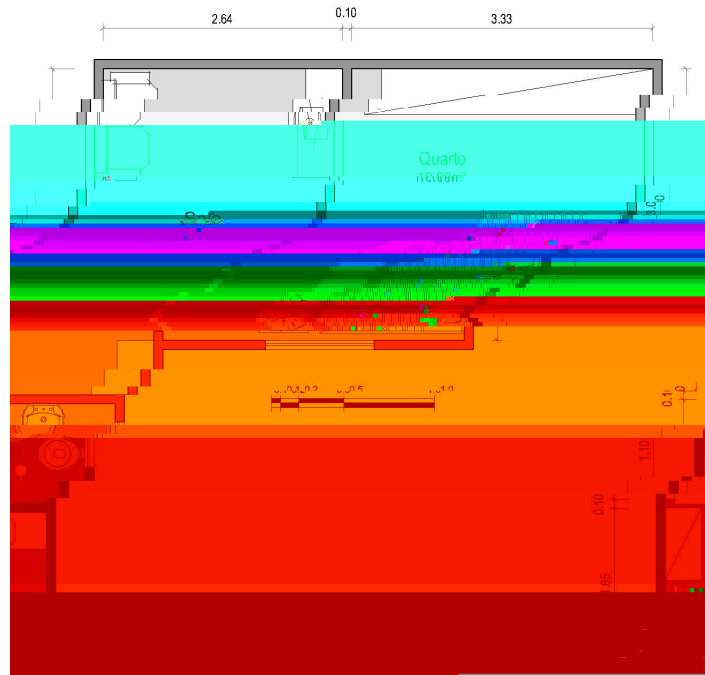


Figura 1 - Planta baixa da casa de 7. m<sup>2</sup>.

Na figura acima (figura 1) temos a planta baixa de uma casa de um quarto e a propriedade de 7. m<sup>2</sup> onde há uma senhora e cinco filhos (crianças e adolescentes). Verifica-se que neste todos os cômodos possuem ventilação e iluminação através de janelas, a menos o quarto e o banheiro, ficando a cozinha e a sala pouco iluminadas e ventiladas. Verifica-se ainda a situação que se dá com a frequência de acesso se dá pela cozinha, estando esta no fundo da casa.

Nesta casa, que é um de, há seis pessoas, sendo dois adultos e quatro crianças.

O “conforto” está presente aqui na generosidade dos espaços. Temos uma sala de estar com uma grande janela, com uma ampla circulação e com cômodos relativamente grandes. Mesmo no banheiro, com espaço e generosidade, o elemento presente é o elemento que se verifica nos que a natureza da casa e o espaço está presente aqui.

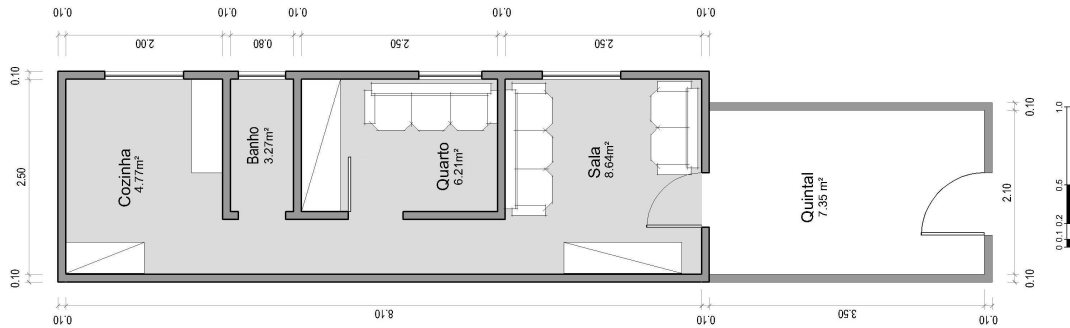


Figura 1: Planta baixa da casa com 34,24m<sup>2</sup>.

A figura 1 a cima é a planta baixa da casa do Sr. Rodrigo com área total de 34,24m<sup>2</sup>, composta de quarto, sala, cozinha, banheiro e incluído um espaço quintal na frente. Os cômodos estão dispostos em fila cesa das três vezes de uma extensão corredor que dá acesso entre a frente e cozinha e os fundos.

Nesta casa, que é usada por cinco pessoas, sendo dois adultos e três crianças, há quem nos.

Podemos notar o “conforto” na área do quintal presente na frente da casa, há grandes janelas em todos os cômodos e a divisão dos cômodos. Com relação ao “conforto”, verificamos a presença da “casa” e do “quintal” elemento presente na configuração do “conforto”, que proporciona uma melhor “espaço”, está presente na representação do plano.

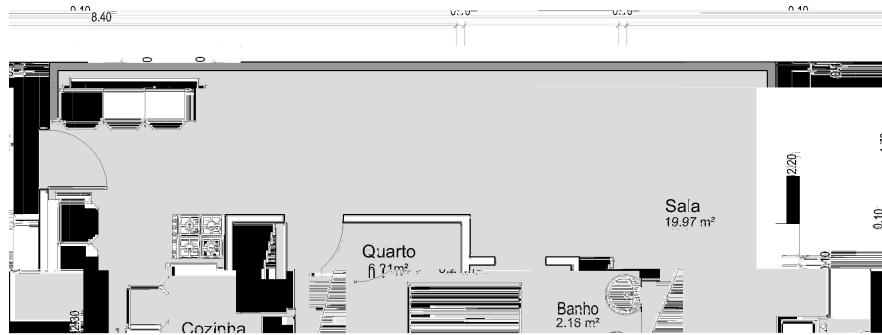


Figura 1: Planta baixa da sala com 1,21 m<sup>2</sup>.

Nesta figura temos a planta baixa da sala da Srª Estela com 1,21 m<sup>2</sup>, uma sala com cozinha, quarto, um banheiro, cozinha e banheiro “confortáveis”. Aqui verificamos que todos os cômodos possuem iluminação e ventilação. Nesse caso há a intenção de se criar um ambiente de distribuição (um corredor dos cômodos, no entanto, verifica-se um excesso de medidas, o que faz com que este não seja utilizado e fazendo com que as dimensões do quarto fiquem bastante reduzidas. Nesta sala, que é própria, vivem quatro pessoas, sendo três adultos e uma doente que se trata nos.

Neste exemplo, temos, com relação ao CONFORTO, o espaço inadequado, o número bastante grande de divisões e a divisão, embora um pouco desproporcionada dos espaços. Com relação ao “arquitetônico” e o tempo de isolamento, as melhores configurações de “sala” e espaço, que resultam no “conforto”.

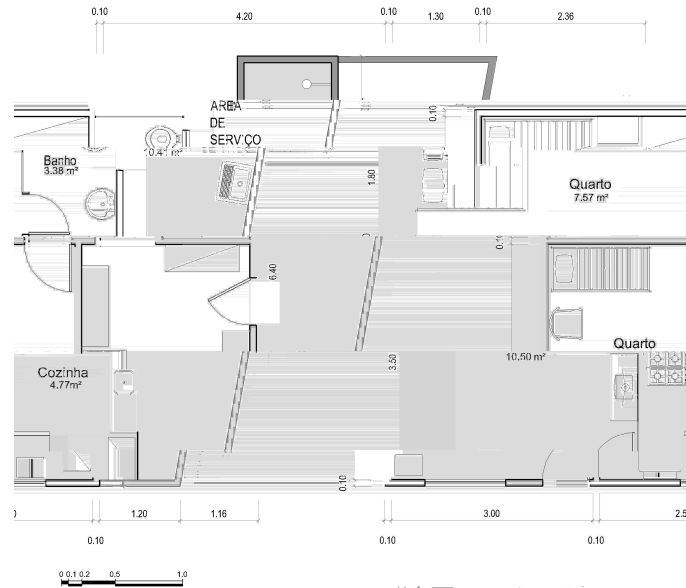


Figura 1: Planta baixa da sala de estar, cozinha e quartos.

A figura acima representa a planta baixa de uma sala de estar composta de uma área multifuncional de quarto, um quarto individualizado, uma área de cozinha de 4,77 m<sup>2</sup> e um banheiro igualmente com área de 3,39 m<sup>2</sup>. Nesta sala, que é própria, há dois corredores.

Neste exemplo, podemos notar a questão do “conforto” que está relacionada às dimensões da sala, da área de serviço e ao grande número de janelas. No entanto, verificamos que um dos quartos não possui janelas, muito provavelmente por falta de espaço para as divisões. Com relação ao “corredor”, o “espelho”, o “quintal” e “área” de elementos encontrados nesse exemplo.



Figura 4: Planta baixa da casa com 47,47m<sup>2</sup>.

A figura 4a cima representa a planta baixa de uma casa de 47,47m<sup>2</sup> e dois quartos. A casa do Sr. Rodrigo. A casa de dimensões muito grandes, incluindo, entretanto, uma sala. O acesso se dá por um dos quartos, sendo três vezes deste que se acessa o segundo quarto que, provavelmente deixará funcionar a área da cozinha. Todos os cômodos possuem ventilação e iluminação próprias. Entretanto, verifica-se que a cozinha (tipo americana) é ventilada três vezes do segundo quarto. Nesta casa, que é própria, há um quarto de pessoas, sendo um duplo e um do escanteio, há 14 anos.

Aqui, o “conforto” está presente nas amplas dimensões dos cômodos e das janelas e em todos os compartimentos. Dos elementos do “conforto”, podemos destacar nesse e, em particular, “espaço”, “luz” e “ventilação”, presentes aqui.

erifica-se a importância da vida, que dá lugar à alegria dos dias, uma busca de um conforto, seja nos espaços mais generosos que em casa. No entanto, seja no maior número de janelas abertas. O exterior nesse caso dá lugar a muitos dos desejos, o que à vez justifique esse número muitas vezes bastante significativo do número de janelas abertas e exterior.

### 3.2.4. Análise dos resultados

“Morar” para os moradores de Povoado São está fortemente ligada à questão do “conforto”. As influências da experiência cotidiana e aspectos do contexto construído desse conceito apontam para elementos tais como: “tranquilidade”, “conforto”, “calor”, “dinheiro”, “luz”, “vizinhança”, “limpeza”, “silêncio”, “construção”, situados no sistema periférico dessa representação. Para quem mora em Povoado São, o que é possível pensar em “morar” seja pensar em “conforto” e, morar com conforto muitos deles é “ter o mínimo necessário”, ou “uma casa com espaço adequado”. “Morar com segurança” é “morar sem violência” ou “ter uma vizinhança tranquila” ou ainda “ter uma moradia firme, com estrutura adequada”. Morar com tranquilidade de significa morar sem violência.

Para os moradores de Povoado São, uma casa no tempo, isolada, com telhado de madeira e telhas cerâmicas é o “tipo de casa que gostaria de ter”. Morar aqui é numa CASA ISOLADA no terreno, pois “morar isolado” dá uma “Sensação de privacidade” e “Independência”. O CONTEXTO em que está inserida, o ESPAÇO e NATUREZA são importantes: “Porque tem verde” e está “no meio da natureza”, sendo do CONFORTO de se morar em casa: “Casa é mais confortável” e da TRANQUILIDADE: “Tranquilidade”, os ASPECTOS ESTÉTICOS, BELEZA e ARQUITETURA: “Gosto de coisa bonita” “Lugar mais bonito”, “está bonita a casa”. Pode ser uma casa de PRAIA: “Por causa da praia”, desde que isolada e num lugar tranquilo.

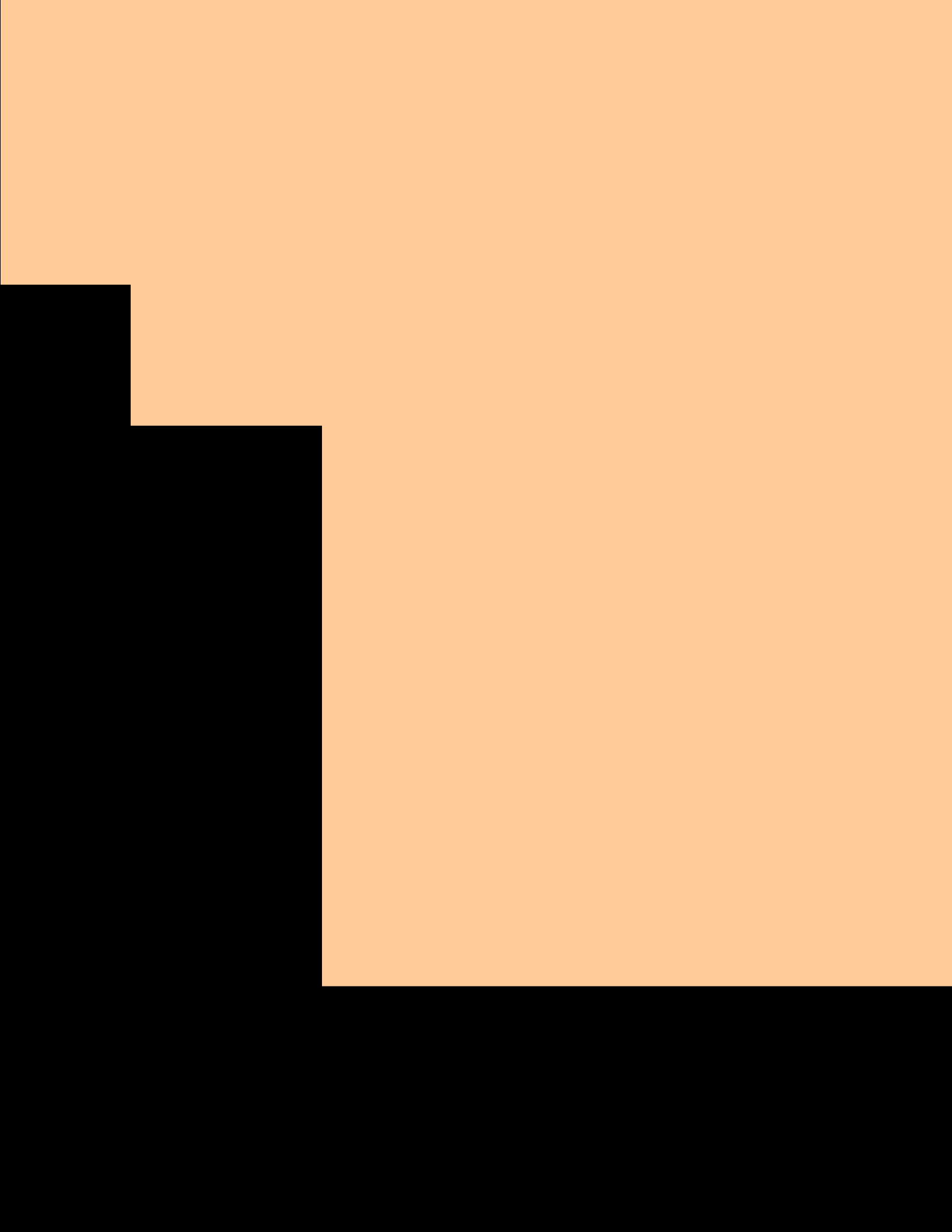
Para eles, poder ter morar em Povoado São, pois “Minha casa é igual do Ceará”, ou “Porque aqui estou quieta”, ou ainda indica: “Eu me sinto bem aqui. Tudo que eu preciso está aqui. Tem os bons vizinhos. Eu acho que eu moro muito bem. Além disso vejo o lado da rua”. Questões ligadas à influência das redes sociais, essas estão presentes.

Para muitos, o importante é não ter violência e a ideia de “Morar bem” é ter uma bonita e o ter dentro de casa.



Apesar disso, para muitos dos moradores, “é horrível viver aqui” “Está cheio de perigo”, se perguntam o que é **VIOLÊNCIA**: “Está ficando sujeito o mundo do crime”. Ou por representar a própria **REALIDADE**, rejeitando a “falsa realidade”, por estar relacionada de **ACLIVE**: “Porque é um erro, já vive aqui essa gente, odeio essa gente” ou o **RISCO** de desalojamento: “É receio que está em uma zona de risco” ou a falta de **PRIVACIDADE**: “Aglomeração de pessoas” ou falta de **BELEZA**: “Não é o bonito”. ~~erifica~~ porque representa o histórico de situações como o erro e os problemas advindos disso.

“Não é ruim” é o erro **FAVELA** ou numa **AGLOMERAÇÃO** de pessoas: “É horrível viver aqui”. “Cada um cuida de outro, se não”, é o **ACLIVE** e é a **TREPADAS** umas para outras: “Fez. Cada trepada” ou sujeitos **VIOLÊNCIA**.



### 3.3. Análise comparativa

Quando comparados os dois estudos de forma so, pode-se verificar que, de uma maneira geral, houve algumas semelhanças e divergências nos resultados.

Com relação ao quadro sócio econômico, verificou-se que, com relação à origem dos moradores, em Nova Esperança, temos que 20% dos entrevistados vieram de outro município, contra 0% no caso de Pereira da Silva. Em Nova Esperança, temos mais de 50% originários do próprio bairro onde está inserida a vila e em Pereira da Silva, 10% vieram da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Com relação ao escolaridade do chefe de família, verificamos uma diferença com relação ao número de anos de estudos. Em Nova Esperança, temos 57% deles entre os entrevistados, e em Pereira da Silva, esse percentual é de apenas 3%. Em Nova Esperança, 0% dos chefes de família são entrevistados possuem no máximo o Ensino Fundamental e em Pereira da Silva, esse percentual é de 3%. Em Nova Esperança 11,9% concluíram o ensino médio e em Pereira da Silva 3,0%. Com relação ao número de moradores do domicílio, temos uma média de 5,8 moradores em Nova Esperança e, em Pereira da Silva, essa média é de 4,74 moradores do domicílio. A renda familiar média em Nova Esperança é de 3,8 salários mínimos, onde temos 40% deles com renda inferior que três salários e em Pereira da Silva 2,0 salários, onde temos 0% deles com renda inferior a 4 salários. Em Nova Esperança, 0% dos entrevistados estão trabalhando menos de 2 anos e em Pereira da Silva, 40% deles estão trabalhando mais de 2 anos, enquanto 0% trabalham menos de 2 anos.

Observamos durante a pesquisa que as representações sociais de "moradia" das duas vilas estudadas dizem respeito aquilo que para elas é prioridade ao se pensar esse lugar para morar. Temos então uma realidade de valores diferente das duas vilas, o que faz com que essas prioridades sejam divergentes e distintas. Em Nova Esperança é a "tranquilidade" e o "conforto" que são imprescindíveis e em Pereira da Silva, o que se prioriza é uma "moradia" com "conforto", talvez porque o ambiente lá é mais um problema a tranquilidade do que o principal motivo de preocupação em Pereira da Silva, e a qualidade de vida é muito importante. Os valores sociais dessas vilas com o tempo são muito mais evidentes.

"Morar bem" e "não morar bem" das duas vilas têm muitos pontos em comum. O importante, o conforto, a segurança e o espaço e ambientes que constituem o "morar bem" em ambos os casos, e a qualidade em Pereira da Silva "morar bem" talvez possa ser a própria qualidade de morar nos dois casos é morar e trabalhar "trabalhando", morar e trabalhar em ambiente, morar com violência, sendo que em Pereira da Silva a questão do crime, do risco e do medo estão mais presentes.

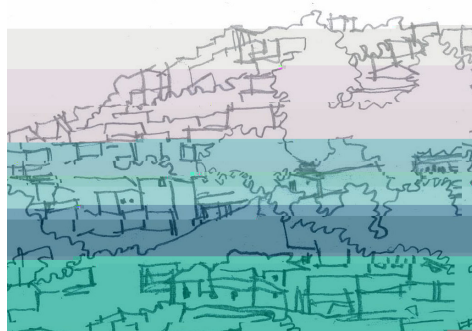
Morir com conforto e segurança os idosos é “ter o mínimo necessário” e pode ser alcançado “a nível de infraestrutura urbana” ou “ter uma boa condição de vida”.

Morir com segurança e saúde os idosos é “evitar sofrer violência”, e pode ser alcançado se “Pereira da Silva” puder ser “ter uma vizinhança tranquila” ou “ter uma boa condição de vida, uma construção”.

Morir com tranquilidade de vida os idosos é “evitar sofrer violência”, e pode ser alcançado “sempre” ou “com uma vizinhança tranquila”.

Como resultado concreto do espaço de vida, as duas primeiras presentes na guisa de segurança nas condições de vida dos idosos (e.g. Pereira da Silva) são as seguintes: um pouco maiores e a presença dos elementos de representação do “evitar sofrer” que e.g. Pereira da Silva recebe. No caso de Pereira da Silva, a presença do “conforto” e a presença de Pereira da Silva.





## Capítulo IV - Considerações finais e recomendações projetuais

## Capítulo IV: Considerações finais e recomendações projetuais:

Quando se analisa os aspectos representativos sociais da “moradia” das duas últimas pesquisas, verifica-se as diferenças entre elas. Entretanto, o núcleo central de ambos diz respeito às prioridades com relação ao morar para esses moradores, o que tem relação com o que foi enfatizado quer conquistar e de ambos.

Em Nova Esperança, tem-se uma visão recente que usa a **infra-estrutura urbana para casa-própria e tranquilidade**. Já em Pereira da Silva, uma visão com ênfase na existência, ter **conforto**, ter o mínimo necessário e estrodoestéticos são prioridades. Portanto, que o usuário de arquitetura do morador com a moradia não só de Pereira da Silva é maior, pois os aspectos com o usuário significativamente mais fortes.

Mais, quando se analisa o ideal de que seria “morar bem”, os resultados são elevados. Como se houvesse uma ideia de moradia seja na do ou que a parte dos sonhos de parte dos moradores nos dois estudos. Esse ideal seria uma casa, com telhado de duas águas, com um terreno grande, com bastante verde e um conforto com a natureza. Se possível, uma rua bonita, um lugar seguro, tranquilo e sem violência. Não só de Pereira da Silva, pode também ser a própria visão de outro, desde que numa casa com “conforto”.

“Morar com conforto” é a maioria dos usuários é ter o mínimo necessário, que passa desde as questões de infra-estrutura urbana em Nova Esperança, passando pelas necessidades básicas ou ter estrodoestéticos. Já morar com segurança é sinônimo de morar com tranquilidade, que é estar num lugar sem violência.

Quando se analisa o espaço de morar e o espaço construído das casas, verifica-se que os dois estudos recebem algumas vezes elementos iguais representando o ideal.

No caso de Nova Esperança, há uma preocupação muito maior com o entorno, com questões que estão fora da própria moradia, ou seja, com o ambiente físico, com o ambiente das ruas, com a segurança. O caso da própria visão de um usuário, talvez seja por isso mesmo, verifica-se um número menor de janelas para o exterior. Já em Pereira da Silva, o exterior recebe um olhar mais pessoal, seja pelo lado, seja pelas vistas. Além disso, importante é a rede de cidade proporcionando vistas para as paisagens da cidade do Rio de Janeiro, além disso, verifica-se um maior número de janelas

para o exterior. Além disso, o contato com a natureza que essa iniciativa proporciona é um elemento e um complemento com a representação do "lugar verde" a presença da árvore e da escola de suas plantas.

Percebemos que, de uma maneira geral, a concretização do lugar verde, fica muito a depender do ideal da presença do espaço de suas plantas, que são e tratam-se de ideias de sustentabilidade e de saúde. Em alguns casos, verificamos uma maneira para isso, com a presença de alguns dos elementos pontos dos pontos verdes entrevistados dos municípios norte-orientais da escola de suas plantas. São esses elementos que são a recendo, e a maior ou menor quantidade, nessa concretização do lugar verde que são o domínio de quem de prioridade de de de um desses elementos para esses lugares.

CASA: a grande maioria das famílias dentro das duas primeiras, seja em uma solução de ou de, o que confirma a preferência ou a aceitação desse tipo de lugar verde indica o caráter representativo do "lugar verde".

PRI ACIDAR: nenhuma das visitas possui esse elemento, mas é difícil de conseguir numa das etapas, onde a maioria das visitas está o disposto uma série de outros, ou e tratam-se de projetos, que se separam-se em etapas. Apesar disso, verificamos, que a grande parte dos entrevistados afirma que lugar verde é lugar e um espaço.

CONTATO COM A NATUREZA: no caso de ~~Paulista~~ Silva, a visita está iniciada em um terreno, onde inclui e isto, a qual saíram verdes, portanto, muito do das técnicas do contato direto com a natureza de uma visita muito que de vez e ~~Paulista~~ Nogueira Esperança, esse contato é este. As visitas estão iniciadas numa maneira, muito densa e muito rica. Quando se trata de árvores e plantas, o que indica é que o clima fique mais quente. De maneira geral, as duas primeiras, os lugares verdes firmes que lugar e junta a natureza e a que é importante.

QUINTAL: A presença do quintal nem sempre é possível em algumas das visitas, por conta das condições de espaço que configuram o lugar verde, seja em uma ou em uma cive, iniciando seus lugares. Entretanto, verificamos, principalmente em ~~Paulista~~ Silva, que, sempre que é possível de quintal e isto é certo de que. Evidentemente, em algumas das visitas, lugar verde está muito associado de lugar e numa das com o quintal que está muito relacionado com a questão do espaço e do contato com a natureza. Além disso, o quintal é um elemento que reza o caráter de CASA, com a prioridade de suas possibilidades de de que é possível.



ESPAÇO: Ter uma sala com espaço seja ele interno ou externo (quintal) é um sonho para a maioria dos moradores de Brasília. No entanto, esse é o mais difícil de ser concretizado, dada as condições que impedem a implantação.

Essas condições nos expõem a alguns fatores que contribuem o com o reconhecimento dos projetos de habitação de interesse social.

Percebemos, com esse estudo, a necessidade de se conhecer e compreender o usuário do objeto arquitetônico que se está projetando, nesse caso o morador. O espaço de moradia que é onde a maioria dos desejos e necessidades do usuário.

Quando a habitação representa o "sonho" verifica-se os elementos que são prioritários, que são importantes para os moradores. Quando confrontamos esses resultados com os resultados obtidos da análise do "sonho real" já é possível chegar aos mais perto desses ideais e prioridades da habitação. E, finalmente o comparar esses dois resultados com a concretização do "sonho", ou seja, a análise da construção dessas pessoas, verifica-se o que de fato é essencial que, dentro das condições foi possível concretizar a construção do próprio espaço.

Verificamos, portanto, que a maioria real, e a existência de quintal são os elementos da construção e do "sonho real" mais frequentes. O quintal a vez seja a maioria encontrada, por conta das condições de implantação da obra se obter "espaço" e um "contato com a natureza".

Verificamos também, em relação às salas, o uso serviu para as salas, que a maioria delas, há um compartilhamento multifuncional de quarto e sala e cozinha, o que, a maioria das vezes se deve à falta de espaço. Em muitos casos, a cozinha é muito reduzido. A sala que, normalmente desempenha funções múltiplas de sala e quarto e cozinha. Entretanto, quando é possível separar a sala e a cozinha e o compartilhamento de espaço que é, portanto, de maior espaço, demonstrando importância desses espaços em função que eles desempenham.

A maioria dos projetos em conjuntos habitacionais são conjuntos de apartamentos, muitas vezes com espaços reduzidos para uma pequena rede de serviço e a habitação uma sala e terraço ou de quintal que contém muitos elementos uma possível habitação e uma facilidade de que a maioria dos quintais possui. Esse tipo de habitação é o que está de acordo com a representação do "sonho real" da grande parte dos moradores nos dois estudos, o que muitas vezes proporciona uma qualidade, não só de relação, seja para os pais ou filhos ou mesmo quando está ocorrendo dentro do próprio espaço.

Essa obra aceita pode ser dada tanto por conta de inúmeras modificações que podem ser realizadas podendo por desqualificar os projetos ou técnicas ou transformar os elementos com prejuízo do ponto de vista arquitetônico ou de conforto ambiental por conta de mudanças nos projetos se orientada o de um profissional.

Além disso a obra aceita pode ocasionar um retorno para o local de origem ou para uma outra vez, o que pode impedir prejudicar os programas habitacionais podendo por manter o ritmo de crescimento das áreas servidas.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício de A. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Ed. Rio de Janeiro: Imprensa, 1977.

BERGAN, Kurt. **Casa Saudável: um estudo sobre os sentidos da moradia**. Dissertação de Mestrado PROARQ-UFRRJ, Rio de Janeiro.

BARDIN, Jeanine. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BONDY, Nelly. **Origens da Habitação Social no Brasil**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1998.

BORGOS, Marcelo Buarann. **Dos Barracos Proletários ao Favela-Bairro**. In: ZALUAR, A. B., ALBUQUERQUE, M. (Orgs). **Um século de favela**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGA, 2000. p. 1-10.

\_\_\_\_\_. **Favela, cidade e cidadania: o rio das Pedras**. In: BORGOS, Marcelo Buarann (Org). **A utopia da comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002. p. 1-10.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. 3ª Edição. São Paulo: Ed Perspectiva, 1989.

DURHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Seções de textos de José Arthur Góes e de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Alameda, 1978.

\_\_\_\_\_. **Representações individuais e representações coletivas**. In: Sociologia e filosofia. São Paulo: Cone, 1974.

FORTUNA, A.P. FORTUNA, J.P.P. **Associativismo na favela**. Revista de Administração Pública, 8(4): 17 - out. dez., 1974.

LEITAO, Gerônimo. **Dos barracos de madeira aos prédios de quitinetes: Uma análise do processo de produção da moradia na favela da Rocinha, ao longo de cinquenta anos**, Rio de Janeiro, 1974. 2 p.

LIMA, Nise Gerônimo de. **O movimento de favelados do rio de Janeiro – políticas do estado e lutas sociais (1954-1973)**. 1978. Dissertação de Mestrado IUPERJ, Rio de Janeiro.

MAC-DONELL, Genêdo. **O Santuário Nacional de N. S. do Loreto**, 1970 disponível em <http://www.sc.ior.br/ro-ncs/ncs7.htm> acessado em dezembro de 2002.

MONTEIRO, Marce.o. **Antídoto contra despejo**. Disponível em: [http://www.fevetecologia.com.br/publicacoes/cgi-bin/e\\_sys/cgi-bin/rt.htm?sid=4&fro...info\\_inde=1&infolid=...](http://www.fevetecologia.com.br/publicacoes/cgi-bin/e_sys/cgi-bin/rt.htm?sid=4&fro...info_inde=1&infolid=...). Acesso em 17/08/2011.

MOSCOVICI, Serge.o. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Edições Zouren, Petrópolis, 2003.

\_\_\_\_\_. **Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história**. In: ODELET, D. (org). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro. Ed. PROARQ, 2001.

NÓBREGA, Sheila Maria da. **Sobre a Teoria das Representações Sociais**. In: MOREIRA, Antônio Silva; F. redes, JOSÉ LINO, Jorge Correia (orgs). **Representações Sociais: teoria e prática**, 2.ed. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2008. p. 45-55.

PARISSE, Lucien. **Favelas de L'agglomeration de Rio de Janeiro. Leur place dans le processus d'urbanization**. Tese de doutorado do «cycle», du Centre de Géographie Appliquée de l'Université de Strasbourg, 1970.

SA, Cesario Pereira de. **Núcleo Central das representações sociais**. Petrópolis: Editora Zouren, 2003.

SILVA, Maria José de. **Favelas Cariocas: 1930-1964**. Ed. Contraponto. Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Heloísa Santos da. **Arquitetura Moderna para habitação popular: apropriação dos espaços no conjunto Residencial Mendes de Moraes (Pedregulho)**, Dissertação de Mestrado, PROARQ/FR, Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Urbanização, participação, urbanização: uma contribuição à análise histórica das propostas institucionais para as favelas do Rio de Janeiro, 1941-1980**. In: **Quilômetros de saúde pública**, 2004. Disponível em: [http://www.scie.br/scie.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-11X10808082700070004ng=pt\\_nrt=iso\\_lng=pt](http://www.scie.br/scie.php?script=sci_arttext&pid=S1518-11X10808082700070004ng=pt_nrt=iso_lng=pt)

\_\_\_\_\_. **ALLAPRIS, Lígia do Prado. Passa-se uma casa**. 2.ed. Rio de Janeiro. Zouren, 1978.

\_\_\_\_\_. **Gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais**. Revista Brasileira de ciências sociais. 1979.

AZULIN, Fessler. **Modernidade e moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro. Séculos XIX e XX**. 7 ed. s, Rio de Janeiro, 1917. 171p.

JANINA, L. Mo. **Baixada de Jacarepaguá: sertão e "Zona Sul"**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 2002.

ZALUAR, A. B., ALBUQUERQUE, M. (org.). **Um século de favela**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGA, 1999.

ZYLBERBERG, Sérgio. **Morro da Providência: memórias da "Favela"**. Prefeitura do Rio, Rio de Janeiro, 1999. 110p.

#### **Sites:**

<http://www.caju.rj.gov.br/internet/legisla/legisla.htm#leis>

<http://www.ljge.gov.br>

#### **Leis consultadas :**

Legislação dos Deputados. Lei nº 287 de 10 de setembro de 1977 (disponível em <http://www.caju.rj.gov.br>)

Legislação dos Deputados. Decreto nº 10 de 10 de junho de 1977 (disponível em <http://www.caju.rj.gov.br>)

Legislação dos Deputados. Decreto nº 781 de 7 de agosto de 1977 (disponível em <http://www.caju.rj.gov.br>)

Legislação dos Deputados. Decreto nº 4171 de 27 de fevereiro de 1977 (disponível em <http://www.caju.rj.gov.br>)

Legislação dos Deputados. Decreto nº 4780 de 3 de março de 1977 (disponível em <http://www.caju.rj.gov.br>)

#### **Jornais**

Jornal O Gaceta de 27 1977

Jornal O Gaceta de 18 1977

Jornal O Gaceta de 11 1977

Jornal O Gaceta de 04 1977

Jornal O Gaceta de 27 1977

## Bibliografia

ABRIC, J. A. n. C. A. (1990). A estrutura e as representações sociais. In MOREIRA, Antonio S. P. OLI EIRA, Denise Cristina Longo, **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**, Goiânia: AB, 1990.

ARRUDA, Angela. O perigoso da pesquisa e as Representações sociais no meio do rodoviarinho. In COSTINHO, M.P.L. LIMA, A.S. OLI EIRA, Denise FORTINATO, M.L. Longo. **Representações Sociais: a abordagem interdisciplinar**. João Pessoa: Universidade, 2000.

AZEVEDO, Roberto de. Anos de política de habitação popular (1940-1964): o projeto e a prática do BNH. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, 1988.

BITTAR, Alzir. **500 anos da casa no Brasil** e suas transformações da arquitetura e a utilização do espaço de moradia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 1990.

FINEP-GAP. **Habitação Popular: Inventário da ação governamental**. Rio de Janeiro: FINEP, 1980.

IPP - Instituto Pereira Passos. Moradia, segregação, desigualdade e sustentabilidade de uma cidade. **Coleção estudos da Cidade**, setembro 2002. Rio de Janeiro: IPP SM/PCR, 2002. Disponível em: <http://www.ze.ded.dos.rio.rj.gov.br>.

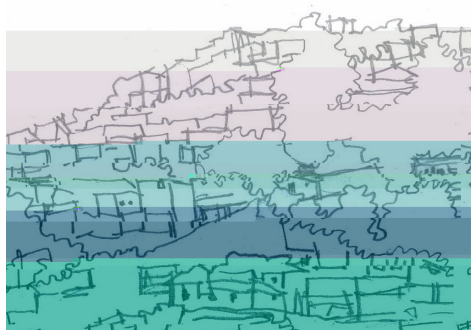
IPP - Instituto Pereira Passos. Os dados mais recentes sobre a população de uma cidade do Rio de Janeiro. **Coleção estudos da Cidade** Rio Estudos nº 4 fevereiro 2002. Rio de Janeiro: IPP SM/PCR, 2002. Disponível em: <http://www.ze.ded.dos.rio.rj.gov.br>.

ODELET, D. Representações Sociais urbanas e a moradia. In Odelet, D. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EER, 2001.

LEMOS, Carlos A.C. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1990.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

RYBCZYNSKI, João. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 1990.



**Anexos**



Av. a o E ve Nox Espe na a a rep ga - Rio de Janeiro - RJ  
**Q U E S T I O N Á R I O**

Pesquisador(a): \_\_\_\_\_ Data: \_ / \_ / 2005. Endereço: \_\_\_\_\_

**Parte 1: Representações Sociais**

01. Diga 4 palavras que vêm à sua mente quando escuta a palavra MORADIA. Na sua opinião, quais as 2 mais importantes? Justifique sua escolha.

---



---



---



---

**Parte 2: Conforto / Segurança / Tranqüilidade**

02. Na sua opinião, o que é morar com conforto?

---



---



---



---

03. Na sua opinião, o que é morar com segurança?

---



---



---



---

04. Na sua opinião, o que é morar com tranqüilidade?

---



---



---



---

**Parte 3: Características Sócio-Econômicas dos Moradores.**

05. Há quanto tempo mora aqui? .....

06. Perfil dos moradores do apartamento:

Residentes:	Grau de parentesco	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Renda (SM)	Tempo no conjunto	Onde morava
1.								
2.								
3.								
4.								
5.								
6.								
7.								
8.								
<b>TOTAIS</b>								

07. Escolha dentre as imagens:

- a. Aquelas que tem a ver com MORAR BEM:
- b. Aquelas que NÃO tem a ver com MORAR BEM:
- c. As três mais relacionadas com MORAR BEM:

Justifique sua resposta

- d. As três menos a ver com MORAR BEM:

Justifique sua resposta



Fotos para aplicação de questionário de representações sociais:



Imagem 01

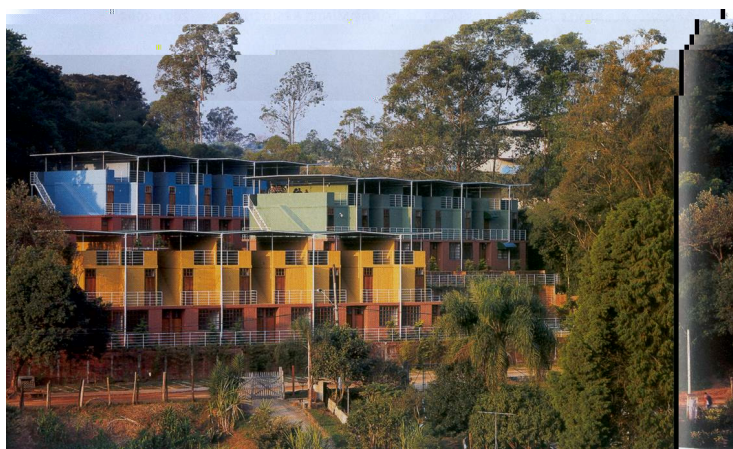


Imagem 02



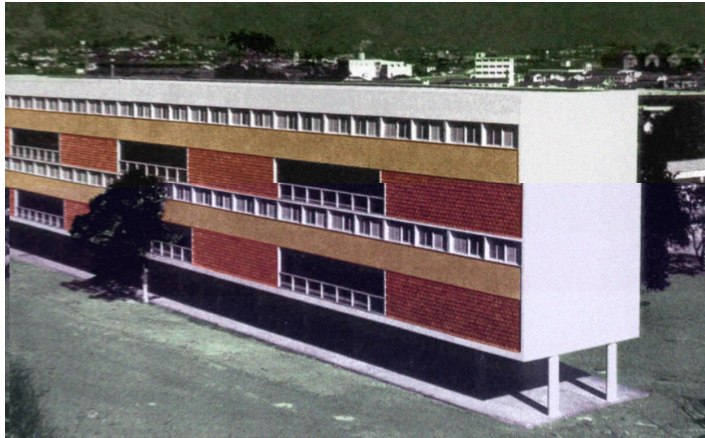
الـجـة ٧٤ | بـة نـة عـة نـة



الـجـة ٧٤ | بـة نـة عـة نـة



الـجـة ٧٤



لڳا گهر ٿو



لڳا گهر ٿو



لڳا گهر ٿو





1.2 გეგ. 18



1.2 გეგ. 19



1.2 გეგ. 17



11 ge. 1



1 ge. 1



1 ge. 1



la ge, 14

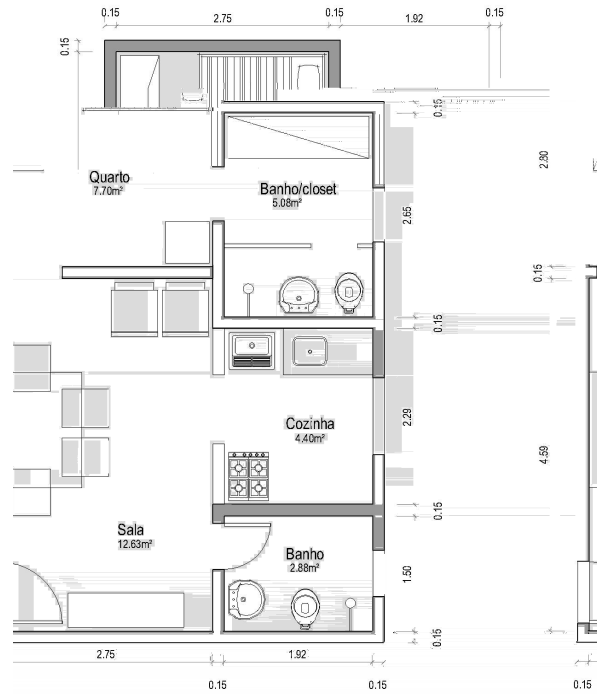
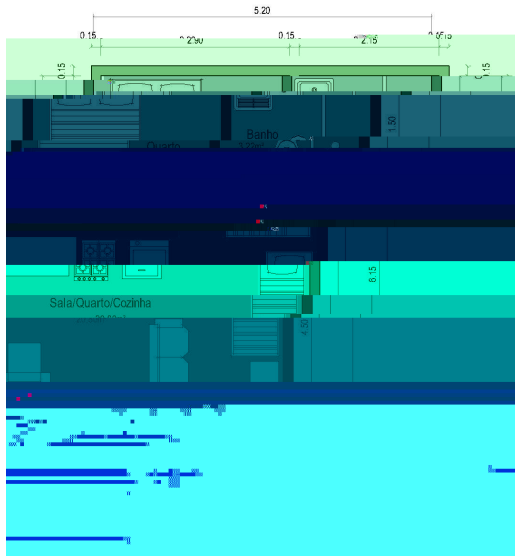


la ge, 1



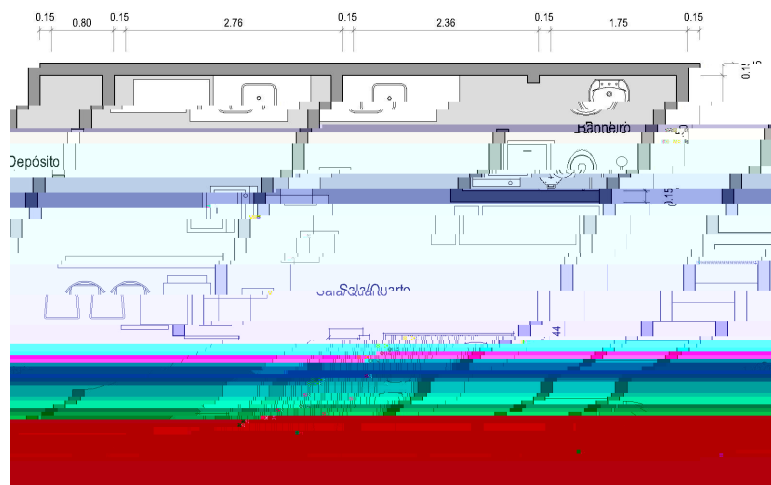
la ge, 1

**Plantas selecionadas de Nova Esperança:**



Questão rio 1

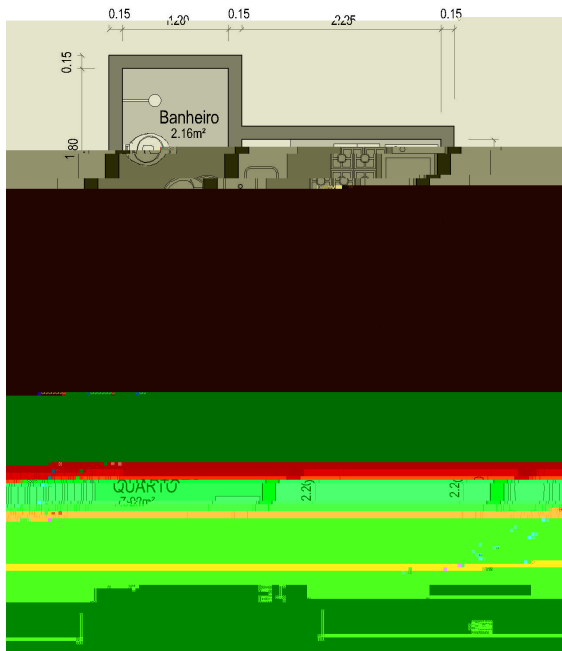
Questão rio 2



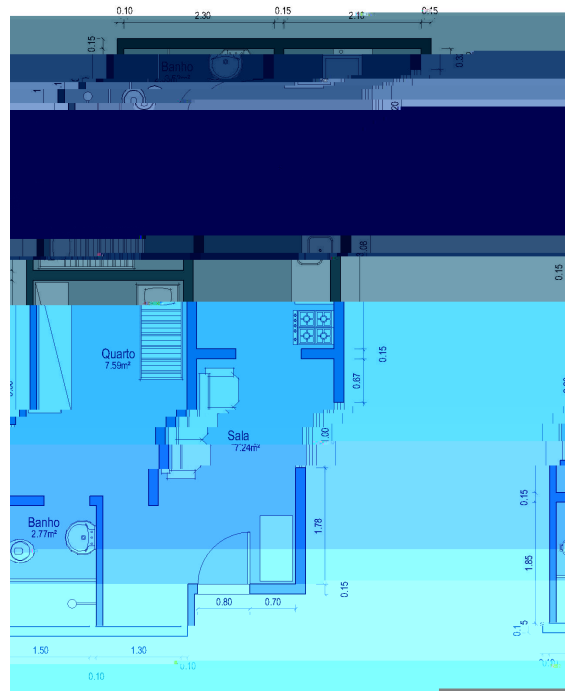
Questão rio 3



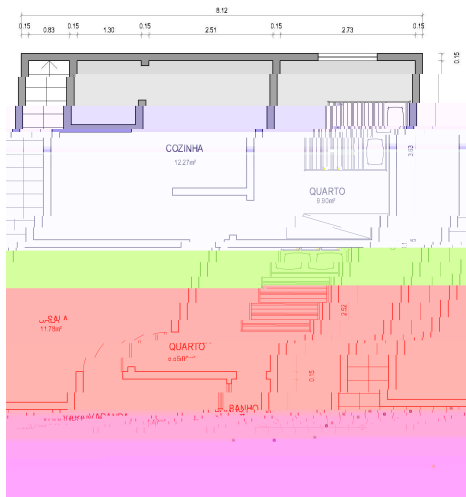




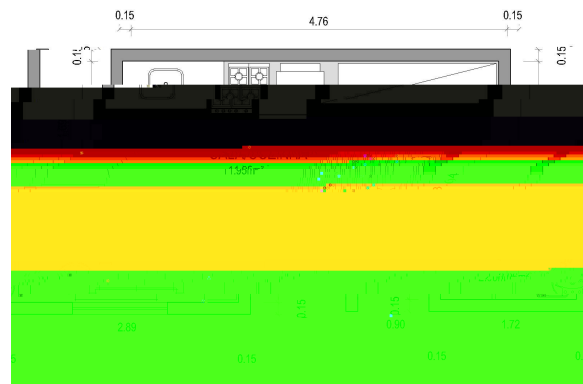
Questão rio 11



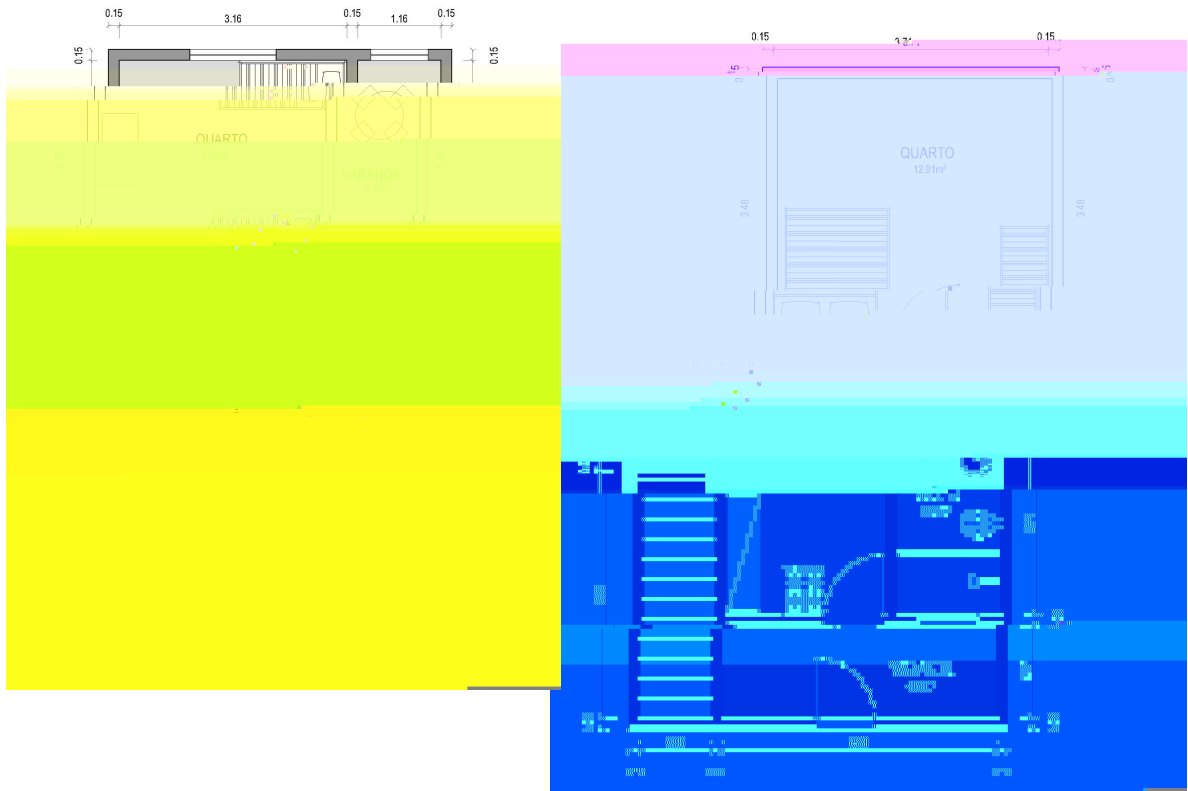
Questão rio 11



Questão rio 14

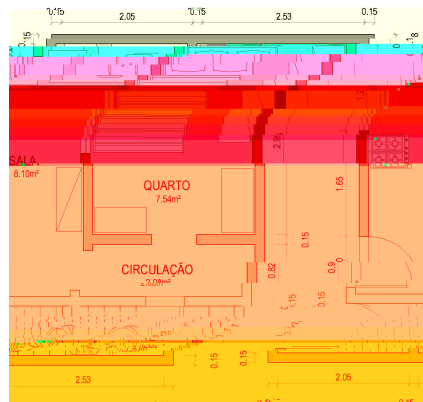


Questão rio 11

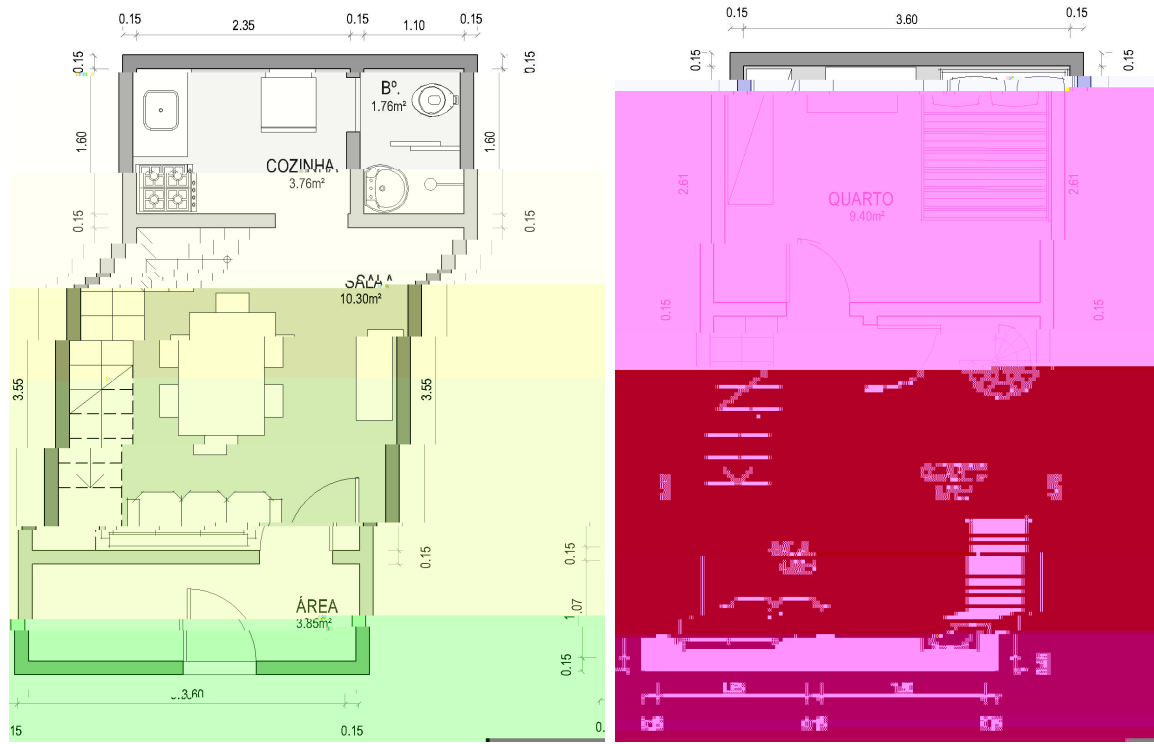


Questão rio 11

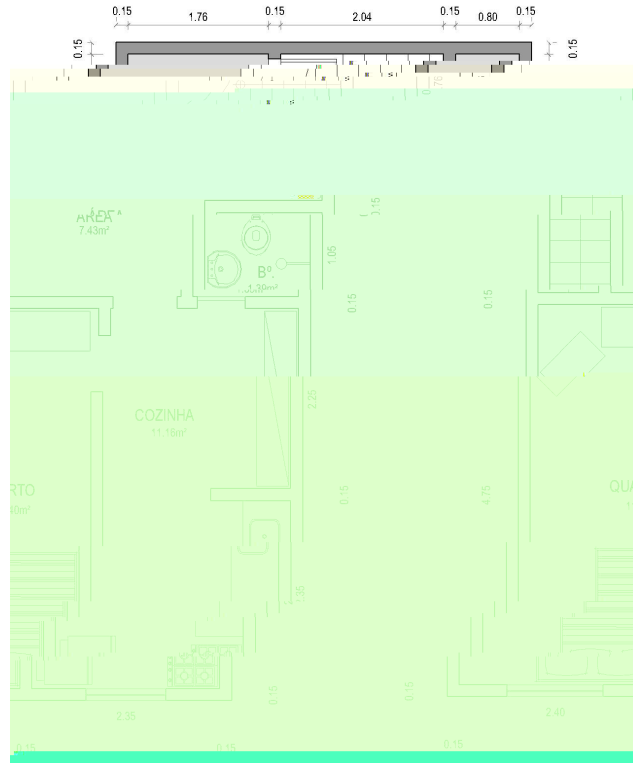
Questão rio 17



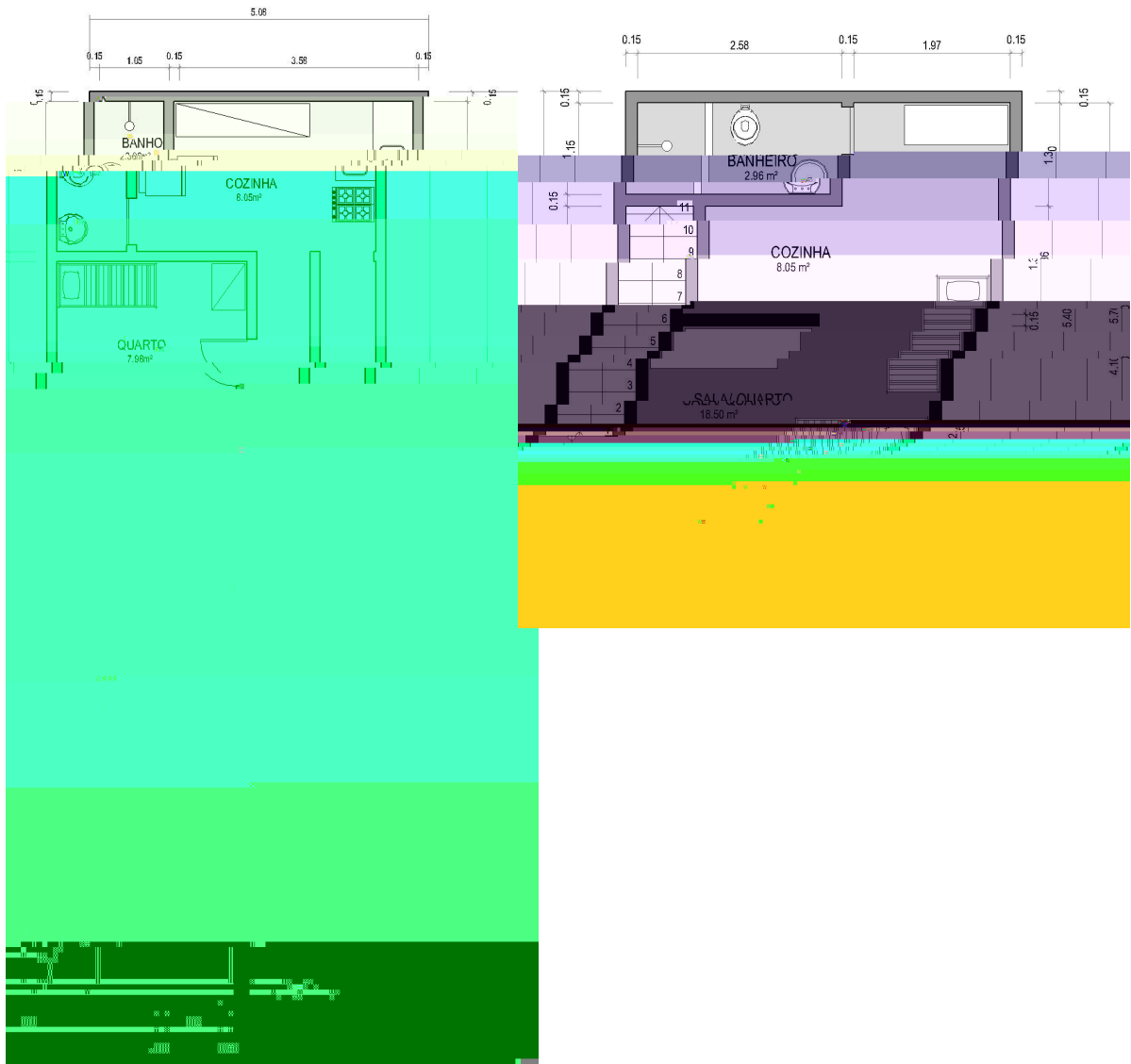
Questão rio 18





Questão rio 110

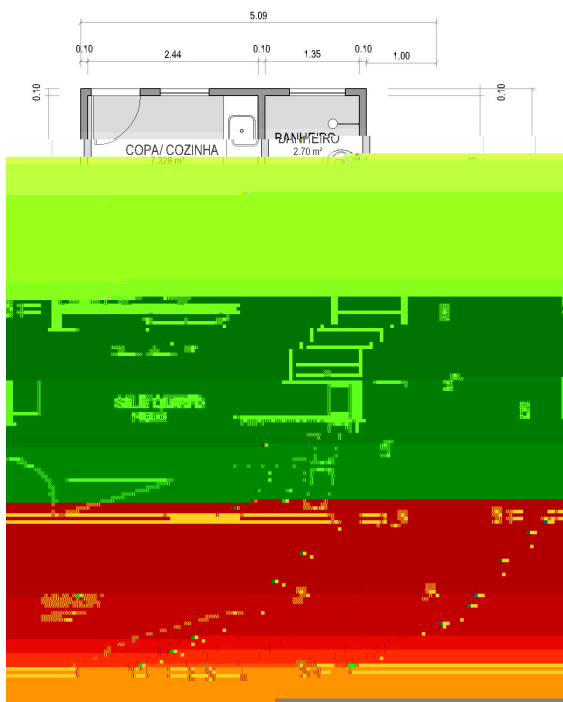
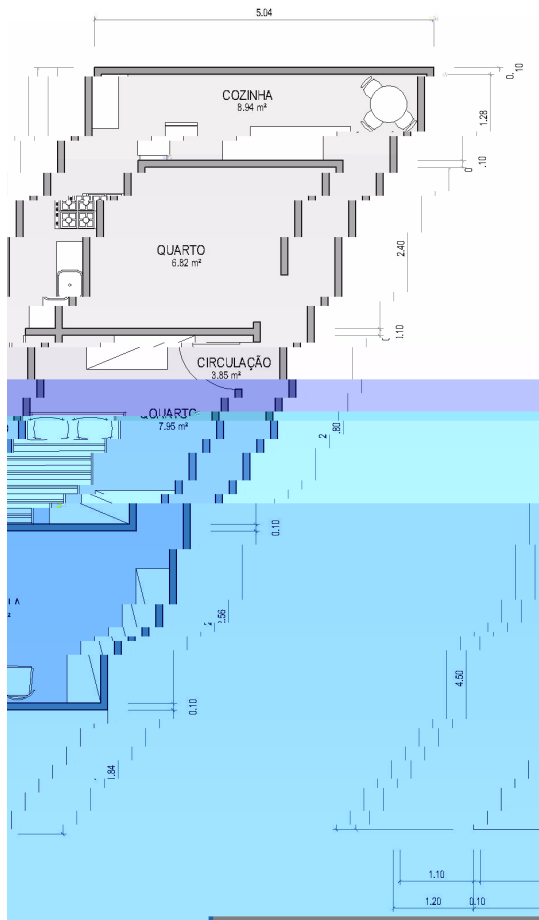


Questão rio 111



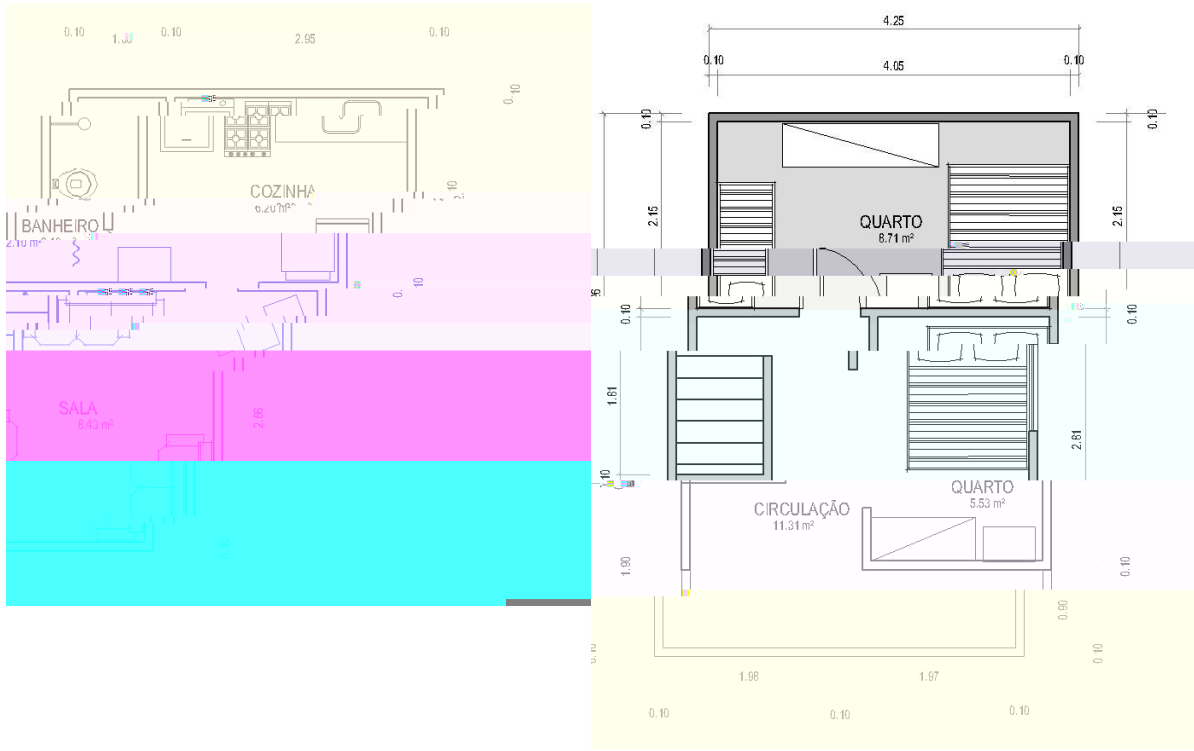
Questão rio 

Questão rio 

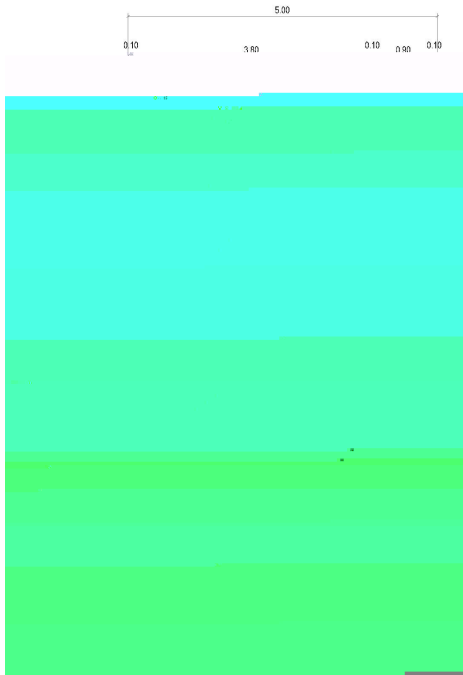


Questão rio

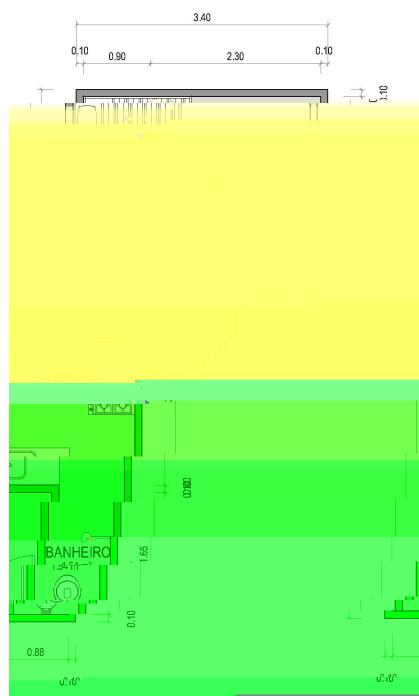
Questão rio



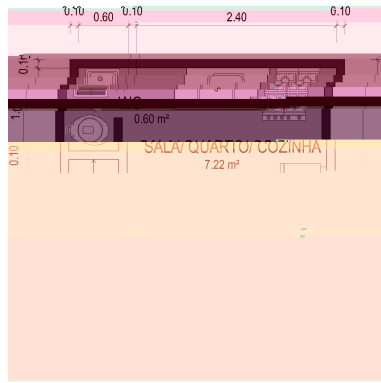
Questão rio 17



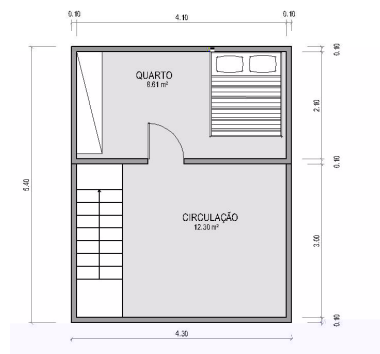
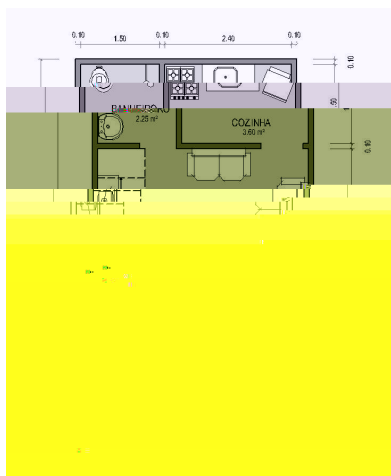
Questão rio 18



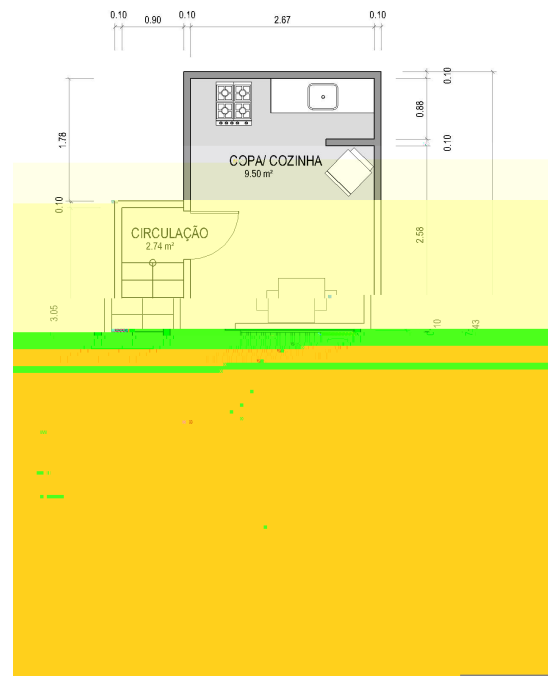
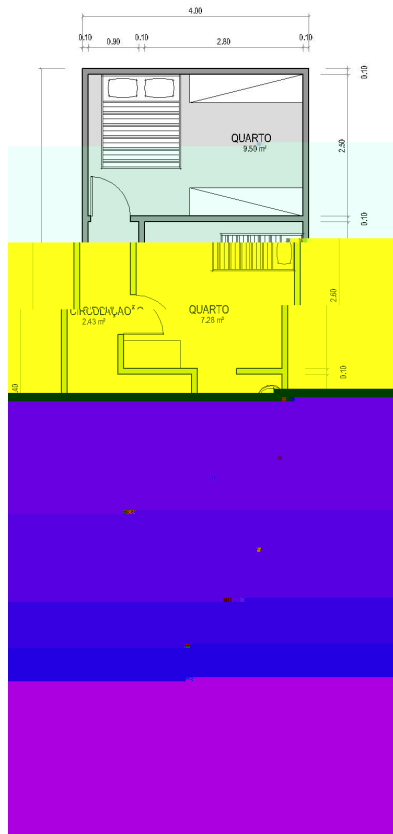
Questão rio 1



Questão rio 1



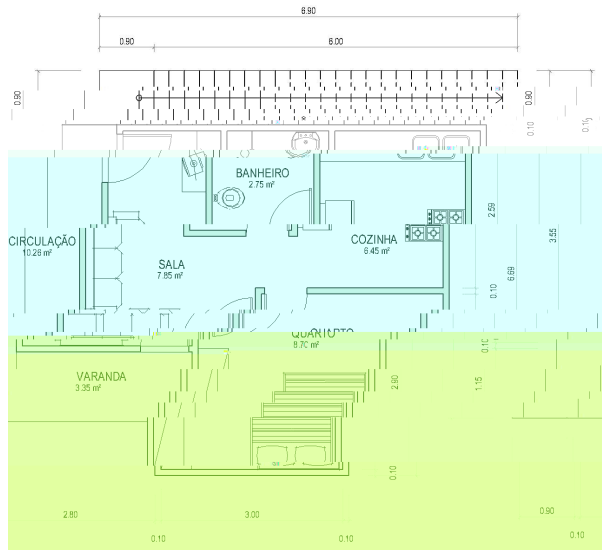
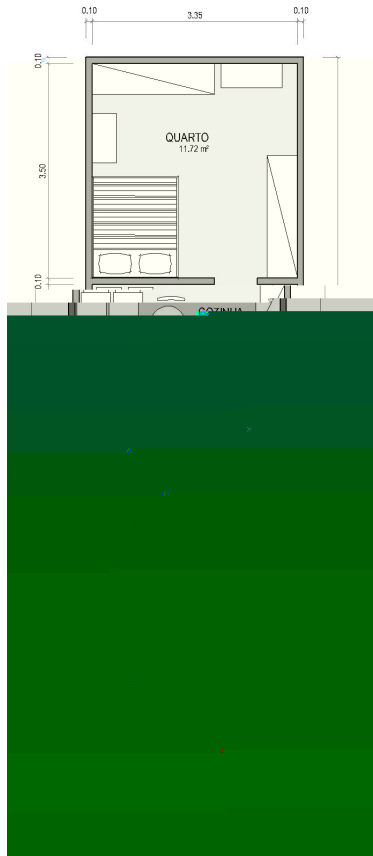
Questão rio 4



Questão rio 1

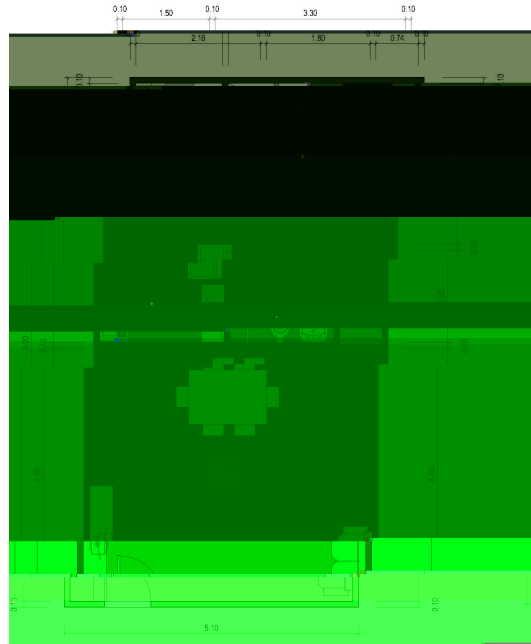
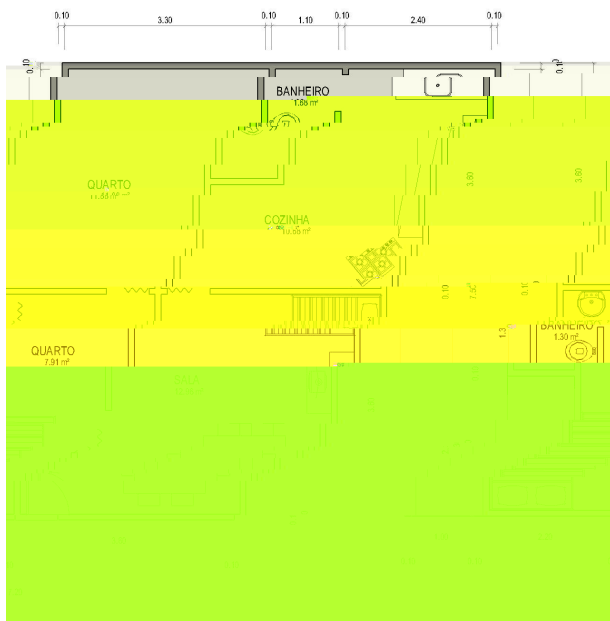
Questão rio 1





Questão rio 1 8

Questão rio 1 11

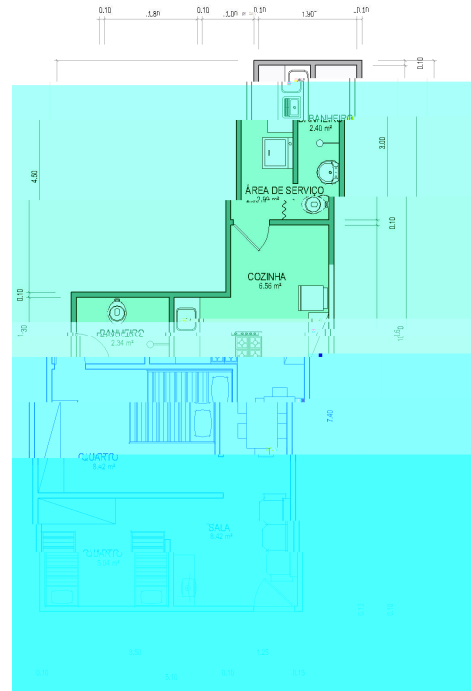
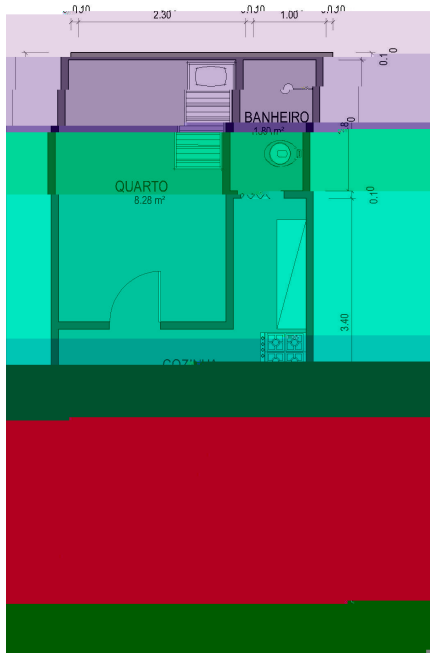


Questão rio 1

Questão rio 1 8

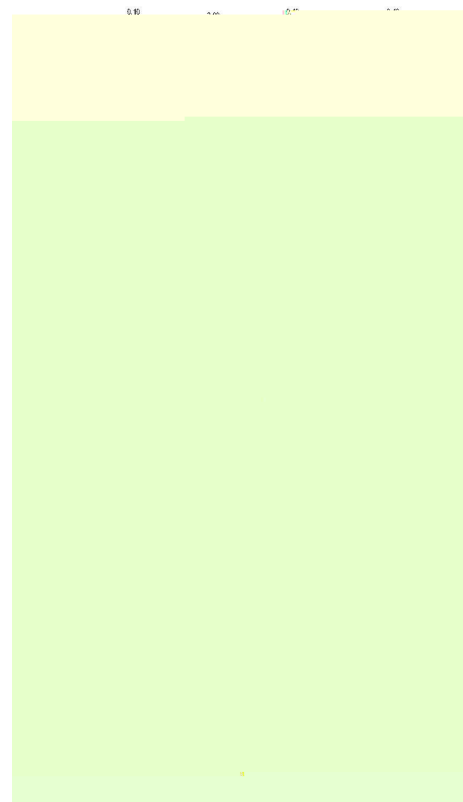
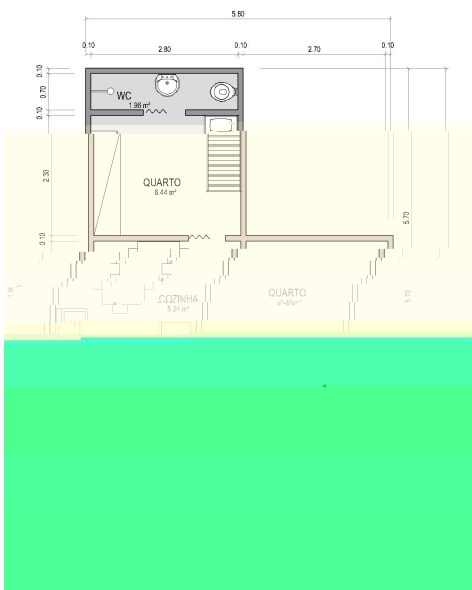


Questão rio ?



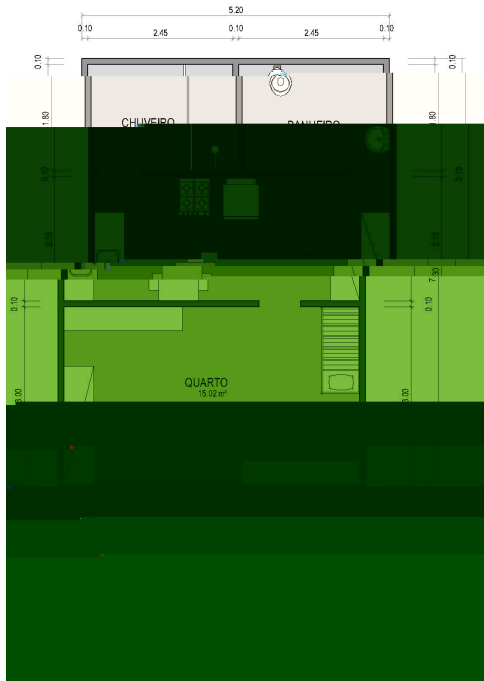
Questão rio 173

Questão rio 174

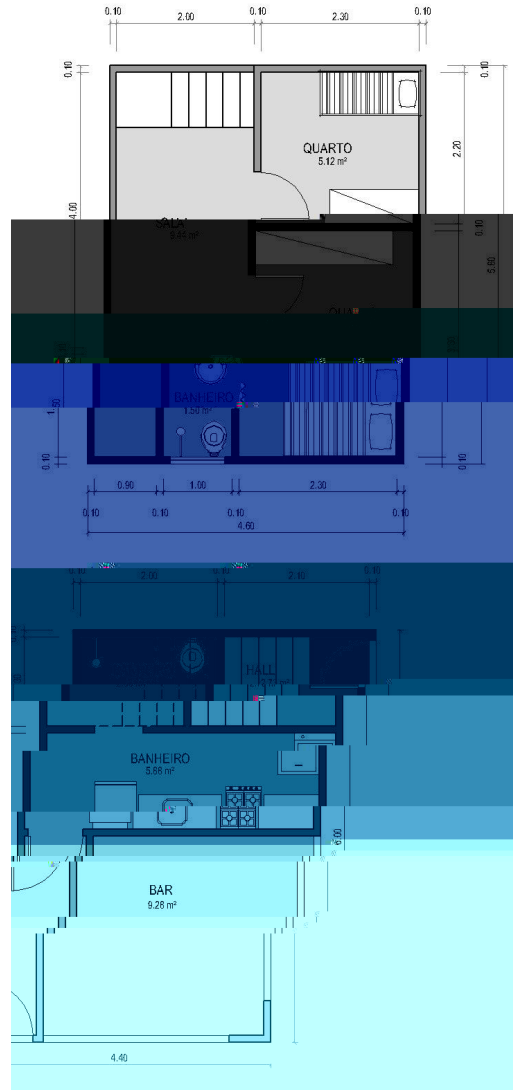


Questão rio 177

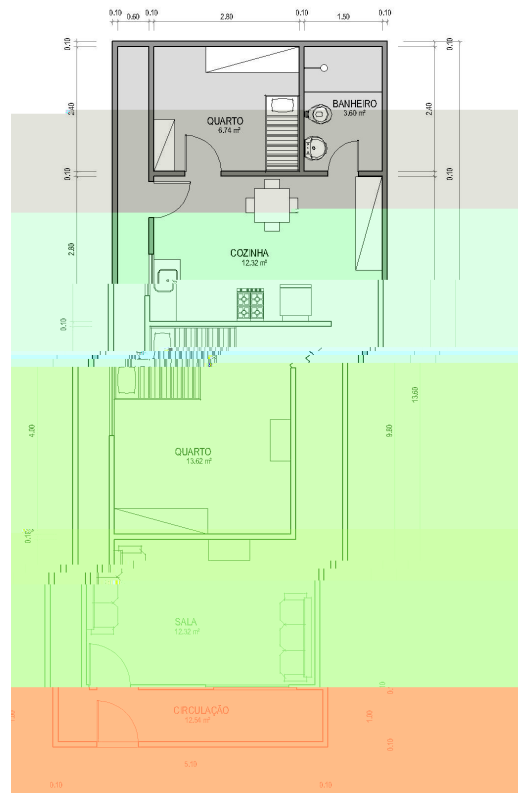
Questão rio 181



Questão rio 14

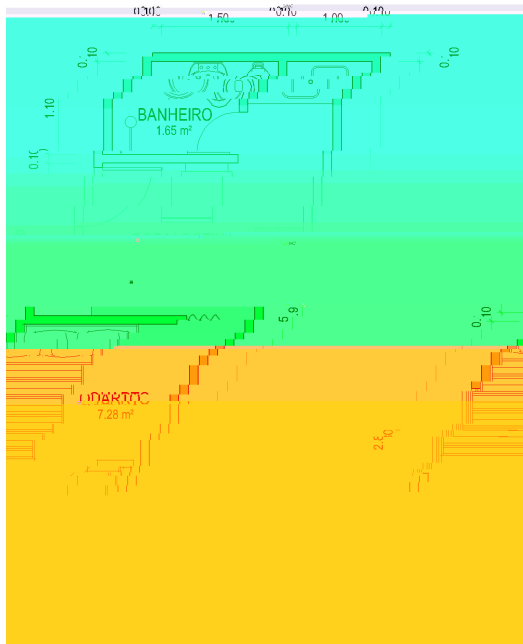


Questão rio 15



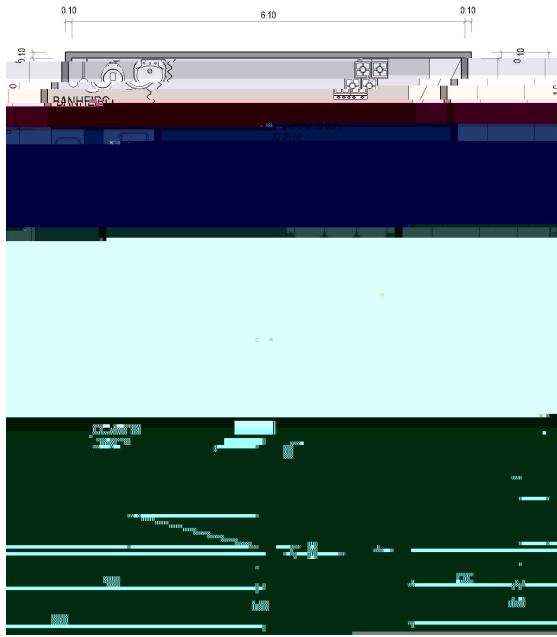
Questão rio 13

Questão rio 13



Questão rio 14

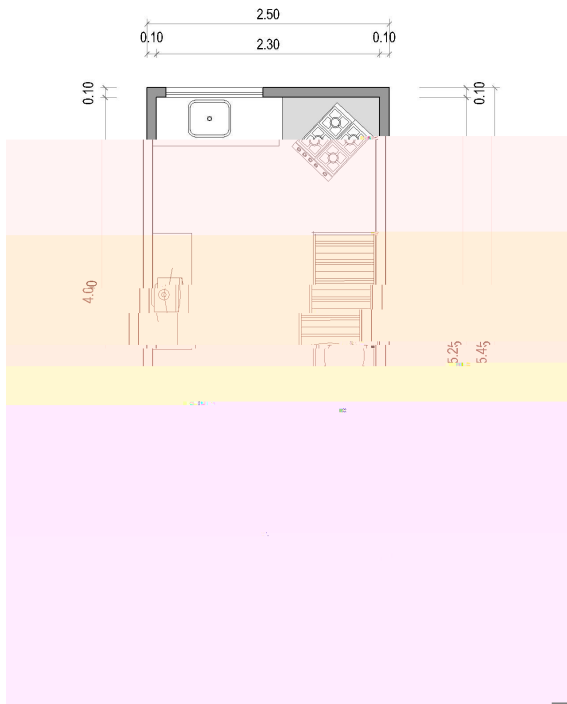
Questão rio 14



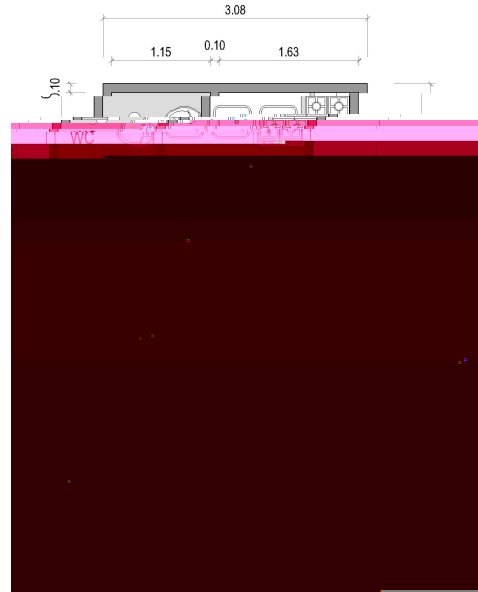
Questão rio 173



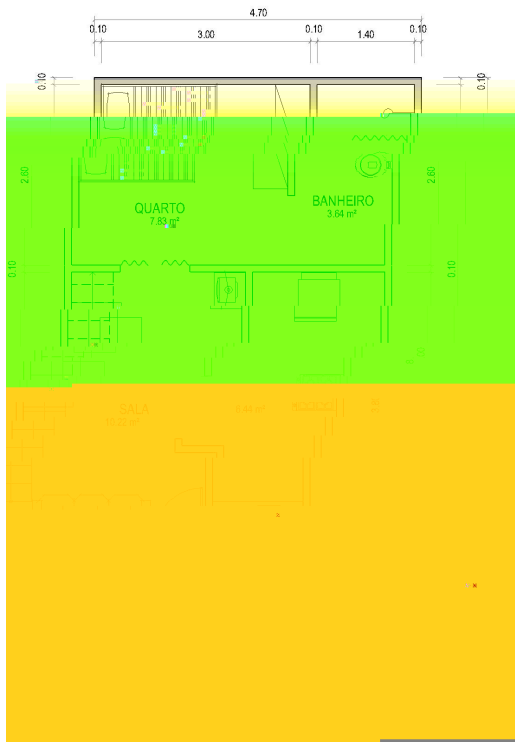
Questão rio 172



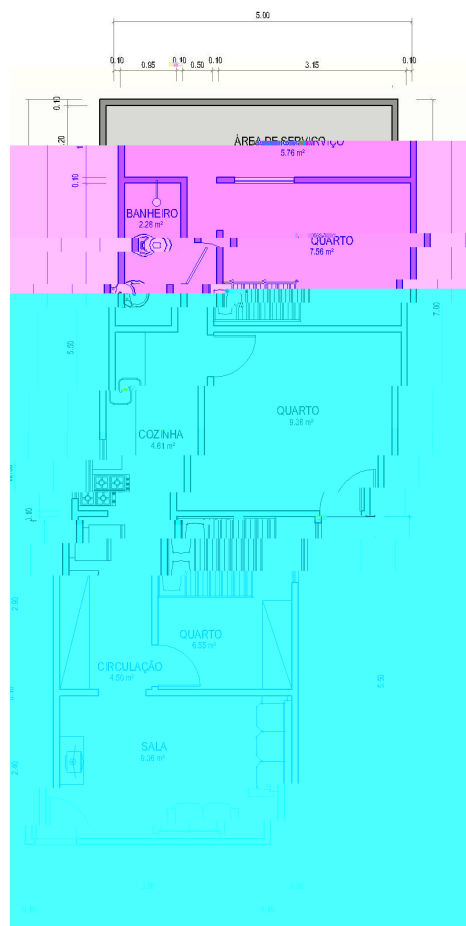
Questão rio 174



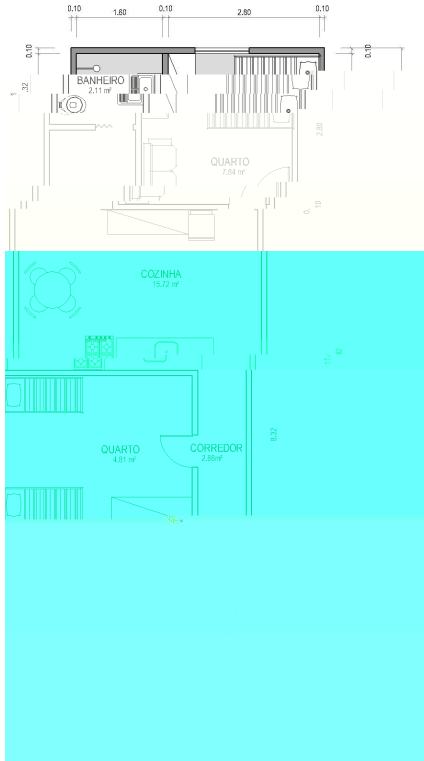
Questão rio 175



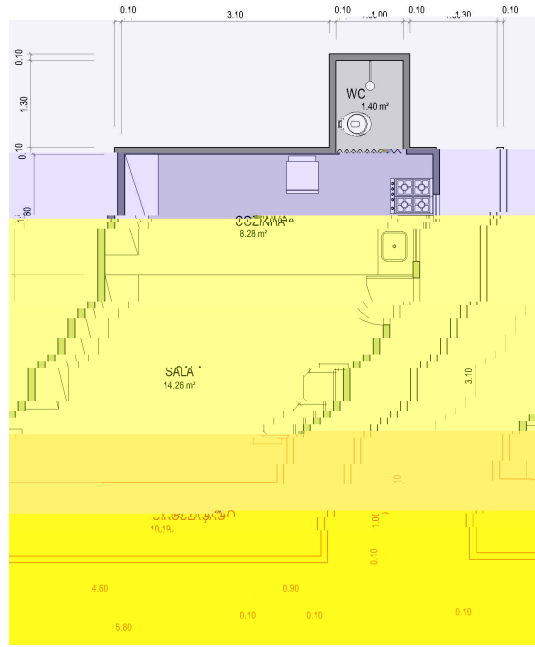
Questão 117



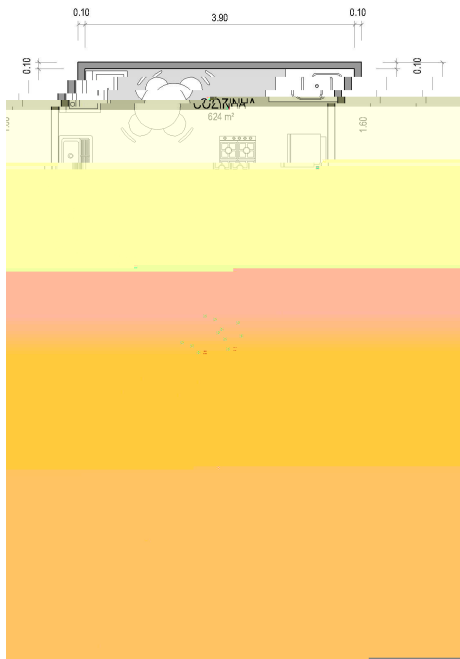
Questão 111



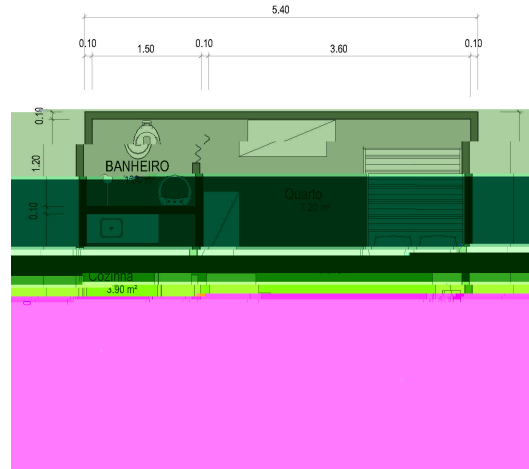
Questão rio 114



Questão rio 11

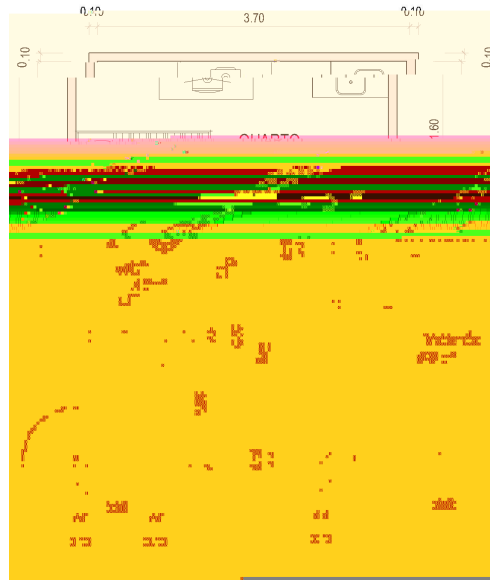
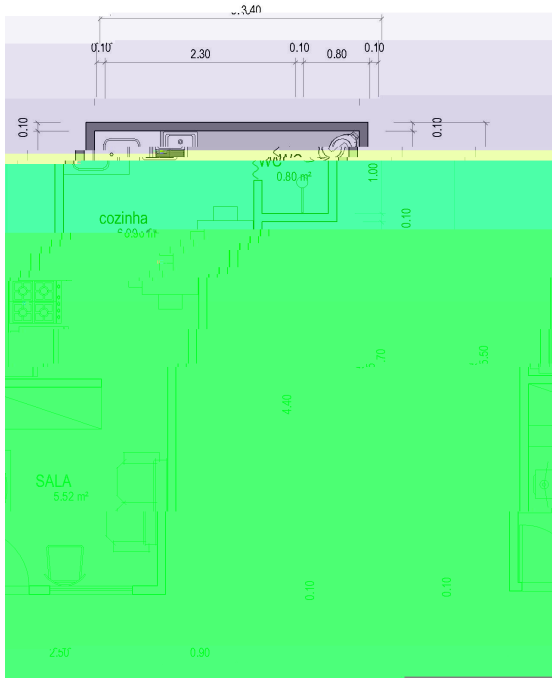


Questão rio 117



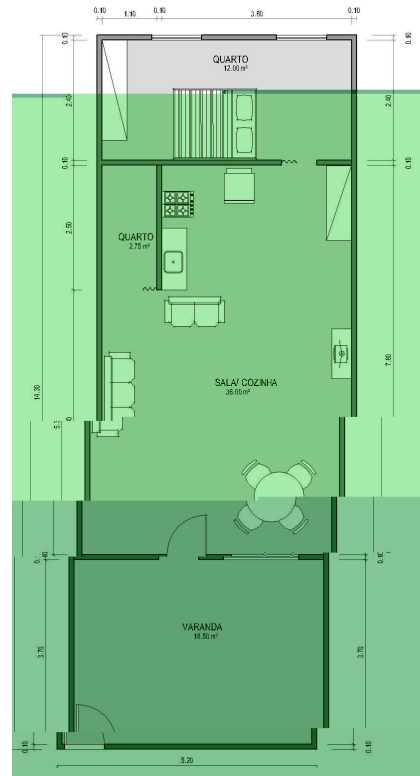
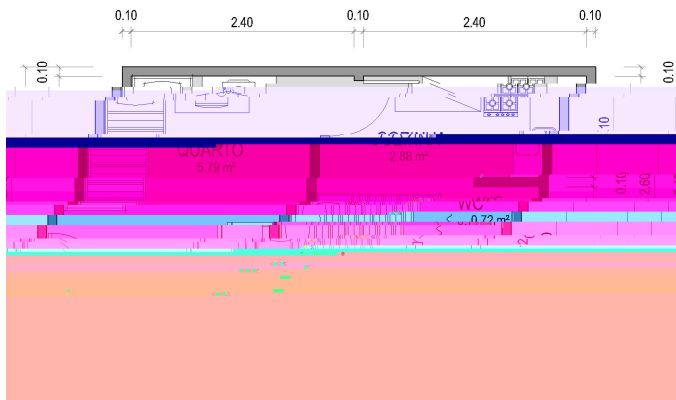
Questão rio 110





Question rio 1

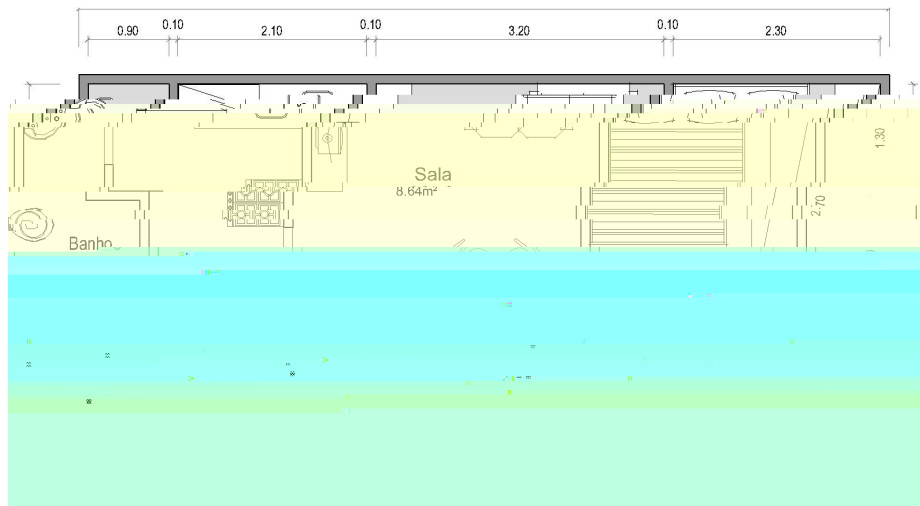
Question rio 1



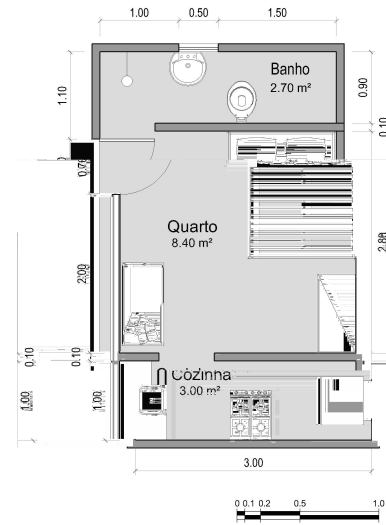
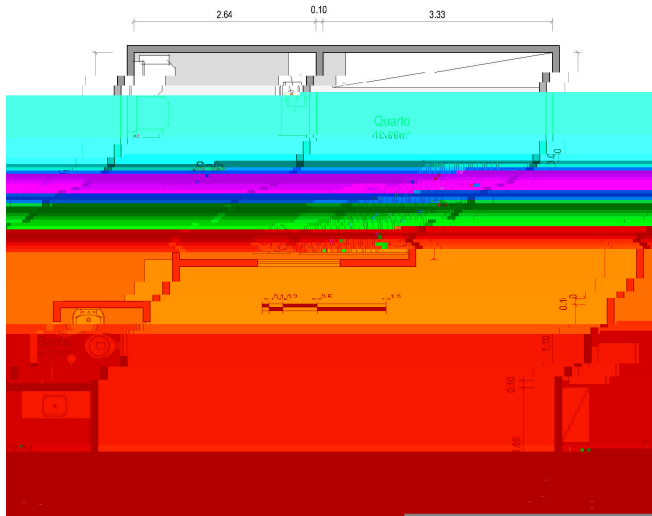
Question rio 1

Question rio 1

**Plantas selecionadas de Pereira da Silva:**

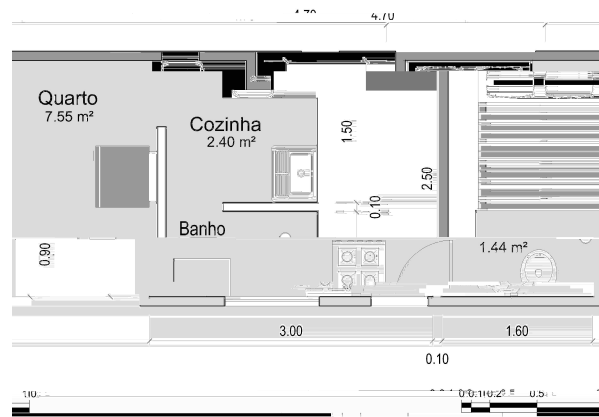
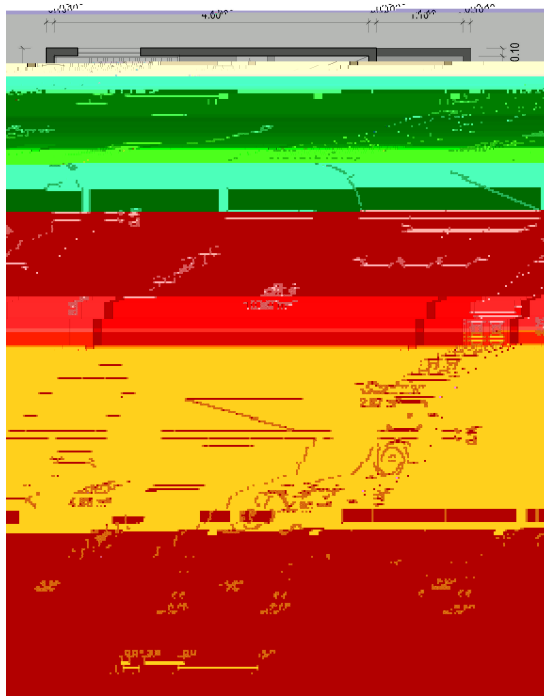


Questão rio 11



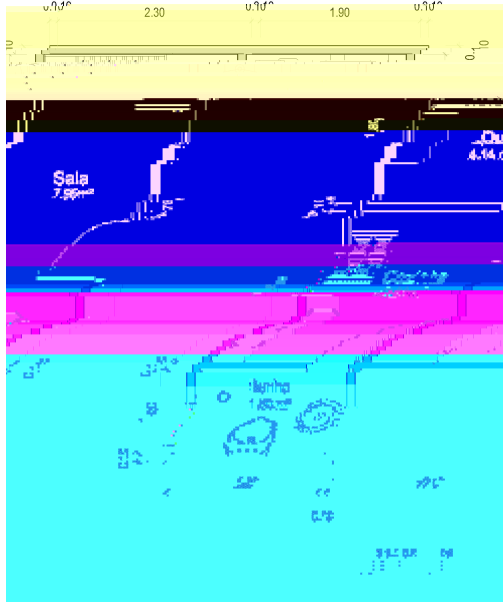
Questão rio 114

Questão rio 11

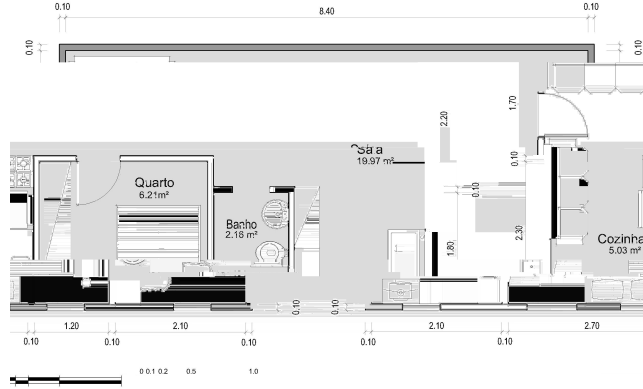


Questão rio 117

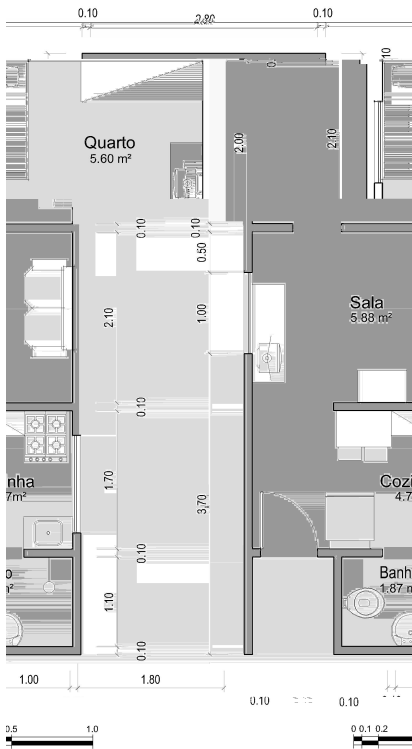
Questão rio 11



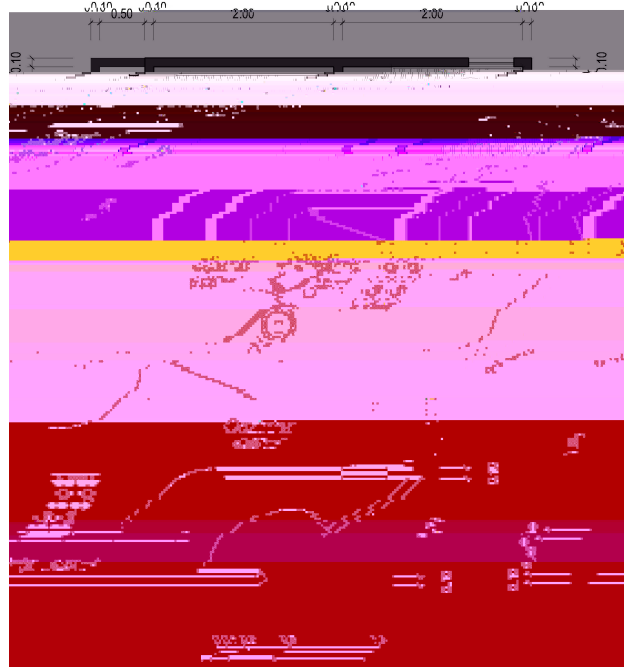
Questão rio 110



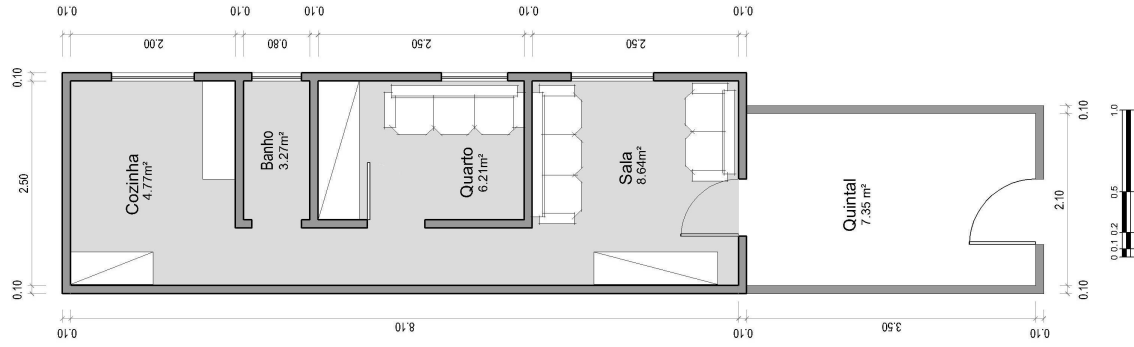
Questão rio 121



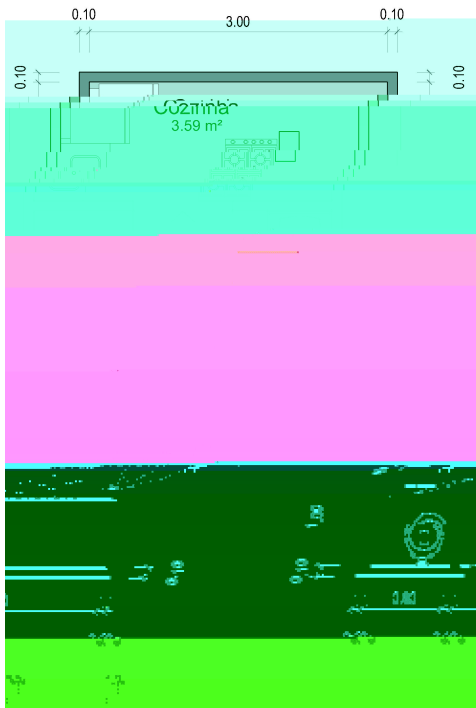
Questão rio 122



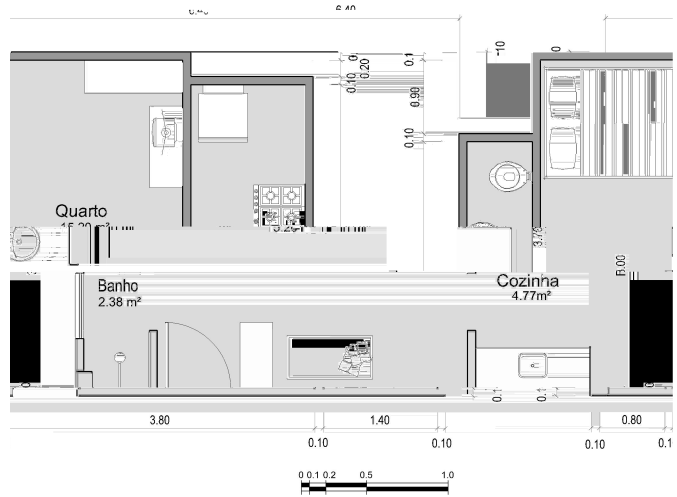
Questão rio 14



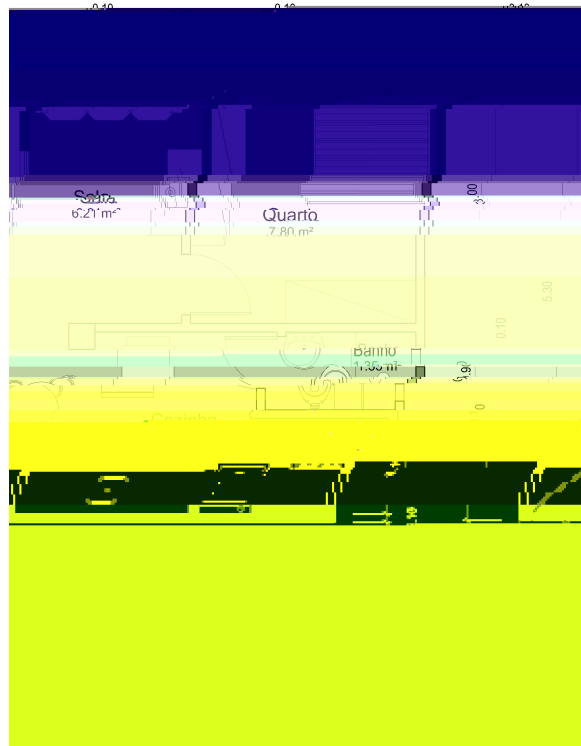
Questão rio 73



Questão rio 741



Questão rio 74

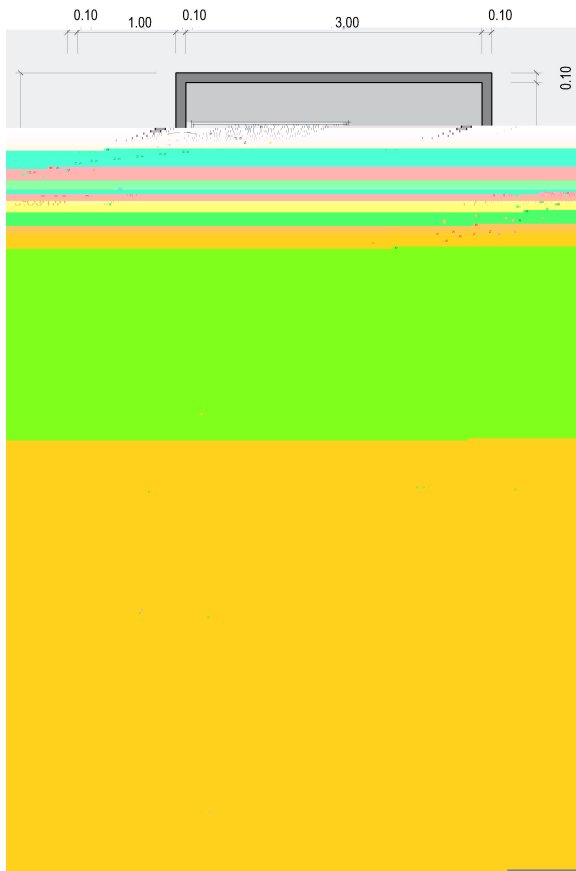


Questão rio 747

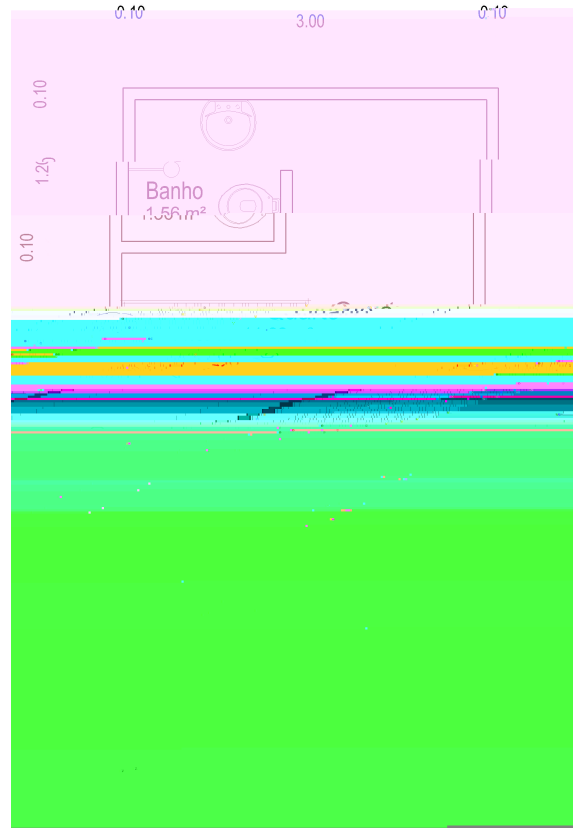
Questão rio 748



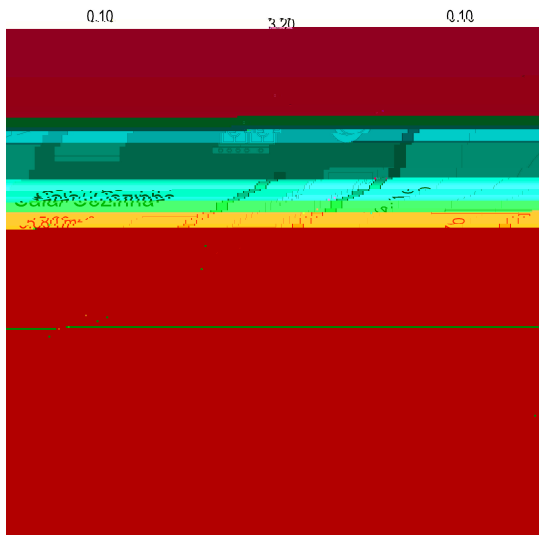
Questão rio 749



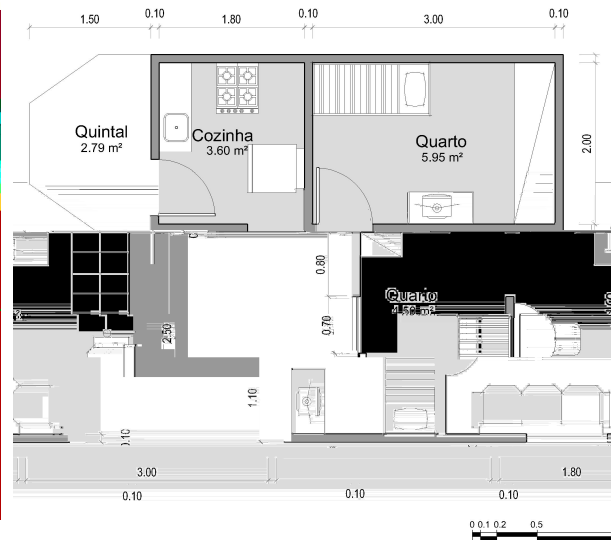
Questiõ rio 176



Questiõ rio 177



Questiõ rio 174



Questiõ rio 177





# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)